

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



OLAVO BILAC

---

# P O E S I A S

EDIÇÃO DEFINITIVA

PAÑOPLIAS, VIA LACTEA  
SARÇAS DE FOGO  
ALMA INQUIETA, AS VIAGENS  
O CAÇADOR DE ESMERALDAS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71  
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

---

1902



# P O E S I A S





OLAVO BILAC

---

# P O E S I A S

EDIÇÃO DEFINITIVA

PANOPLIAS, VIA LACTEA  
SARÇAS DE FOGO  
ALMA INQUIETA, AS VIAGENS  
O CAÇADOR DE ESMERALDAS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71  
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

---

1902





## PROFISSAO DE FÉ

Le poète est ciseleur,  
Le ciseleur est poète.  
VICTOR HUGO.

*Não quero o Zeus Capitolino  
Herculeo e bello  
Tallar no marmore divino  
Com o camartello.*

*Que outro — não eu! — a pedra corte  
Para, brutal,  
Erguer de Athene o altivo porte  
Descommunal.*

*Mais que esse vulto extraordinario,  
Que assombra a vista,  
Seduz-me um leve relicario  
De sino artista.*

*Invejo o ourives quando escrevo :  
Imito o amor*

*Com que elle, em ouro, o alto relevo  
Faz de uma flôr*

*Imito-o. E pois, nem de Carrara  
A pedra firo :  
O albo crystal, a pedra rara,  
O onyx prefiro.*

*Por isso, corre, por servir-me,  
Sobre o papel  
A penna, como em prata firme  
Corre o cinzel.*

*Corre; desenha, enfeita a imagem,  
A idéa veste :  
Cinge-lhe ao corpo a umpla roupagem  
Azul-celeste.*

*Toree, aprimora, alteia, lima  
A phrase; e, emfim,  
No verso de ouro engasta a rima,  
Como um rubim.*

*Quero que a estrophe crystallina,  
Dobrada ao geito  
Do ourives, saia da officina  
Sem um defeito :*

*E que o lavor do verso, acaso,  
Por tão subtil,*

*Possa o lavor lembrar de um caso  
De Becerril.*

*E horas sem conto passo, mudo,  
O olhar attento,  
A trabalhar, longe de tudo  
O pensamento.*

*Porque o escrever — tanta pericia,  
Tanta requer,  
Que officio tal .. nem ha noticia  
De outro qualquer.*

*Assim procedo. Minha penna  
Segue esta norma,  
Por te servir, Deusa serena,  
Serena Fôrma!*

*Deusa! A onda vil, que se aroluna  
De um torro mar,  
Deixa-a crescer, e o lodo e a espuma  
Deixa-a volar!*

*Blasphemo, em grita surda e horrendo  
Impeto, o bando  
Venha dos Barbaros crescendo,  
Vociferando...*

*Deixa-o : que venha e uivando passe  
— Bando feroz!*

*Não se te mude a côr da face  
E o tom da voz!*

*Olha-os sómente, armada e prompta,  
Radiante e bella :  
E, ao braço o escudo, a raiva affronta  
D'essa procella!*

*Este que á frente vem, e o todo  
Possue miñaz  
De um Vandalo ou de um Wisigodo  
Cruel e audaz;*

*Este, que, dentre os mais, o vulto  
Ferrenho alteia,  
E, em jacto, expelle o amargo insulto  
Que te enlameia :*

*É em vão que as forças cança, e á lucta  
Se atira; é em vão  
Que brande no ar a maça bruta  
Á bruta mão.*

*Não morrerás, Deusa sublime!  
Do throno egregio  
Assistirás intacta ao crime  
Do sacrilegio.*

*E, se morreres porventura,  
Possa eu morrer*

*Contigo, e a mesma noite escura  
Nos envoltee!*

*Ah! rev por terra, profanada,  
A ara partida,  
E a Arte immortal aos pés calcada,  
Prostituida!...*

*Ver derribar do eterno solio  
O Bello, e o som  
Ouir da queda do Aeropolio,  
Do Parthenon!...*

*Sem sacerdote, a Crença morta  
Sentir, e o susto  
Ver, e o exterminio, entrando a porta  
Do templo augusto!...*

*Ver esta lingua, que cultiro,  
Sem ouropéis,  
Mirrada ao halito nocivo  
Dos infieis!...*

*Não! Morra tudo o que me é caro,  
Fique eu sósinho!  
Que não encontre um só amparo  
Em meu caminho!*

*Que a minha dor nem a um amigo  
Inspire dô...*

*Mas, ah! que eu fique só contigo,  
Comtigo só!*

*Vive! que eu viverei, servindo  
Teu culto, e, obscuro,  
Tuas custodias esculpindo  
No ouro mais puro.*

*Celebrarei o teu officio  
No altar : porém,  
Se inda é pequeno o sacrificio,  
Morra eu tambem!*

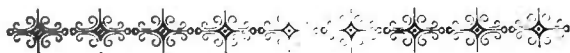
*Caia eu tambem, sem esperança,  
Porém tranquillo,  
Inda, ao cahir, vibrando a lança,  
Em prol do Estylo!*

1886.



# PANOPLIAS





## A MORTE DE TAPYR

### I

Uma columna de ouro e purpuras ondeantes  
Subia o firmamento. Accesos véos, radiantes  
Rubras nuvens, do sol á viva luz, do Poente  
Vinham, soltas, correr o espaço resplendente.  
Foi a essa hora, — ás mãos o arco possante, á cinta  
Do leve enduape a tanga em varias cores tinta,  
A aiucára ao pescoço, o kanitar á testa, —  
Que Tapyr penetrou o seio da floresta.  
Era de vê-lo assim, com o vulto enorme ao peso  
Dos annos acurvado, o olhar faiscando acceso,  
Firme o passo apezar da extrema idade, e forte.  
Ninguem, como elle, em face, altivo e herculeo, a morte  
Tantas vezes fitou... Ninguem, como elle, o braço  
Erguendo, a lança aguda atirava no espaço.  
Quanta vez, do napy ao rouco troar, ligeiro  
Como a corça, ao rugir do estrepito guerreiro  
O tacape brutal rodando no ar, terrível,

Incólme, vibrando os golpes, — insensível  
 As preces, ao clamor dos gritos, surdo ao pranto  
 Das victimas, — passou, como um tufão, o espanto,  
 O extermínio, o terror atraz de si deixando!  
 Quanta vez do inimigo o embate rechaçando  
 Por si só, foi seu peito nma muralha erguida,  
 Em que vinlia bater e quebrar-se vencida  
 De uma tribu contraria a cada medonha e bruta!  
 Onde um pulso que, tal como seu pulso, á lucta  
 Costumado, um por um, ao chão arremessasse  
 Dez combatentes? Onde um arco, que atirasse  
 Mais celere, a zunir, a fina flecha hervada?  
 Quanta vez, a vagar na floresta cerrada,  
 Peito a peito luctou com as fulvas onças bravas,  
 E as onças a seus pés tombaram, como escravas,  
 Nadando em sangue quente, e, em nada, o echo infinito  
 Despertando, ao morrer, com o derradeiro grito!...  
 Quanta vez! E hoje velho, hoje abatido!

## II

E o dia

Entre os sanguineos tons do Occaso decabia...  
 E era tudo em silencio, adormecido e quedo...  
 De subito um tremor correu todo o arvoredo :  
 E o que ha pouco era calma, agora é movimento,  
 Treme, agita-se, accorda, e se lastima... O vento

Falla Tapyr! Tapyr! E finda a tua raça!  
 É em tudo a mesma voz mysteriosa passa;  
 As arvores o chão despertam, repetindo:  
 Tapyr! Tapyr! Tapyr! O teu poder é findo!

E, a essa hora, ao fulgor do derradeiro raio  
 Do sol, que o disco de ouro, em lucido desmaio,  
 Quasi no extremo céu de todo mergulhava,  
 Aquella estranha voz pela floresta echoava  
 Num confuso rumor entrecortado, insano...  
 Como que em cada tronco havia um peito humano  
 Que se queixava... E o velho, humido o olhar, seguia.  
 E, a cada passo assim dado na matta, via  
 Surgir de cada canto uma lembrança... Fôra  
 D'esta immensa mangueira á sombra protectora  
 Que um dia reponsára... Além, a arvore annosa,  
 Em enjos galhos, no ar erguidos, a formosa,  
 A doce Juracy a réde suspendêra,  
 — A réde que, com as mãos finissimas, tecêra  
 Para elle, seu senhor e seu guerreiro amado!  
 Alli... — contai-o vós, contai-o, embalsamado  
 Retiro, ninhos no ar suspensos, aves, flores!...  
 Contai-o — o poema ideal dos primeiros amores,  
 Os corpos um ao outro estreitamente unidos,  
 Os abraços sem conta, os beijos, os gemidos,  
 E o rumor do noivado, estremeendo a matta,  
 Sob o placido olhar das estrellas de prata...

Juracy! Juracy! virgem morena e pura!  
 Tu tambem! tu tambem desceste á sepultura!...

## III

E Tapyr caminhava... Ante elle agora um rio  
Corria ; e a agua tambem, ao crebro murmurio  
Da corrente, a rolar, gemia auciosa e clara :  
— Tapyr ! Tapyr ! Tapyr ! Que é da veloz igara,  
Que é dos remos dos teus ? Não mais as rédes finas  
Vém na pesca sondar-me as aguas crystallinas...  
Ai ! não mais beijarei os corpos luxuriantes,  
Os curvos seios nús, as fórmas palpitantes  
Das morenas gentis de tua tribu extincta !  
Não mais ! Depois dos teus de bronzea pelle tinta  
Com os succos do urucú, de pelle branca vieram  
Outros, que a ti e aos teus nas selvas succederam...  
Ai ! Tapyr ! ai ! Tapyr ! A tua raça é morta ! —  
E o indio, tremulo, ouvindo aquillo tudo, absorta  
A alma em scismas, seguiu, curva a cabeça ao peito...  
Agora da floresta o chão não mais direito  
Estendia-se, e plano era um declive ; e quando  
Pelo tortuoso anfracto, a custo, caminhando  
Ao crepusculo, ponde o velho, passo a passo,  
A montanha alcançar, viu que a noite no espaço  
Vinha a negra legião das sombras esparzindo...  
Crescia a treva. A medo, entre as nuvens luzindo,  
No alto, a primeira estrella o calix de ouro abria...  
Outra após scintillou na esphera immensa e fria...

Outras vieram... e, em breve, o céo de lado a lado  
Foi como um cofre real de perolas coalhado.

IV

Então, Tapyr, de pé, no arco apoiado, a fronte  
Erguen, e o olhar passeou no infinito horizonte :  
Acima o abysmo, abaixo o abysmo, o abysmo adiante...  
E, longe, entre o negror da noite, vin, distante,  
Alvejando no valle, as tabas do estrangeiro...  
Tudo extinto!... era elle o ultimo guerreiro!  
E do valle, do céo, do rio, da montanha,  
De tudo que o cercava, ao mesmo tempo, estranha,  
Rouca, extrema, rompen a mesma voz :

— E' finda

Toda a raça dos tens — só tu és vivo ainda!  
Tapyr! Tapyr! Tapyr! morre tambem com ella!  
Já não falla Tupan no ulular da procella...  
As batalhas de outr'ora, os arcos e os tacapes,  
As florestas sem fim de flechas e acanguapes,  
Tudo passou! Não mais a fera inubia á bocca  
Dos guerreiros, Tapyr, soa medonha e rouca.  
E mudo o maracá. A tribu exterminada  
Dorme agora feliz na Montanha Sagrada...  
Nem uma réde o vento entre os gallios agita!  
Não mais o vivo som de estranha dausa, e a grita  
Dos Pagés, ao luar, por baixo das folhiagens,

Rompe os ares... Não mais! As poracés selvagens,  
As guerras e os festins, tudo passou! E' finda  
Toda a raça dos teus... Só tu és vivo ainda!

## V

E n'um longo soluço a voz mysteriosa  
Expirou... Caminhava a noite silenciosa :  
E era tranquillo o céu; era tranquilla em roda,  
Immersa em plumbeo somno, a natureza toda.

E, no tópe do monte, era de ver erguido  
O vulto de Tapyr... Inesperado, um ruido  
Secco, surdo sôou, e o corpo do guerreiro  
De subito rolou pelo despenhadeiro...  
E o silencio outra vez cahiu.

N'esse momento,  
Apontava o luar no curvo firmamento.



## A GONÇALVES DIAS

Celebraste o domínio soberano  
Das grandes trilhas, o tropel fremente  
Da guerra bruta, o entrechoear insano  
Dos tacapes vibrados rijamente,

O maracá e as flechas, o estridente  
Troar da imbuia, e o kauitar indiano...  
E, eternizando o povo americano,  
Vives eterno em teu poema urgente.

Estes revoltos, largos rios, estas  
Zonas fecundas, estas seculares  
Verdejautes e amplíssimas florestas

Guardam teu nome : e a lyra que pulsaste  
Lida se escuta, a derramar nos ares  
O estridor das batalhas que contaste.

## GUERREIRA

É a encarnação do mal. Pulsa-lhe o peito  
Ermo de amor, deserto de piedade...  
Tem o olhar de uma deusa e o altivo aspecto  
Das cruentas guerreiras de outra idade.

O labio ao rictus do sarcasmo affeito  
Crispa-se-lhe num riso de maldade,  
Quando, talvez, as pompas, com despeito,  
Recorda da perdida magestade.

E assim, com o seio aucioso, o porte erguido,  
Córada a face, a ruiva cabelleira  
Sobre as amplas espaduas derramada,

Faltam-lhe apenas a sangrenta espada  
Inda rubra da guerra derradeira,  
E o capacete de metal polido.

## A UM GRANDE HOMEM

Heureuse au fond du bois la source  
pauvre et pure!

LAMARTINE.

Olha : Era um tenue rio  
De agua escassa. Cresceu. Tornou-se em rio  
Depois. Roucas, as vagas  
Engrossa agora, e é turbido e bravo,  
Roendo penedos, alagando plagas.

Humilde arreoio brando!...  
Nelle, no emtanto, as flores, inclinando  
O debil caule, inquietas  
Miravam-se. E, em seu claro espelho, o bando  
Se revia das leves borboletas.

Tudo, porém : — cheirosas  
Plantas, curvas ramadas riuorosas,  
Humidas relvas, ninhos

Suspensos no ar entre jasmims e rosas,  
Tardes cheias da voz dos passarinhos, —

Tudo, tudo perdido  
Atraz deixou. Cresceu. Desenvolvido,  
Foi alargando o seio,  
E do alpestre rochedo, onde nascido  
Tinha, crespo a rolar descendo veio...

Cresceu. Atropeladas,  
Soltas, grossas, as ondas apressadas  
Estendeu largamente,  
Tropeçando nas pedras espalhadas,  
No galope impetuoso da corrente...

Cresceu. E é poderoso :  
Mas enturba-lhe a face o lodo ascoso...  
É grande, é largo, é forte :  
Mas, de pareceis cortado, caudaloso,  
Leva nas dobras de seu manto a morte.

Implacavel, violento,  
Rijo o vergasta o latego do vento.  
Das estrellas, cahindo  
Sobre elle em vão do claro firmamento  
Batem os raios limpidos, luzindo...

Nada reflecte, nada !  
Com o surdo estrondo espanta a ave assustada ;  
E turvo, é triste agora...

Onde a vida de outr'ora socegada ?  
Onde a humildade e a limpidez de outr'ora ?

Homen que o mundo aclama !  
Semi-deus poderoso cuja fama  
O mundo com vaidade  
De echo em echo no seculo derrama  
Aos quatro ventos da celebridade !

Tu, que humilde nasceste,  
Fraco — obscuro mortal, tambem cresceste  
De victoria em victoria,  
E, hoje, inflado de orgulhos, ascendeste  
Ao solio excelso do esplendor da gloria !...

Mas, ah ! n'esses teus dias  
De fausto, entre essas pompas luzidas,  
— Rio soberbo e nobre !  
Has-de chorar o tempo em que vivias  
Como um arroio socegado e pobre...

## A SESTA DE NERO

Fulge de luz-banhado, esplendido e sumptuoso,  
O palacio imperial de porphyro luzente  
E marmor da Laconia. O tecto caprichoso  
Mostra, em prata incrustado, o nacar do Oriente.

Nero no tóro eburneo estende-se indolente...  
Gemma em profusão no estragulo custoso  
De ouro bordado vêm-se. O olhar deslumbra, ardente,  
Da purpura da Thracia o brilho esplendoroso.

Formosa ancilla canta. A aurilavrada lyra  
Em suas mãos soluça. Os ares perfumando,  
Arde a myrrha da Arabia em rescendente pyra.

Fórmãs quebram, dansando, escravas em choréa...  
E Nero dorme e sonha, a fronte reclinando  
Nos alvos seios nus da lubrica Poppéa.

## O INCENDIO DE ROMA

Raiva o incendio. A ruir, soltas, desconjunctadas,  
As muralhas de pedra — o espaço adormecido  
De echo em echo accordando ao medonho estampido, —  
Como a um sopro fatal, rolam esphaceladas.

E os templos, os museus, o Capitolio erguido  
Em marmor phrygio, o Fóro, as erectas arcadas  
Dos aqueductes, tudo as garras inflammadas  
Do incendio cingem, tudo esbroa-se partido.

Louge, reverberando o clarão purpurino,  
Arde em chamma o Tibre e accende-se o horizonte...  
— Impassivel, porém, no alto do Palatino,

Nero, com o manto grego oudeando ao hombro, assoma  
Entre os libertos, e ebrio, engrinaldada a fronte,  
Lyra em punho, celebra a destruição de Roma.

## O SONHO DE MARCO ANTONIO

Noite. Por todo o largo firmamento  
Abrem-se os olhos de ouro das estrellas...  
Só perturba a mudez do acampamento  
O passo regular das sentinellas.

Brutal, febril, entre canções e brades,  
Entrára pela noite adiante a orgia ;  
Em borbotões, dos cantaros lavrados  
Jorrára o vinho. O exercito dormia.

Insomne, emtanto, véla alguém na tenda  
Do general. Esse, entre os mais sosinho,  
Vence a fadiga da batalha horrenda,  
Vence os vapores calidos do vinho.

Torvo e cerrado o cenho, o largo peito  
Da couraça despido e arfando ancioso,



Livida a face, taciturno o aspecto,  
Marco-Antonio medita silencioso.

Da lampada de prata a luz escassa  
Resvala pelo chão. A quando e quando,  
Treme, enfiçada á viração que passa,  
A cortina de purpura oscillando.

O general medita. Como, soltas  
Do alveo de um rio transvasado, as aguas  
Crescem, cavando o solo, — assim, revoltas,  
Fundas a alma lhe vão sulcando as maguas.

Que vale a Grecia, e a Macedonia, e o enorme  
Territerio do Oriente, e este infinito  
E invencivel exercito que dorme?  
Que doces braços que lhe estende o Egypto!...

Que vença Octavio! e seu rancor profundo  
Leve da Hispania á Syria a morte e a guerra!  
Ella é o céu... Que valor tem todo o mundo,  
Se os mundos todos seu olhar encerra!

Elle é valente e ella o subjuga e o doma...  
Só Cleopatra é grande, amada e bella!  
Que importa o Imperio — a salvação de Roma?  
Roma não vale ma só dos beijos d'ella!...

Assim medita. E allucinado, louco  
De pezar, com a fadiga em vão luctando,

Marco-Antonio adormece a pouco e pouco,  
Nas largas mãos a fronte reclinando.

## II

A harpa suspira. O melodioso canto,  
De uma volupia languida e secreta,  
Ora interpreta o dissabor e o pranto,  
Ora as paixões violentas interpreta.

Amplio docel de seda levantina  
Por columnas de jaspe sustentado  
Cobre os setins e a cachemira fina  
Do regio leito de ebano lavrado.

Move o leque de plumas uma escrava.  
Vêla a guarda lá fóra. Recollida,  
Os petreos olhos uma esphinge crava  
Nas fórmas da rainha adormecida.

Mas Cleopatra accorda... E tudo, ao vel-a  
Accordar, treme em roda, e pasma, e a admira .  
Desmaia a luz, no céu descora a estrella,  
Como que a esphinge move-se e suspira...

Accorda. E o torso arqueando, ostenta o lindo  
Collo opulento e sensual que oscilla...

Murmura um nome e, as palpebras abrindo,  
Mostra o fulgor radiante da pupilla.

## III

Ergue-se Marco-Antonio de repente.,  
Ouve-se um grito estridulo que sóa  
O silencio cortando, e longamente  
Pelo deserto acampamento echa.

O olhar em fogo, os carregados traços  
Do rosto em contracção, alto e direito  
O vulto enorme, — no ar levanta os braços,  
E nos braços aperta o proprio peito.

Olha em torno e desvaira. Ergue a cortina,  
A vista alonga pela noite afóra...  
Nada vê. Longe, á porta purpurina  
Do Oriente em chamma, vem raiando a aurora.

E a noite foge. Em todo o firmamento  
Vão se fechando os olhos das estrellas ;  
Só perturba a nudez do acampamento  
O passo regular das sentinellas.

## LENDO A ILIADA

Eil-o, o poema de assombros — céo cortado  
De relampagos — onde a alma potente  
De Homero vive, e vive eternisado  
O espantoso poder da argiva gente.

Arde Troya... De rastos passa atado  
O heróe ao carro do rival, e, ardente,  
Bate o sol sobre um mar illimitado  
De capacetes e de sangue quente.

Mais que as armas, porém, mais que a batalha,  
Mais que os incendios, brilha o amor que ateia  
O odio e entre os povos a discordia espalha :

— Esse amor que ora activa, ora serena  
A guerra, e o heroico Páris encadeia  
Aos curvos seios da formosa Helena.

## MESSALINA

Recordo, ao ver-te, as epochas sombrias  
Do passado. Minh'alma se transporta  
A' Roma antiga, e da cidade morta  
Dos Cesares reanima as cinzas frias ;

Triclinios e vivendas luzidias  
Percorre ; pára de Suburra á porta,  
E o confuso clamor escuta, absorta,  
Das desvairadas e febris orgias.

Ahi, u um throno erecto sobre a ruina  
De um povo inteiro, tendo á frente impura  
O diadema imperial de Messalina,

Vejo-te bella, estatua da loucura !  
Erguendo no ar a mão nervosa e fina,  
Tinta de sangue, que um punhal segura.

## A RONDA NOCTURNA

Noite cerrada, tormentosa, escura,  
Lá fóra. Dorme em trevas o convento.  
Queda immoto o arvoredado. Não fulgura  
Uma estrella no torvo firmamento.

Dentro é tudo mudez. Flebil murmura,  
De espaço a espaço, emtanto, a voz do vento  
E ha um rasgar de sudarios pela altura,  
Passo de espectros pelo pavimento...

Mas, de subito, os gonzos das pesadas  
Portas rangem... Echôa surdamente  
Leve rumor de vozes abafadas.

E, ao clarão de uma lampada tremente,  
Do claustro sob as tacitas arcadas  
Passa a ronda nocturna, lentamente.

## DELENDÀ CARTHAGO!

## I

Fulge e dardeja o sol nos amplos horizontes  
Do céu da Africa. Ao largo, em plena luz, dos montes  
Destacam-se os perfis. Tremulamente ondeia,  
Vasto oceano de prata, a requeimada areia.  
O ar, pesado, suffoca. E, desfraldando ovantes  
Das bandeiras ao vento as prégas ondulantes,  
Desfilam as legiões do exército romano  
Diante do general Scipião Emiliano.  
Tal soldado sopesa a clava de madeira.  
Tal, que a custo soffrêa a colera guerreira,  
Maneja a bipennata e rude machadinha.  
Este, á ilharga pendente, a rutila bainha  
Leva do gladio. Aquelle a poderosa maça  
Carrega, e ás largas mãos a ensaia. A custo passa,  
Curvado sob o peso e de fadiga afflando,

De guerreiros um grupo, os arietes levando...  
 Brillam em confusão cristados capacetes...  
 Cavalleiros, contendo os árdidos ginetes,  
 Solta a chlamyde ao hombro, ao braço afivelado  
 O concavo broquel de cobre cinzelado,  
 Brandem o pilum no ar. Resona, a espaços, rouca,  
 A bellica buccina. A tuba cava á bocca  
 Dos Enneatores trôa. Hordas de sagittarios  
 Vêm-se, de arco e carcaz armados. O ouro e os varios  
 Ornamentos de prata embuteem-se, em tauxias  
 De um correcto lavor, nas armas lizidias  
 Dos generaes. E, ao sol, que, entre nuvens, scintilla,  
 Em torno de Carthago o exercito desfila.

Mas, passada a surpresa, ás pressas, a cidade  
 Aos escravos cedera armas e liberdade,  
 E era toda rumor e agitação. Fundindo  
 Todo o metal que havia, ou, celeres, brunindo  
 Espadas e punhaes, capacetes e laucas,  
 Viam-se a trabalhar os homens e as creanças.

Heroicas, abafando os soluços e as queixas,  
 As mulheres, tecendo os fios das madeixas,  
 Cortavam-n'as.

Cobrindo espaduas deslumbrantes,  
 Cercando a carnação de seios palpitantes  
 Como véos de velludo, e provocando beijos,  
 Excitaram paixões e lubricos desejos  
 Essas tranças da còr das noites tormentosas ..  
 Quantos labios, ardendo em sêdes luxuriosas,  
 Tocaram-n'as ontr'ora entre febris abraços! ..



Tranças que tanta vez — frageis e doces laços! —  
Foram cadeias de ouro invencíveis, prendendo  
Almas e corações, — agora, distendendo  
Os arcos, despedindo as settas aguçadas,  
Iam levar a morte... — ellas, que, perfumadas,  
Outr'ora tanta vez deram a vida e o alento  
Aos presos corações!...

Triste, entretanto, lento,  
Ao pesado labor do dia succedera  
O silencio nocturno. A treva se estendera :  
Adormecera tudo. E, no outro dia, quando  
Veio de novo o sol, e a aurora, rutilando,  
Encheu o firmamento e illuminou a terra,  
A lucta começou.

## II

## As machinas de guerra

Movem-se. Treme, estala, e parte-se a muralha,  
Racha de lado a lado. Ao clamor da batalha  
Estremece o arredor. Brandindo o pilum, promptas,  
Confundem-se as legiões. Perdido o freio, ás tontas  
Desboccam-se os corceis. Enrijam-se, esticadas  
Nos arcos, a ringir, as cordas. Aceradas,  
Partem settas, zunindo. Os dardos, sibillando,  
Cruzam-se. Encos broqueis amolgam-se, resoando,

Aos embates brutaes dos piques arrojados.  
Loucos, afuzilando os olhos, os soldados,  
Presas a respiração, torvo e medonho o aspeito,  
Pela ferrea squammata abroquelado o peito,  
Se encrúam no furor sacudindo os macetes.  
Não param, entretanto, os golpes dos arietes,  
Não cansam no trabalho os musculosos braços  
Dos guerreiros. Oscilla o muro. Os estilhaços  
Saltam das pedras. Gira, inda uma vez vibrada  
No ar, a machiua bruta... E, subito, quebrada,  
Entre o insano clamor do exercito e o fremente  
Ruido surdo da queda, — estrepitosamente  
Rúe, desaba a muralha, e a petrea mole roda,  
Róla, remoinha, e tomba, e se esphacela toda...

Rugem acclamações. Como em cachões, furioso,  
Parte os diques o mar, roja-se impetnoso,  
As vagas enerespando acapelladas, brutas,  
E inunda povoações, enche valles e grutas,  
E vae semeando o horror e propagando o estrago,  
— Tal o exercito entrou as portas de Carthago...

O ar, os gritos de dôr e susto, espaço a espaço,  
Cortavam. E, a bramir, atropelado, um passo  
O invasor turbilhão não deu victorioso,  
Sem que deixasse atraz um rastro pavoroso  
De feridos. No Occaso, o sol morria, exangue :  
Como que reflectia o firmamento o sangue  
Que tingia de rubro a lamina brilhante  
Das espadas. Então, houve um supremo instante,  
Em que, cravando o olhar no intrepido africano

Asdrubal, ordenou Scipião Emiliano :

— Deixa-me executar as ordens do Senado!

Carthago morrerá : perturba o illimitado

Poder da invicta Roma... Entrega-te! —

Orgulhoso,

A frente levantando, ousado e rancoroso,

Disse o Carthaginez :

— Emquanto eu tiver vida,

Juro que não será Carthago demolida!

Quando o incendio a envolver, o sangue d'este povo

Ha-de apagal-o. Não! Retira-te! —

De novo

Fallou Scipião :

« — Attende, Asdrubal! Por mais forte

Que seja o teu poder, ha-de prostral-o a morte!

Olha! A postos, sem conta, as legiões de Roma,

Que Jupiter protege e que o pavor não doma,

Vão começar em breve a mortandade infrene!

Entrega-te! —

— Romano, escuta-me! (solemne,

O outro volveu, e a raiva em sua voz rugia)

Asdrubal é o irmão de Annibal... Houve um dia,

Em que, ante Annibal, Roma estremeceu vencida,

E tonta recuou de subito ferida...

Ficaram no lugar da pugna, ensanguentados,

Mais de setenta mil Romanos, trueidados

Pelo esforço e valor dos punicos guerreiros;

Seis alqueires de azeite dos mortos cavalleiros

Carthago arrecadou... Verás que, como outr'ora,

Do eterno Baal-Moloch a protecção agora

Teremos. A victoria ha-de ser nossa... Escuta :

Manda que recomece a carnicreira lucta! --

E horrivel, e feroz, durante a noite e o dia,  
Recomeçou a lucta. Em cada casa havia  
Um punhado de heróes. Seis vezes, pela face  
Do céo, seguiu seu curso o sol, sem que parasse  
O medonho estridor da sanha da batalha. . .  
Quando a noite descia, a treva era a mortalha  
Que envolvia, piedosa, os corpos dos feridos.  
Rolos de sangue e pó, blasphemias e gemidos,  
Preces e imprecações... As proprias mães, emtanto  
Heroicas na afflicção, enxuto o olhar de pranto,  
Viam cahir sem vida os filhos. Combatentes  
Houve, que, não querendo aos golpes inclementes  
Do inimigo entregar os corpos das creanças,  
Matavam-n'as, erguendo as suas proprias lanças...

Por fim, quando de todo a vida desertando  
Foi a extincta cidade, e, lugubre, espalmando  
As azas negras no ar, pairou sinistra e horrenda  
A morte, teve um fim a peleja tremenda,  
E o incendio começou.

### III

Fraco e medroso, o fogo  
Á branda viração tremeu um pouco, e logo,

Inda pallido e tenne, ergueu-se. Mais violento,  
Mais rapido soprou por sobre a chamma o vento :  
E o que era labareda, agora, ignea serpente,  
Gigantesca, estirando o corpo, de repente  
Desemroscas os aneis flammivomos, abraça  
Toda a cidade, estala as pedras, cresce, passa,  
Róe os muros, estronda, e solapando o sólo,  
Os alicerces bróca, e estringe tudo. Um rolo  
De plumbeo e denso fumo ennegrecido em torno  
Se estende, como um véo, do comburente forno.  
Na horrorosa eversão, dos templos arrancado,  
Vibra o marmore, salta; abre-se, estilhaçado,  
Tudo o que o incendio aperta... E a fumarada cresce,  
Sobe vertiginosa, espalha-se, escurece  
O firmamento... E, sobre os restos da batalha,  
Arde, voraz e rubra, a colossal fornalla...

Mudo e triste, Scipião, longe dos mais, no emtanto  
Deixa livre correr pelas faces o pranto...

É que, — vendo rolar, num rapido momento,  
Para o abysmo do olvido e do anniquillamento  
Homens e tradições, revezes e victorias,  
Batalhas e trophéus — seis seculos de glorias  
N'um punhado de cinza —, o general previa  
Que Roma, a invicta, a forte, a armipotente, havia  
De ter o mesmo fim da orgulhosa Carthago...  
E, perto, o crepitar estrepitoso e vago  
Do incendio, que lavrava e inda rugia activo,  
Era como o rumor de um pranto convulsivo...



VIA-LACTEA





## I

Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via  
Que, aos raios do luar illuminada,  
Entre as estrellas tremulas, subia  
Uma infinita e scintillante escada.

E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada  
Degráo, que o ouro mais limpido vestia,  
Mudo e sereno, um anjo a harpa doirada;  
Resoante de supplicas, feria...

Tu, mãe sagrada ! vós tambem, formosas  
Illusões ! sonhos meus ! ireis por ella  
Como um bando de sombras vaporosas.

E, ó meu amor ! eu te buscava, quando  
Vi que no alto surgias, calma e bella,  
O olhar celeste para o meu baixando...

## II

Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,  
Me ouves agora com melhor ouvido :  
Toda a anciedade, todo o mal soffrido  
Em silencio, na antiga desventura...

Hoje, quero, em teus braços acolhido,  
Revêr a estrada pavorosa e escura  
Onde, ladeando o abysmo da loneura,  
Andei de pesadelos perseguido.

Olha-a : torce-se toda na infinita  
Volta dos sete circulos do inferno...  
E nota aquelle vulto : as mãos eleva,

Tropeça, cáe, soluça, arqueja, grita,  
Buscando um coração que foge, e eterno  
Ouvindo-o perto palpitar na treva.

## III

Tantos esparsos vi profusamente  
Pelo caminho que, a chorar, trilhava!  
Tantos havia, tantos! E eu passava  
Por todos elles frio e indifferente...

Emfim! emfim! pude com a mão tremente  
Achar na treva aquelle que buscava...  
Porque fugias, quando eu te chamava,  
Cego e triste, tacteando, anciosamente?

Vim de longe, seguindo de erro em erro,  
Teu fugitivo coração buscando  
E vendo apenas corações de ferro.

Pude, porém, tocá-lo soluçando...  
E hoje, feliz, dentro do meu o encerro,  
E ouço-o, feliz, dentro do meu pulsando.

## IV

Como a floresta secular, sombria,  
Virgem do passo humano e do machado,  
Onde apenas, horrendo, echôa o brado  
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,  
Assim tambem da luz do amor privado,  
Tinhas o coração ermo e fechado,  
Como a floresta secular; sombria.

Hoje, entre os ramos, a canção sonora  
Soltam festivamente os passarinhos.  
Tinge o cimo das arvores a aurora...

Palpitam flôres, estremeecem ninhos...  
E o sol do amor que não entrava outr'ora,  
Entra dourando a areia dos caminhos.

## V

Dizem todos : « — Outr'ora como as aves  
Inquieta, como as aves tagarela,  
E hoje... que tens ? Que sisudez revela  
Teu ar ! que idéas e que modos graves !

Que tens, para que em pranto os olhos laves ?  
Sê mais risonha que serás mais bella ! —  
Dizem. Mas no silencio e na cautela  
Ficas firme e trancada a sete chaves...

E um diz : — Tollees, nada mais ! — murmura  
Outro : « — Caprichos de mulher faceira ! — »  
E todos elles afinal : « — Loueura ! — »

Cegos que vos causaes a interrogal-a !  
Vel-a bastava ; que a paixão primeira  
Não pela voz, mas pelos olhos fala.

## VI

Em mim tambem, que descuidado vistes,  
Encantado e augmentando o proprio encanto,  
Tereis notado que outras cousas canto  
Muito diversas das que outr'ora ouvistes.

Mas amastes, sem duvida .. Portanto,  
Meditae nas tristezas que sentistes :  
Que eu, por mim, não conheço cousas tristes,  
Que mais aflijam, que torturem tanto.

Quem ama inventa as penas em que vive :  
E, em logar de acalmar as penas, antes  
Busca novo pezar com que as avive.

Pois sabei que é por isso que assim ando :  
Que é dos loucos sómente e dos amantes  
Na maior alegria andar chorando.

## VII

Não têm faltado boccas de serpentes,  
(D'essas que amam fallar de todo o mundo,  
E a todo o mundo ferem, maldizentes)  
Que digam : — Mata o teu amor profundo !

Abafa-o, que teus passos imprudentes  
Vão-te levando a um pélago sem fundo...  
« Vaes-te perder ! — E, arreganhando os dentes,  
Movem para teu lado o olhar immundo :

— Se ella é tão pobre, se não tem belleza,  
Irás deixar a gloria desprezada  
E os prazeres perdidos por tão pouco ?

Pensa mais no futuro e na riqueza ! —  
E eu penso que afinal... Não penso em nada :  
Penso apenas que te amo como um louco !

## VIII

Em que e' os mais azues, mais puros ares,  
Voa pomba mais pura? Em que sombria  
Moita mais nivea flôr acaricia,  
Á noite, a luz dos limpidos luares?

Vives assim, como a corrente fria,  
Que, intemerata, aos tremulos olhares  
Das estrellas e á sombra dos palmares,  
Corta o seio das mattas, erradia.

E envolvida de tra virgindade,  
De teu pudor na candida armadura,  
Foges o amor, guardando a castidade,

— Como as montanhas, nos espaços francos  
Erguendo os altos pincaros, a alvura  
Guardam da neve que lhes cobre os flancos.



## IX

De outras sei que se mostram menos frias,  
Amando menos do que amar parecees.  
Usam todas de lagrimas e preces :  
Tu de acerbas risadas e ironias.

De modo tal minha attenção desvias,  
Com tal pericia meu engano teres,  
Que, se gelado o coração tivesses,  
Certo, querida, mais ardor terias.

Olho-te : cega ao meu olhar te fazes...  
Falo-te — e com que fogo a voz levanto! —  
Em vão... Finges-te surda-ás minhas phrases...

Surda : e nem ouves meu amargo pranto!  
Cega — e nem vês a nova dôr que trazes  
Á dôr antiga que doía tanto!

## X

Deixa que o olhar do mundo emfim devasse  
Teu grande amor que é o teu maior segredo!  
Que terias perdido, se, mais cedo,  
Todo o affecto que sentes se mostrasse ?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo  
Aos homens, affrontando-os face a face :  
Quero que os homens todos, quando eu passe,  
Invejosos, apontem-me com o dedo.

Olha : não posso mais ! Ando tão cheio  
D'este amor, que minh'alma se consome  
De te exaltar aos olhos do universo...

Ouçõ em tudo tea nome, em tudo o leio :  
E, fatigado de calar teu nome,  
Quasi o revelo no final de um verso.

## 31

Todos esses louvores — bem o viste —  
Não conseguiram denudar-me o aspecto :  
Só me turbou esse louvor discreto  
Que no volver dos olhos traduziste...

Inda bem que entendeste o meu affecto,  
E, atravez d'estas rimas, presentiste  
Meu coração que palpitava, triste,  
E o mal que havia dentro em mim secreto.

Ai de mim, se de lagrimas inuteis  
Estes versos banhasse, ambicionando  
Das nescias turbas os applausos futeis !

Dou-me por pago, se um olhar lhes déres :  
Fil-os pensando em ti, fil-os pensando  
Na mais pura de todas as mulheres.



## XII

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,  
Sali, ansioso por te ver : corria...  
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,  
Soube logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me fallou, tudo ! Escutando  
Meus passos, atravez da ramaria  
Dos despertados passaros o bando :  
— Vae mais depressa ! Parabens ! — » dizia .

Disse o luar : — Espera ! que eu te sigo :  
Quero tambem beijar as faces d'ella ! — »  
E disse o aroma : « — Vae, que eu vou contigo ! — »

E eheguei. E, ao chegar, disse uma estrella :  
— Como és feliz ! como és feliz, amigo,  
Que de tão perto vaes ouvil-a e vela ! —

## XIII

— Ora (dizeis) ouvir estrellas ! Certo  
Perdeste o senso ! — E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvil-as, muita vez desperto  
E abro as janellas, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, emquanto  
A via lactea, como um pallio aberto,  
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céo deserto.

Dizeis agora : — Treloucado amigo !  
Que conversas com ellas ? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão comtigo ?

E eu vos direi : — Amae para entendel-as !  
Pois só quem ama póde ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

## XIV

Viver não pude sem que o fel prôvasse  
D'esse outro amor que nos perverte e engana :  
Porque homem sou, e homem não ha que passe  
Virgem de todo pela vida humana.

Porque tanta serpente atra e profana  
Dentro d'alma deixei que se anilhasse ?  
Porque, abrazado de uma sêde insana,  
A impuros labios entreguei a face ?

Depois dos labios sofregos e ardentes,  
Senti — duro castigo aos meus desejos —  
O gume fino de perversos dentes...

E não posso das faces polluidas  
Apagar os vestigios d'esses beijos  
E os sangrentos signaes d'essas feridas.

## XV

Inda hoje, o livro do passado abrindo,  
Lembro-as, e punge-me a lembrança d'ellas ;  
Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo,  
Estas cantando, soluçando aquellas.

U mas, de meigo olhar piedoso e lindo,  
Sob as rosas de neve das capellas;  
Outras, de labios de coral, sorrindo,  
Desnúdo o seio, lubricas e bellas...

Todas formosas como tu chegaram :  
Partiram... e, ao partir; dentro em meu seio,  
Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, ah! nenhuma teve o teu encanto,  
Nem teve olhar como esse olhar, tão cheio  
De luz tão viva, que abrazasse tanto!

## XVI

Lá fóra, a voz do vento ulule rouca!  
Tu a cabeça no meu hombro inclina,  
E essa bocca vermelha e pequenina  
Approxima, a sorrir, de minha bocca!

Que eu a fronte reponse anciosa e louca  
Em teu seio — mais alvo que a neblina  
Que, nas manhãs hiemaes, humida e fina,  
Da serra as grimpas verdejantes touca.

Sólta as tranças agora, como um manto!  
Canta! Embala-me o somno com teu canto!  
E eu, aos raios tranquillos d'esse olhar,

Possa dormir sereno, como o rio  
Que, em noites calmas, soegado e frio,  
Dorme aos raios de prata do luar!..



## XVII

Por estas noites frias e brumosas  
É que melhor se póde amar, querida !  
Nem uma estrella pallida, perdida  
Entre a nevoa, abre as palpebras medrosas.

Mas um perfume calido de rosas  
Corre á face da terra adormecida...  
E a nevoa cresce, e, em grupos repartida,  
Enche os ares de sombras vaporosas .

Sombras errantes, corpos nús, ardentes  
Carnes lascivas... um rumor vibrante  
De attritos longos e de beijos quentes...

E os céos se estendem, palpitando, cheios  
Da tepida brancura fulgurante  
De um turbilhão de braços e de seios.

## XVIII

Dormes... Mas que sussurro a humedecida  
Terra desperta ? Que rumor e leva  
As estrellas, que no alto a Noite leva  
Presas, luzindo, á tunica estendida ?

São meus versos ! Palpita a minha vida  
Nelles — phalenas que a saudade eleva,  
De meu seio, e que vão, rompendo a treva,  
Encher teus sonhos, pomba adormecida !

Dormes, com os seios nus, no travesseiro  
Solto o cabelo negro... e eil-os, correndo,  
Dondejantes, subtis, teu corpo inteiro...

Beijam-te a bocca tepida e macia,  
Sobem, descem, teu halito servendo...  
Porque surge tão cedo a luz do dia ?...

## XIX

Sae a passeio, mal o dia nasce,  
Bella, nas simples roupas vaporosas ;  
E mostra ás rosas do jardim as rosas  
Frescas e puras que possúe na face.

Passa. E todo o jardim, por que ella passe,  
Atavia-se. Ha falas mysteriosas  
Pelas moitas, saudando-a respeitosas...  
É como se uma sylphide passasse !

E a luz cerca-a, beijando-a. O vento é um choro...  
Curvam-se as flôres tremulas... O bando  
Das aves todas vem sandal-a em côro...

E ella vae, dando ao sol o rosto brando,  
Ás aves dando o olhar, ao vento o louro  
Cabello, e ás flôres os sorrisos dando ..

## XX

Olha-me ! O teu olhar sereno e brando  
Entra-me o peito, como um largo rio  
De ondas de ouro e de luz, limpido, entrando  
O ermo de um bosque tenebroso e frio.

Fala-me ! Em grupos doudejantes, quando  
Falas, por noites calidas de estio,  
As estrelas accendem-se, radiando,  
Altas, semeadas pelo ceo sombrio.

Olha-me assim ! Fala-me assim ! De pranto  
Agora, agora de ternura cheia,  
Abre em chispas de fogo essa pupilla...

E enquanto eu ardo em sua luz, enquanto  
Em seu fulgor me abrazo, uma sereia  
Soluce e cante nessa voz tranquilla !

## XXI

*A minha mãe*

Sei que um dia não ha (e isso é bastante  
A esta saudade, mãe!), em que a teu lado  
Sentir não julgues minha sombra errante  
Passo a passo a seguir teu vulto amado.

— Minha mãe! minha mãe! — a cada instante  
Ouves. Tornas, em lagrimas banhado,  
O rosto, conhecendo soluçante  
Minha voz e meu passo costumado.

E sentes alta noite no teu leito  
Minh'alma na tua alma repousando,  
Repousando meu peito no teu peito...

E encho os teus sonhos, em teus sonhos brilho,  
E abres os braços tremulos, chorando,  
Para nos braços apertar teu filho!

## XXII

*A Goethe.*

Quando te leio, as scenas animadas  
Por teu genio, as paizagens que imaginas,  
Cheias de vida, avultam repentinas,  
Claramente aos meus olhos desdobradas...

Vejo o céo, vejo as serras coroadas  
De gelo, e o sol, que o manto das neblinas  
Rompe, aquecendo as frigidias campinas  
E illuminando os valles e as estradas.

Ouço o rumor soturno da charrúa,  
E os rouxinóes que, no carvalho erguido,  
A voz modulam de ternuras cheia

E vejo, á luz tristíssima da lua,  
Hermann, que scisma, pallido, embebido  
No meigo olhar da loura Dorothea.

## XVIII

*De Calderon.*

Laura ! dizes que Fabio anda offendido  
E, apesar de offendido, namorado,  
Buscando a extincta chamma do passado  
Nas cinzas frias avivar do olvido.

Vá que o faça, e que o faça por perdido  
De amor... Creio que o faz por despeitado :  
Porque o amor, uma vez abandonado,  
Não toma a ser o que já tinha sido.

Não lhe creias, nos olhos nem na bocca,  
Inda mesmo que os vejas, como pensas,  
Mentir caricias, desmentir tristezas...

Porque finezas sobre arrufos, louca,  
Finezas podem ser ; mas, sobre offensas,  
Mais parecem vinganças que finezas.

## XXIV

*A Luiz Guimarães.*

Vejo-a, contemplo-a commovido... Aquella  
Que amaste, e, de teus braços arrancada,  
Desceu da morte a tenebrosa escada,  
Calma e pura aos meus olhos se revela.

Vejo-lhe o riso placido, a singela  
Feição, aquella graça delicada,  
Que uma divina mão deixou vasada  
No eterno bronze, eternamente bella.

Só lhe não vejo o olhar sereno e triste :  
— Céu, poeta, onde as azas, suspirando,  
Chorando e rindo loucamente abriste...

— Céu povoado de estrellas, onde as hordas  
Dos archanjos cruzavam-se, pulsando  
Das lyras de ouro as gemedoras cordas.



## XXV

*A Bocage.*

Tu, que no pego impuro das orgias  
Mergulhavas ancioso e descontente,  
E, quando á tona vinhas de repente,  
Cheias as mãos de perolas trazias ;

Tu, que do amor e pelo amor vivias,  
E que, como de limpida nascente,  
Dos labios e dos olhos a torrente  
Dos versos e das lagrimas vertias ;

Mestre querido ! viverás, enquanto  
Houver quem pulse o magico instrumento,  
E preze a lingua que prezavas tanto :

E enquanto houver n'um ponto do Universo  
Quem ame e soffra, e amor e soffrimento  
Saiba, chorando, traduzir no verso.

## XXVI

Quando cantas, minh'alma, desprezando  
O involucro do corpo, ascende ás bellas  
Altas esferas de ouro, e, acima d'ellas,  
Ouve arcanjos as citharas pulsando.

Corre os paizes longes, que revelas  
Ao som divino do teu canto — e, quando  
Baixas a voz, ella tambem, chorando,  
Desce, entre os claros grupos das estrelas.

E expira a tua voz. Do paraiso,  
A que subira ouvindo-te, cahido,  
Fico a fitar-te pallido, indeciso...

E enquanto seismas, sorridente e casta,  
A teus pés, como um passaro ferido,  
Toda a minha alma tremula se arrasta...

## XXVII

Hontem — nescio que fui! — maliciosa  
Dis-e uma estrella, a rir, na immensa altura :  
— Amigo! uma de nós, a mais formosa  
De todas nós, a mais formosa e pura,

Faz annos amanhã... Vamos! procura  
A rima de ouro mais brillante, a rosa  
De cor mais viva e de maior frescura! —  
E eu murmurei commigo : « — Mentirosa! —

E segui. Pois tão cego fui por ellas,  
Que, enfim, curado pelos seus enganos,  
Já não creio em nenhuma das estrellas...

E — mal de mim! — eis-me, a teus pés, em pranto...  
Olha : se nada fiz para os teus annos,  
Culpa as tuas irmãs que enganam tanto!

## XXVIII

Pinta-me a curva d'estes céos... Agora,  
Erecta, ao fundo, a cordilheira apruma :  
Pinta as nuvens de fogo de uma em uma,  
E alto, entre as nuvens, o raiar da aurora.

Sólta, ondulando, os véos de espessa bruma,  
E o valle pinta, e, pelo valle em fóra,  
A correnteza turbida e sonora  
Do Parahyba, em torvelins de espuma.

Pinta; mas vé de que maneira pintas...  
Antes busques as cores da tristeza,  
Poupando o escriptorio das alegres tintas :

— Tristeza singular, estranha magua  
De que vejo coberta a natureza,  
Porque a vejo com os olhos rasos d'agua...

## XXIX

Por tanto tempo, desvairado e afflicto,  
Fitei n'aquella noite o firmamento,  
Que inda hoje mesmo, quando acaso o fito,  
Tudo aquillo me vem ao pensamento.

Sahi, no peito o derradeiro grito  
Calcando a custo, sem chorar, violento...  
E o céo fulgia placido e infinito,  
E havia um choro no rumor do vento...

Piedoso céo, que a minha dôr sentiste!  
A aurea esfera da lua o Occaso entrava,  
Rompendo as leves nuvens transparentes :

E sobre mim, silenciosa e triste,  
A via-lactea se desenvolava  
Como um jorro de lagrimas ardentes.

## XXX

Ao coração que soffre, separado  
 Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,  
 Não basta o affecto simples e sagrado  
 Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,  
 Nem só desejo o teu amor : desejo  
 Ter nos braços teu corpo delicado,  
 Ter na bocca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem  
 Não me envergonham : pois maior baixeza  
 Não ha que a terra pelo céo treçar ;

E mais eleva o coração de um homem  
 Ser de homem sempre e, na maior pureza,  
 Ficar na terra e humanamente amar.

## XXXI

Longe de ti, se escuto, porventura,  
Teu nome, que uma bocca indifferente  
Entre outros nomes de mulher murmura,  
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquelle, que, misero, a tortura  
Soffre de amargo exilio, e tristemente  
A linguagem natal, maviosa e pura,  
Ouve falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome  
De uma patria distante e idolatrada,  
Cuja saudade ardente me consome :

E ouvil-o é ver a eterna primavera  
E a eterna luz da terra abençoada,  
Onde, entre flôres, teu amor me espera.

## XXXII

*A um poeta.*

Leio-te : — o pranto dos meus olhos rola — :  
— Do seu cabelo o delicado cheiro,  
De sua voz o timbre prazenteiro,  
Tudo do livro sinto que se evola...

Todo o nosso romance : — a doce esmola  
Do seu primeiro olhar, o seu primeiro  
Sorriso, — n'este poema verdadeiro,  
Tudo ao meu triste olhar se desenrola.

Sinto animar-se todo o meu passado :  
E quanto mais as paginas folheio,  
Mais vejo em tudo aquelle vulto amado.

Ouço junto de mim bater-lhe o seio,  
E euido vel-a, placida, a meu lado,  
Lendo commigo a pagina que leio.



## XXXIII

Como quizesse livre ser, deixando  
As paragens nataes, espaço em fóra,  
A ave, ao bafejo tepido da aurora,  
Abrin as azas e partiu cantando.

Estranhos climas, longes céos, cortando  
Nuvens e nuvens, percorreu : e, agora  
Que morre o sol, suspende o vôo, e chora,  
E chora, a vida antiga recordando...

E logo, o olhar tornando compungido,  
Atraz volve, saudosa do carinho,  
Do calor da primeira habitação.

Assim por largo tempo andei perdido :  
— Ah ! que alegria ver de novo o ninho,  
Ver-te, e beijar-te a pequenina mão !

## XXXIV

Quando adivinha que von vel-a, e á escada  
Ouve-me a voz e o meu andar conhece,  
Fica pallida, assusta-se, estremece,  
E não sei porque foge envergonhada.

Volta depois. Á porta, alvoroçada,  
Sorrindo, em fogo as faces, apparece :  
E talvez entendendo a muda prece  
De meus olhos, adianta-se apressada.

Corre, delira, multiplica os passos ;  
E o chão, sob os seus passos murmurando,  
Segue-a de um hymno, de um rumor de festa...

E — ah ! que desejo de a tomar nos braços,  
O movimento rapido sustando  
Das duas azas que a paixão lhe empresta !

## XXXV

Pouco me pesa que mofeis sorrindo  
D'estes versos purissimos e santos :  
Porque, n'isto de amor e intimos prantos,  
Das loavores do publico prescindo.

Homens de bronze ! um haverá, de tantos,  
(Talvez um só !) que, esta paixão sentindo,  
Aqui demore o olhar, vendo e medindo  
O alcaure e o sentimento d'estes cantos.

Será esse o meu publico. E, de certo,  
Esse dirá : — Pode viver tranquillo  
Quem assim ama, sendo assim amado ! —

E, tremulo, de lagrimas coberto,  
Ha-de estimar quem lhe contou aquillo  
Que nunca ouviu com tanto ardor contado.



SARÇAS DE FOGO





## O JULGAMENTO DE PHRYNÉA

Mnezarete — a divina, a pallida Phrynéa —  
Comparece ante a austera e rigida assembléa  
Do Areopago supremo. A Grecia inteira admira  
Aquella formosura original, que inspira  
E dá vida ao genial cinzel de Praxiteles,  
De Hyperides á voz e á palheta de Apelles.

Quan to os vinhos, na orgia, os convivas exaltam,  
E das roupas, enfim, livres os corpos saltam,  
Nenhuma hetére sabe a primorosa taça,  
Transbordante de Cós, erguer com maior graça,  
Nem mostrar, a sorrir, com mais gentil meneio,  
Mais formoso quadril, nem mais nevado seio.

Estrehecem no altar, ao contemplal-a, os deuses,  
Núa, entre aclamações, nos festivaes de Eleasi...  
Basta um rapido olhar provocante e lascivo :  
Que na fronte o sentiu curva a fronte, captivo...

Nada eguala o poder de suas mãos pequenas :  
Basta um gesto, — e a seus pés roja-se humilde Athenas...

Vae ser julgada. Um véo, tornando inda mais bella  
Sua occulta nudez, mal os encantos vela,  
Mal a nudez occulta e sensual disfarça.  
Cáe-lhe, espaduas abaixo, a cabelleira esparsa...  
Queda-se a multidão. Ergue-se Euthias. Fala,  
E incita o tribunal severo a condemnal-a :

— Eleusis profanou! É falsa e dissoluta,  
Leva ao lar a sizania e as familias enluta!  
Dos deuses zomba! É impia! é má! » — (E o pranto ardente  
Corre nas faces d'ella, em fios, lentamente...)

— Por onde os passos move a corrupção se espraia  
Estende-se a discordia! Heliostes! condemnai-a! — »

Vacilla o tribunal, ouvindo a voz que o doma...  
Mas, de prompto, entre a turba Hyperides assona,  
Defende-lhe a innocencia, exclama, exora, pede,  
Supplica, ordena, exige... O Areopago não cede.

— Pois condemnai-a agora! — » E á ré, que treme, a l  
Tunica despedaça, e o véo, que a encobre, arranca...

Pasmam subitamente os juizes deslumbrados,  
— Leões pelo calmo ollhar de um domador curvados :  
Núa e branca, de pé, patente á luz do dia  
Todo o corpo ideal, Phrynéa apparecia  
Diante da multidão attonita e surpresa,  
No triumpho immortal da Carne e da Belleza.



## MARINHA

Sobre as ondas oscilla o batel docemente...  
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a véla.  
Na agua mansa do mar passam tremulamente  
Aureos traços de luz, brilhando esparsos n'ella.

Lá desponta o luar. Tu, palpitante e bella,  
Cauta! Chega-te a mim! Dá-me essa bocca ardente!  
Sobre as ondas oscilla o batel docemente...  
Sopra o vento a gemer. Treme enfunada a véla.

Vagas azues, parai! Curvo céo transparente,  
Nuvens de prata, ouvi! — Ouça na altura a estrella,  
Ouça de baixo o oceano, ouça o luar albente :  
Ella canta! — e, embalado ao som do canto d'ella  
Sobre as ondas oscilla o batel docemente.

## SOBRE AS BODAS DE UM SEXAGENÁRIO

Amas. Um novo sol apontou no horizonte,  
E offuseou-te a pupilla e illuminou-te a fronte...

Livido, o olhar sem luz, rôto o manto, cahida  
Sobre o peito, a tremer, a barba eneaneida,  
Descias, cambaleando, a encosta pedregosa  
Da velhice. Que mão te offereceu, piedosa,  
Um piedoso bordão para amparar teus passos?  
Quem te estendeu a vida, estendendo-te os braços?  
Ias desamparado, em sangue os pés, sósinho...  
E era horrendo o arredor, torvo o espaço, o caminho  
Sinistro, accidentado... Uivava perto o vento  
E rodavam bulhões no turvo firmamento.  
Entrado de terror, a cada passo o rosto  
Voltavas, perscrutando o caminho transposto,  
E volvias o olhar : e o olhar allucinado  
Via de um lado a treva, a treva de outro lado,

E assombrosas visões, vultos extraordinários,  
Desdobrando a correr os tremulos sudários.  
E ouvias o rumor de uma enxada, cavando  
Longe a terra... E paraste exanime.

Foi quando

Pareceu-te escutar pelo caminho escuro,  
Soar, de instante a instante, um passo mal seguro  
Como o teu. E attentando, entre alegria e espanto,  
Viste que vinha alguém compartindo o teu pranto,  
Trilhando a mesma estrada horrivel que trilhavas,  
E ensanguentando os pés onde os ensanguentavas.

E sorriste. No céu fulgurava uma estrella.  
E sentiste falar subitamente, ao vela,  
Teu velho coração dentro do peito, como  
Desperto muita vez no derradeiro assomo  
Da bravura, — sem voz, decrepito, impotente,  
Tropego, sem vigor, sem vista, — de repente  
Riça a juba, e, abalando a solidão nocturna,  
Urra um velho leão n'uma apartada furna.

## ABYSSUS

Bella e traidora ! Beijas e assassinas...  
Quem te vê não tem forças que te opponha :  
Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,  
E, quando accorda, accorda feito em ruinas...

Seduzes, e convidas, e fascinas,  
Como o abysmo que, perfido, a medonha  
Fauce apresenta flórída e risonha,  
Tapetada de rosas e boninas.

O viajor, vendo as flores, fatigado  
Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,  
Avança incauto... Subito, esbroado,

Falta-lhe o solo aos pés : recúa e corre,  
Vacilla e grita, lucha e se eusanguenta,  
E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...

## PANTUM

Quando passaste, ao declinar do dia,  
Soava na altura indefinido arpejo  
Pallido, o sol do céu se despedia,  
Enviando á terra o derradeiro beijo.

Soava na altura indefinido arpejo...  
Cantava perto um passaro, em segredo;  
E, enviando á terra o derradeiro beijo,  
Esbatia-se a luz pelo arvoredos.

Cantava perto um passaro em segredo;  
Cortavam fitas de ouro o firmamento...  
Esbatia-se a luz pelo arvoredos:  
Cahira a tarde; socegára o vento.

Cortavam fitas de ouro o firmamento...  
Quedava immoto o coqueiral tranquillo...

Calira a tarde. Socegára o vento.  
Que magua derramada em tudo aquillo!

Quedava immoto o coqueiral tranquillo...  
Pisando a areia, que a teus pés falava,  
(Que magua derramada em tudo aquillo!)  
Vi lá em baixo o teu vulto que passava.

Pisando a areia, que a teus pés falava,  
Entre as ramadas flóridas seguiste.  
Vi lá em baixo o teu vulto que passava...  
Tão distrahida! — nem sequer me viste!

Entre as ramadas flóridas seguiste,  
E eu tinha a vista de teu vulto cheia.  
Não distrahida! — nem sequer me viste!  
E eu contava os teus passos sobre a areia.

Eu tinha a vista de teu vulto cheia.  
E, quando te sumiste ao fim da estrada,  
Eu contava os teus passos sobre a areia :  
Vinha a noite a descer, muda e pausada...

E, quando te sumiste ao fim da estrada,  
Olhou-me do alto uma pequena estrella.  
Vinha a noite a descer, muda e pausada,  
E outras estrellas se accendiam n'ella.

Olhou-me do alto uma pequena estrella,  
Abrindo as aureas palpebras luzentes :

E outras estrellas se accendiam n'ella,  
Como pequenas lampadas trementes.

Abrindo as aureas palpebras luzentes,  
Clarearam a extensão dos largos campos;  
Como pequenas lampadas trementes  
Phosphoreavam na relva os pyrilampos.

Clarearam a extensão dos largos campos.  
Vinha, entre nuvens, o luar nascendo...  
Phosphoreavam na relva os pyrilampos...  
E eu inda estava a tua imagem vendo.

Vinha, entre nuvens, o luar nascendo  
A terra toda em derredor dormia...  
E eu inda estava a tua imagem vendo,  
Quando passaste ao declinar do dia!

## NA THEBAIDA

Chegas, com os olhos húmidos, tremente  
A voz, os seios nus, — como a rainha  
Que ao ermo frio da Thebaida vinha  
Trazer a tentação do amor ardente.

Lucto : porém teu corpo se avizinha  
Do meu, e o enlaça como uma serpente...  
Fujo : porém a bocca prendes, quente,  
Cheia de beijos, palpitante, á minha...

Beija mais, que o teu beijo me incendeia !  
Aperta os braços mais ! que eu tenha a morte  
Preso nos laços de prisão tão doce !

Aperta os braços mais ! — fragil cadeia  
Que tanta força tem não sendo forte,  
E prende mais que se de ferro fosse !



E n'estas noites socegadas  
Em que o luar aponta, e a fina  
Mobil e tremula cortina  
Rompe das nuvens espalhadas;

Em que no azul espaço, vago,  
Scindindo o céo, o alado bando  
Vae das estrellas caminhando  
— Aves de prata á flor de um lago —;

E n'estas noites — que, perdida,  
Louca de amor, minh'alma vòa  
Para teu lado, e te abençoa,  
Ó minha aurora! ó minha vida!

No horrendo pantano profundo  
Em que vivemos, és o cysne  
Que o cruza, sem que a alvura tise  
Da aza no limo infecto e immundo.

Anjo exilado das risonhas  
Regiões sagradas das alturas,

Que passas puro entre as impuras  
Humanas coleras medonhas!

Estrella de ouro calma e bella,  
Que, abrindo a lucida pupilla,  
Brilhas assim clara e tranquilla  
Nas torvas nuvens da procella!

Raio de sol domrando a esphera  
Entre as neblinas d'este inverno,  
E nas regiões do gelo eterno  
Fazendo rir a primavera!

Lirio de petalas formosas  
Erguendo á luz o niveo seio,  
Entre estes cardos, e no meio  
D'estas euphorbias venenosas!

Oasis verde no deserto!  
Passaro voando desnudado  
Por sobre um solo ensanguentado  
E de cadaveres coberto!

Eu que homem sou, eu que a miseria  
Dos homens tenho, — eu, verme obscuro,  
Amei-te, flôr! e, lodo impuro,  
Tentei roubar-te a luz siderea.

Vaidade insana! Amar ao dia  
A treva horrenda que negreja!

Pedir a serpe, que rasteja,  
Amor á nuvem fugidia!

Insano amor! vaidade insana!  
Unir n'um beijo o aroma á peste!  
Vasar, n'um jorro, a luz celeste  
Na escuridão da noite humana!

Mas, ah! quizeste a ponta da aza,  
Da pluma tremula de neve  
Descer a mim, roçar de leve  
A superficie d'esta vasa...

E tanto poudes essa piedade,  
E tanto poudes o amor, que o lodo  
Agora é céu, é flôres todo,  
E a noite escura é claridade!

## NUMA CONCHA

Pudesse eu ser a concha nacarada  
Que, entre os coraes e as algas, a infinita  
    Mansão do oceano habita,  
    E dorme reclinada  
No fôfo leito das areias de ouro...  
Fos-e eu a concha e, ó perola marinha!  
Tu fosses o meu unico thesouro,  
    Minha, sómente minha!

Ah! com que amor, no ondeante  
Regaço da agua transparente e clara,  
Com que volupia, filha, com que anseio  
Eu as valvas de nacar apertára,  
Para guardar-te toda palpitante  
    No fundo de meu seio!

## SUPPLICA

Fallava o sol. Dizia :  
— Accorda ! Que alegria  
Pelos ridentes céos se espalha agora !  
Foge a neblina fria...  
Pede-te a luz do dia,  
Pedem-te as chammas e o sorrir da aurora !—»

Dizia o rio, cheio  
De amor, abrindo o seio :  
— Quero abraçar-te as fôrmas primorosas !  
Vem tu, que embalde veio  
O sol : sómente anceio  
Por teu corpo, formosa entre as formosas !

Quero-te inteiramente  
Núa ! quero, tremente,  
Cingir de beijos tuas roseas pomas,

Cobrir teu corpo ardente,  
 E na agua transparente  
 Guardar teus vives, bellas arestas! —

**E proseguia o vento :**  
 — Escuta o meu lamento!  
 Vem ! não quero a folhagem perhumada ;  
 Com a flôr não me contento !  
 Mais alto é o meu intento :  
 Quero embalar-te a cebra desnastrada ! —

Tudo a exigia... Emtanto,  
 Alguem, occulto a um canto  
 Do jardim, a chorar, dizia : — Ó bella !  
 Já te não peço tanto :  
 Seccára-se o meu pranto  
 Se visse a tua sombra na janella ! —

## CANÇÃO

Dá-me as pétalas de rosa  
D'essa bocca pequenina :  
Vem com teu riso, formosa !  
Vem com teu beijo, divina !

Transforma n'um paraíso  
O inferno do meu desejo...  
Formosa, vem com teu riso !  
Divina, vem com teu beijo !

Oh ! tu, que tornas radiosa  
Minh'alma, que a dôr domina,  
Só com teu riso, formosa,  
Só com teu beijo, divina !

Tenho frio, e não diviso  
Luz na treva em que me vejo  
Dá-me o clarão do teu riso !  
Dá-me o fogo do teu beijo !

## RIO ABAIXO

Treme o rio a rolar, de vaga em vaga...  
Quasi noite. Ao sabor de curso lento  
Da agua, que as margens em redor alaga,  
Seguimos. Curva os bambuaes o vento.

Vivo, ha pouco, de purpura, sangrento,  
Desmaia agora o Occaso. A noite apaga  
A derradeira luz do firmamento...  
Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

Um silencio tristissimo por tudo  
Se espalha. Mas a lua lentamente  
Surge na fimbria do horizonte mudo :

E o seu reflexo pallido, embebido  
Como um gladio de prata na corrente,  
Rasga o seio do rio adormecido.



## SATANIA

Nua, de pé, solto o cabello ás costas,  
Sorri. Na alcova perfumada e quente,  
Pela janella, como um rio enorme  
De aureas ondas tranquillae impalpaveis,  
Profusamente a luz do meio-dia  
Entra e se espalha palpitante e viva.  
Entra, parte-se em feixes rutilantes,  
Aviva as côres das tapeçarias,  
Doura os espelhos e os crystaes inllamma.  
Depois, tremendo, como a arfar, deslisa  
Pelo chão, de-enrola-se, e, mais leve,  
Como uma vaga preguiçosa e lenta,  
Vem-lhe beijar a pequenina ponta  
Do pequenino pé macio e branco.

Sobe... cinge-lhe a perna longamente,  
 Sobe .. — e que volta sensual descreve  
 Para abraçar todo o quadril! — prosegue,  
 Lambe-lhe o ventre, abraça-lhe a cintura,  
 Morde-lhe os bicos tumidos dos seios,  
 Corre-lhe a espadua, espia-lhe o reconceavo  
 Da axilla, accende-lhe o coral da bocca,  
 E antes de se ir perder na escara noite,  
 Na densa noite dos cabellos negros,  
 Pára confusa, a palpitar, diante  
 Da luz mais bella dos seus grandes olhos.

E aos mornos beijos, ás caricias teras  
 Da luz, cerrando levemente os cillios,  
 Satania os labios humidos encurva,  
 E da bocca na purpura sangrenta  
 Abre um curto sorriso de volupia...  
 Corre-lhe á flôr da pelle nm calefrio;  
 Todo o seu sangue, alvorocado, o curso  
 Apressa; e os olhos, pela feada estreita  
 Das abaixadas palpebras radiando,  
 Turvos, quebrados, languidos, contemplam,  
 Fitos no vaeo, uma visãõ querida...

Talvez ante elles, scintillando ao vivo  
 Fogo do Occaso, o mar se deseuròle :  
 Tingem-se as agnas de um rubor de sangue,  
 Uma canôa passa... Ao largo oscillam  
 Mastros enormes, sacudindo as flammulas...  
 E, alva e sonora, a murmurar, a espuma

Pelas arcas se insinúa, o limo  
Dos grosseiros cascalhos prateando...

Talvez ante elles, rígidas e immoveis,  
Vicem, abrindo os leques, as palmeiras :  
Calmia em tudo. Nem serpe sorrateira  
Silva, nem ave inquieta agita as azas.  
E a terra dorme n'um torpor, debaixo  
De um céo de bronze que a comprime e abafa...

Talvez as noites tropicaes se estendam  
Ante elles : infinito firmamento,  
Millhões de estrellas sobre as crespas agnas  
De torrentes caudaes, que, esbravejando,  
Entre altas serras surdamente ralam...  
Ou talvez, em paizes apartados,  
Fitem seus olhos uma scena antiga  
Tarde de outono. Uma tristeza immensa  
Por tudo. A um lado, á sombra deleitosa  
Das tamareiras, meio adormecido,  
Fuma um arabe. A fonte rumoreja  
Perto. Á cabeça o cantharo repleto,  
Com as mãos morenas suspendendo a saia,  
Uma mulher afasta-se, cantando...  
E o arabe dorme n uma densa nuvem  
De fumo... E o canto perde-se á distancia...  
E a noite chega, tepida e estrellada...

Certo, bem doce deve ser a scena  
Que os seus olhos extaticos ao longe,  
Turvos, quebrados, languidos, contemplam.

Ha pela alcova, emtanto, um murmurio  
 De vozes. A principio é um sopro escasso,  
 Um sussurrar baixinho... Augmenta logo :  
 É uma prece, um clamor, um côro immense  
 De ardentes vozes, de convulsos gritos.  
 É a voz da Carne, é a voz da Mocidade,  
 — Canto vivo de força e de belleza,  
 Que sobe d'esse corpo illuminado...

Dizem os braços : — Quando o instante dore  
 Ha-de chegar, em que, á pressão anciosa  
 D'estes laços de musculos sadios,  
 Um corpo amado vibrará de gozo ? — »

E os seios dizem : « — Que sedentos labios,  
 Que ávidos labios sorverão o vinho  
 Rubro, que temos n'estas cheias taças ?  
 Para essa bocca que esperamos, pulsa  
 N'estas carnes o sangue, enche estas veias,  
 E entesa e apruma estes rosados bicos... —

E a bocca — Eu tenho n'esta fina concha  
 Perolas niveas do mais alto preço,  
 E coraes, mais brillhantes e mais puros  
 Que a rubra selva que de um tyrio manto  
 Cobrè o fundo dos mares da Abyssinia...  
 Ardo e suspiro ! Como o dia tarda  
 Em que meus labios possam ser beijados,  
 Mais que beijados : possam ser mordidos ! — »

Mas, quando, emfim, das regiões descendo  
Que, errante, em sonhos, percorreu,— Satania  
Olha-se, e vê-se núa, e, estremecendo,  
Veste-se, e aos olhos ávidos do dia  
Vela os encantos, essa voz declina  
Lenta, abafada, tremula...

Um barulho

De linhos frescos, de brilhantes sedas  
Amarrotadas pelas mãos nervosas,  
Enche a alcova, derrama-se nos ares...  
E, sob as roupas que a suffocam, inda  
Por largo tempo, a soluçar, se escuta  
N'um longo choro a entrecortada queixa  
Das deslumbrantes carnes escondidas...

## QUARENTA ANNOS

Si n! Como um dia de verão, de acrensa  
Luz, de accesos e calidos fulgores,  
Como os sorrisos da estação das flôres,  
Foi passando tambem tua belleza.

Hoje — das garras da descrença preza —  
Perdes as illusões. Vão-se-te as côres  
Da face. E entram-te n'alma os dissabores,  
Nublam-te o olhar as sombras da tristeza.

Expira a primavera. O sol fulgura  
Com o brilho extremo... E ahi vêm as noites frias,  
Ahi vem o inverno da velhice escura...

Ah! pudesse eu fazer — novo Ezequias —  
Que o sol poente d'essa fermosura  
Volvesse á aurora dos primeiros dias!

## VESTIGIOS

Foram-te es annos consumindo aquella  
Belleza outr'ora viva e hoje perdida ...  
Porém teu rosto da passada vida  
Inda uns vestigios tremulos revela.

Assim, dos rudes furacões batida,  
Velha, exposta aos furores da procella,  
Uma arvore de pé, serena e bella,  
Inda se ostenta, na floresta erguida.

Raivoso o raio a lasca, e a estala, e a fende ..  
Racha-lhe o tronco annoso... Mas, em cima,  
Verde folhagem triumphal se estende.

Mal segura no chão, vacilla... Embora !  
Inda os ninhos conserva, e se reanima  
Ao chilrear dos passaros de outr'era.

## UM TRECHO DE GAUTIER

(*M<sup>lle</sup> de Maupin.*)

E porque eu sou assim que o mundo me repelle,  
E é por isso também que eu nada quero d'elle :  
Minh'alma é uma região ridente e esplendorosa  
Na apparencia : porém putrida e pantanosa,  
Cheia de emanações mephiticas, repleta  
De immundos vibrões, como a região infecta  
Da Batavia, de um ar pestifero e nocivo.  
Olha a vegetação : Tulipas de ouro vivo,  
Fulves nagassarís de ampla coroa, flôres  
De angseka, pompeando a opulencia das côres,  
Viçam ; viçam rosaes de purpura, sorrindo  
Sob o limpido azul de um céu sereno e infundo...  
Mas a florea cortina entreabre, e vê : — No fundo,  
Sobre os tropegos pés movendo o corpo immundo,  
Vae de rastos um sapo hydropico e nojento...



Olha esta fonte agora : O claro firmamento  
 Traz no puro crystal, puro eomo um diamante.  
 Viajôr ! de longe vens, ardendo em sêde ? Adiante !  
 Segue ! Fôra melhor, ao cabo da jornada,  
 De um pantano beber a agua que, estagnada  
 Entre os podres juncaes, em meio da floresta  
 Dorme... Fôra melhor beber d'ess' agua ! N'esta  
 Se acaso a incauta mão mergulha um dia a gente,  
 Ao sentir-lhe a frescura, ao mesmo tempo sente  
 As picadas mortaes das peçonhentas cobras,  
 Que colleiam, torcendo e destorcendo as dobras  
 Da esecama, e da atra bocca expellindo o veneno...

Segue ! porque é maldito e ingrato este terreno :  
 Quando, cheio de fô na colheita futura,  
 Antegosando o bem da proxima fartura,  
 Na terra, que feeunda e boa te parece,  
 Semeares trigo, — em vez da ambicionada messe,  
 Em vez da espiga de ouro a scintillar, — apenas  
 Colherás o meimendro e as cabelludas pennas  
 Que, como serpes, brande a maudragora bruta,  
 Entre vegetações de asphódelo e cienta.

Ninguem logrou jamais atravessar em vida  
 A floresta sem fim, negra e desconhecida,  
 Que eu tenho dentro d'alma. É uma floresta enorme,  
 Onde — virgem intacta — a natureza dorme,  
 Como nos mattagaes da America e de Java :  
 Cresce, erespa e cerrada, a laçaria brava  
 Dos flexiles eipós, curvos e resistentes,  
 As arvores atando em voltas de serpentes ;

Lá dentro, na espessura, entre o esplendor selvagem  
Da flora tropical, nos arcos de folhagem  
Balançam-se animaes fantasticos, suspensos :  
Morcegos de uma fórmula extraordinaria, e immensos;  
Escaravelhos que o ar pesado e morno agitam.  
Monstras de horrendo aspecto estas furnas habitam:  
— Elephantes brutaes, brutaes rhinocerontes,  
Esfregando ao passar contra os ragosos montes  
A rugosa couraça e espedaçando os troncos  
Das arvores, lá vão ; e hippopotamos broncos  
De tumido focinho e orelhas eriçadas,  
Batem pausadamente as patas compassadas.  
Na clareira, onde o sol penetra ao meio-dia  
O auriverde doce das ramagens, e enfia  
Como uma emba de ouro um raio luminoso,  
É onde um calmo retiro achar contaste ancioso,  
— Transido de pavor encontrarás — piscando  
Os olhos verdes, e o ar, safreço, respirando,  
Um tigre a dormir, com a lingua rubra o pelo  
De velludo lustrando, ou, em calma, um novelo  
De boas, digerindo o touro devorado...

Tem receio de tudo ! O e o puro e azulado,  
A herva, o fructo maduro, o sol, o ambiente mudo,  
Tudo aqui é mortal... Tem receio de tudo !

É é porque eu sou assim que o mundo me repelle,  
É é por isso tambem que eu nada quero d'elle !

## NO LIMINAR DA MORTE

Grande lascivo! espera-te a voluptuosidade  
do nada.

(*Machado de Assis, BRAS GUBAS.*)

Engelhadas as faces, os cabellos  
Branços, ferido, chegas da jornada.  
Revês da infancia os dias; e, ao revel-os,  
Que fundas maguas na alma lacerada!

Páras. Palpas a treva em torno. Os gelos  
Da velhice te cercam. Vês a estrada  
Negra, cheia de sombras, povoada  
De otros espectros e de pesadelos...

Tu, que amaste e soffreste, agora os passos  
Para meu lado moves. Alma em prantos,  
Deixas os odios do mundano inferno...

Vem! que emfim gozarás entre meus braços  
Toda a volupia, todos os encantos,  
Toda a delicia do repouso eterno!

## PARAPHRASE DE BAUDELAIRE

Assim ! Quero sentir sobre a minha cabeça  
O peso d'essa noite embalsamada e espessa...  
Que suave calor, que volupia divina  
As carnes me penetra e os nervos me domina !  
Ah ! deixa-me aspirar indefinidamente  
Este aroma subtil, este perfume ardente !  
Deixa-me adormecer envolto em teus cabellos !...  
Quero sentil-os, quero aspiral-os, sorvel-os,  
E n'elles mergulhar loucamente o meu rosto,  
Como quem vem de longe, e, ás horas do sol posto,  
Acha a um canto da estrada uma nascente pura,  
Onde mitiga ancioso a séde que o tortura...  
Quero tel-os nas mãos, e agital-os, cantando,  
Como a um lenço. pelo ar sandales espalhando. .  
Ah ! se pudesses ver tudo o que n'elles vejo !  
— Meu desvairado amor ! mea insano desejo !...

Teus cabellos contém uma visão completa  
— Largas aguas, movendo a superficie inquieta,  
Cheia de um turbilhão de velas e de mastres,  
Sob o claro docel palpitante dos astros.  
Cava-se o mar, rugindo, ao peso dos navies  
De todas as nações e todos os leítios,  
Desenrolando no alto as flammulas ao vento,  
E recortando o azul do limpo firmamento,  
Sob o qual ha nma eterna, uma infinita calma.

E prevê meu olhar e presente minh'alma  
Longe, — onde, mais profundo e mais azul, se arqueia  
O céu, onde ha mais luz e onde a atmosphera, cheia  
De aremas, ao repouso e ao divagar convida, —  
Um paiz encantado, uma região querida,  
Fresca, sorrindo ao sol, entre fructos e flôres  
— Terra santa da luz, do sonho e dos amores ;  
Terra que nunca vi, terra que não existe,  
Mas da qual, entretanto, eu, desterrado e triste,  
Sinto no coração, ralado de anciedade,  
Uma saudade eterna, uma fatal saudade !  
Minha patria ideal ! Em vão estendo os braços  
Para teu lado ! Em vão para teu lado os passos  
Movo ! Em vão ! Nunca mais em teu seio adorado  
Poderei repousar meu corpo fatigado...  
Nunca mais ! nunca mais !...

Sobre a minha cabeça,  
Querida ! abre essa noite embalsamada e espessa !  
Desdobra sobre mim os teus negros cabellos !  
Quero, solrego e louco, aspiral-os, mordel-os,  
E, bebedo de amor, o seu peso sentindo,

N'elles dormir envolto e ser feliz dormindo...

Ah ! se pudesses ver tudo o que n'elles vejo !

Meu desvaírado amor ! Meu injusto desejo !

## RIOS E PANTANOS

Muita vez houve céu dentro de um peito :  
Céu coberto de estrellas resplendentes,  
Sobre rios alvissimos, de leito  
De fina prata e margens florescentes...

Um dia veio, em que a descrença o aspecto  
Mudou de tudo : em turbidas enchentes,  
A agua um manto de lodo e trevas feito  
Estendeu pelas veigas rescendentes.

E a alma que os anjos de aza solta, os sonhos  
E as illusões cruzaram revoando,  
— Depois, na superficie horrenda e fria,

Só apresenta pantanos medonhos,  
Onde, os longos sudarios arrastando,  
Passa da peste a legião sombria...

## DE VOLTA DO BAILE

Chega do baile. Descansa.  
Move a eburnea ventarola.  
Que aroma de sua trança  
Voluptuoso se evóla !

Ao vel-a, a alcova deserta  
E muda até então, em roda  
Sentindo-a, treme, desperta  
E é festa e delirio toda.

Despe-se. O manto primeiro  
Retira, as luvas agora,  
Agora as joias — chuveiro  
De pedras da côr da aurora.

E pelas perolas, pelos  
Rubins de fogo e diamantes,



Faiscando nos seus cabellos  
Como estrellas coruscantes,

Pelos collares em dobras  
Enrolados, — pelos finos  
Braceletes, como cobras  
Mordendo os braços divinos,

Pela grinalda de flôres,  
Pelas sedas que se agitam  
Murmurando e as varias côres  
Vivas do arco-iris imitam,

— Por tudo, as mãos inquietas  
Movem-se rapidamente,  
Como um par de borboletas  
Sobre um jardim florescente.

Voando em torno, infinitas,  
Precipitadas, vão soltas  
Revoltas nuvens de fitas,  
Nuvens de rendas revoltas.

E, de entre as rendas e o arminho,  
Saltam seus seios rosados,  
Como de dentro de um ninho  
Dois passaros assustados.

E da lampada suspensa  
Treme o clarão; e ha por tudo

Uma agitação immensa,  
Um extase immenso e mudo.

E como que por encanto,  
N'um longo rumor de beijos,  
Ha vozes em cada canto  
E em cada canto desejos...

Mais um gesto... E, vagarosa,  
Dos hombros solta, a camisa  
Pelo seu corpo — amorosa  
E sensualmente deslisa.

E o tronco altivo e direito,  
O braço, a curva macia  
Da espadua, o talhe do peito  
Que de tão branco irradia ;

O ventre que, como a neve,  
Firme e alvissimo se arqueia  
E apenas em baixo um leve  
Buço dourado sombreia ;

A côxa firme que desce  
Curvamente, a perna, o artelho :  
Todo o seu corpo apparece  
Subitamente no espelho.

Mas logo um deslumbramento  
Se espalha na alcova inteira :

Com um rapido movimento  
Destouca-se a cabelleira.

Que riquissimo thesouro  
N'aquelles fios dardeja !  
É como uma nuvem de ouro  
Que a envolve, e, em zelos, a beija.

Toda, contorno a contorno,  
Da frente aos pés, cerca-a ; e em ondas  
Fulvas derrama-se em torno  
De suas fórmas redondas ;

E depois de apaixonada  
Beijal-a linha por linha,  
Cáe-lhe ás costas, desdobrada  
Como um manto de rainha...

## SAHARA VILE

Lá vão elles, lá vão! O céu se arqueia  
Como um tecto de bronze infinito e queate,  
E o sol fuzila e, fuzilando, ardente  
Criva de flechas de aço o mar de areia.

Lá vão, com os olhos onde a sede ateia  
Um fogo estranho, procurando em frente  
Esse oasis do amor que, claramente,  
Além, bello e fallaz, se delineia.

Mas o simun da morte sopra : a tromba  
Convulsa envolve-os, prostra-os; e aplacada  
Sobre si mesma roda e exhausta tomba...

E o sol de novo no igneo céu fuzila...  
E sobre a geração exterminada  
A areia dorme placida e tranquilla.

## BEIJO ETERNO

Quero um beijo sem fim,  
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo !  
Ferve-me o sangue. Acalma-o com teu beijo !  
Beija-me assim !  
O ouvido fecha ao rumor  
Do mundo, e beija-me, querida !  
Vive só para mim, só para a minha vida,  
Só para o meu amor !

Fóra, repouse em paz  
Dormida em calmo somno a calma Natureza,  
Ou se debata, das tormentas preza, —  
Beija inda mais !  
E, enquanto o brando calor  
Sinto em meu peito de teu seio,  
Nossas boccas febris se unam com o mesmo anseio,  
Com o mesmo ardente amor !

De arrebol a arrebol,  
 Vão-se os dias sem conto! e as noites, como os dias,  
 Sem conto vão-se, calidas ou frias!  
 Rutilo o sol  
 Esplendido e abrazador!  
 No alto as estrellas eoruscantes,  
 Tauxiando os largos céos, brilhem como diamantes!  
 Brilhe aqui dentro o amor!

Succeda a treva á luz!  
 Vele a noite de crepe a curva do horizonte;  
 Em véos de opala a madrugada aponte  
 Nos céos azues,  
 E Venus, como uma flôr,  
 Brilhe, a sorrir, do Ocaso á porta,  
 Brilhe á porta do Oriente! A treva e a luz — que importa?  
 Só nos importa o amor!

Raive o sol no Verão!  
 Venha o Outono! do Inverno os frigidios vapores  
 Toldem o céo! das aves e das flôres  
 Venha a estação!  
 Que nos importa o esplendor  
 Da Primavera, e o firmamento  
 Limpo, e o sol scintillante, e a neve, e a chuva, e o vento?  
 — Beijemo-nos, amor!

Beijemo-nos! que o mar  
 Nossos beijos ouvindo, em pasmo a voz levante!  
 E cante o sol! a ave desperte e cante!  
 Cante o luar,

Cheio de um novo fulgor!  
 Cante a amplidão! cante a floresta!  
 E a Natureza toda, em delirante festa,  
 Cante, cante este amor!

Rasgue-se, á noite, o véo  
 Das neblinas, e o vento inquirá o monte e o valle  
 «— Quem canta assim?—» E uma aurea estrella falle  
 Do alto do céo  
 Ao mar, preza de pavor:  
 — Que agitação estranha é aquella? —  
 E o mar adoece a voz, e á curiosa estrella  
 Responda que é o amor.

E a ave, ao sol da manhã,  
 Também, a aza vibrando, á estrella que palpita  
 Responda, ao vel-a desmaiada e afflicta:  
 — Que beijo, irmã!  
 Pudesses ver com que ardor  
 Elles se beijam loucamente! —  
 E inveje-nos a estrella... e apague o olhar dormente,  
 Morta, morta de amor!...

Diz tua bocca: — Vem! — »  
 « — Inda mais! — » diz a minha, a soluçar... Exclama  
 Todo o meu corpo que o teu corpo chama:  
 — Morde também! — »  
 Ai! morde! que doce é a dôr  
 Que me entra as carnes, e as tortura!  
 Beija mais! morde mais! que eu morra de ventura!  
 Morto por teu amor!

Quero um beijo sem fim,  
Que dure a vida inteira e aplaque o meu desejo!  
Ferve-me o sangue : acalma-o com teu beijo!

Beija-me assim !

O ouvido fecha ao rumor  
Do mundo, e beija-me, querida!  
Vive só para mim, só para a minha vida,  
Só para o meu amor!



## POMBA E CHACAL

O Natureza! ó mãe piedosa e pura!  
Ó cruel, implacavel assassina!  
— Mão, que o veneno e o balsamo propina,  
E aos sorrisos as lagrimas mistura!

Pois o berço, onde a bocca pequenina  
Abre o infante a sorrir, é a miniatura,  
A vaga imagem de uma sepultura,  
O germen vivo de uma atroz ruina?!

Sempre o contraste! Passaros cantando  
Sobre tumulos... flôres sobre a face  
De ascosas aguas putridas boiando...

Anda a tristeza ao lado da alegria...  
E esse teu seio, d'onde a noite nasce,  
E o mesmo seio d'onde nasce o dia...

## MEDALHA ANTIGA

*De Lisie.*

Este, sim! viverá por seculos e seculos,  
Vencendo o olvido. Soube a sua mão deixar,  
Ondeando no negror do onyx polido e rutilo,  
A alva espuma do mar.

Ao sol, bella e radiosa, o olhar surpreso e extatico,  
Vê-se Kypre, á feição de uma joven princeza,  
Mollemente emergir á flôr da face tremula  
Da liquida turqueza.

Núa a deusa, nadando, a onda dos seios tumidos  
Leva diante de si, amorosa e sensual :  
E a onda mansa do mar borda de argenteos flocculos  
Seu pescoço immortal.

Livre das fitas, solto em quedas de ouro, espalha-se  
Gottejante o cabello : e seu corpo encantado

Brilha nas aguas, como, entre violetas humidas,  
Um lirio immaculado.

E nada, e folga, enquanto as barbatanas asperas  
E as fulvas caudas no ar batendo, e em derredor  
Turvando o Oceano, em grupo os delphins atropelam-se  
Para a fitar melhor.

## NO CARCERE

Porque hei-de, em tudo quanto vejo, vel-a ?  
Porque hei-de eterna assim reproduzida  
Vel-a na agua do mar, na luz da estrella,  
Na nuvem de ouro e na palmeira erguida ?

Fosse possivel ser a imagem d'ella  
Depois de tantas maguas esquecida !...  
Pois acaso será, para esquecel-a,  
Mister e força que me deixe a vida ?

Negra lembrança do passado ! lento  
Martyrio, lento e atroz ! Porque não ha-de  
Ser dado a toda a magua o esquecimento ?

Porque ? Quem me encadeia sem piedade  
No carcere sem luz d'este tormento,  
Com os pesados grilhões d'esta saudade ?

## OLHANDO A CORRENTE

Põe-te á margem ! Contempla-a, lentamente,  
Crespa, turva, a rolar. Em vão indagas  
A que paragens, a que longes plagas  
Desce, ululando, a lugubre torrente...

Vem de longe, de longe... Ouve-lhe as pragas !  
Que infrene grita, que bramir frequente,  
Que côro de blasphemias surdamente  
Rolam na queda d'essas negras vagas !

Choras ? Tremes ? E tarde... Esses violentos  
Gritos escuta ! Em lagrimas, tristonhos,  
Fechas os olhos ?... Olha ainda o horror

D'aquellas aguas ! Vê ! Teus juramentos  
Lá vão ! lá vão levados os meus sonhos,  
Lá vac levado todo o nosso amor !

Tenho frio e ardo em febre !

O amor me acalma e endouda ! o amor me eleva e abate !

Quem ha que os laços, que me prendem, quebre ?

Que singular, que desigual combate !

Não sei que hervada frêcha

Mão certa e fallaz me cravou com tal geito,

Que, sem que eu a sentisse, a estreita brêcha

Abriu, por onde o amor entrou meu peito.

O amor me entrou tão cauto

O incauto coração, que eu nem cuidei que estava

Ao recebê-lo, recebendo o arauto

D'esta loucura desvairada e brava.

Entrou. E, apenas dentro,

Deu-me a calma do céu e a agitação do inferno...

E hoje... ai! de mim, que dentro em mim concentro

Dôres e gostos n'um lutar eterno !

O amor, Senhora, vêde :

Prendeu-me. Em vão me estorço, e me debato, e grito;

Em vão me agito na apertada rêde...  
Mais me embaraço quanto mais me agito!

Falta-me o senso : a esmo,  
Como um cego, a tactear, busco nem sei que porto.  
E ando tão differente de mim mesmo,  
Que nem sei se estou vivo ou se estou morto.

Sei que entre as nuvens paira  
Minha frente, e meus pés andam pisando a terra ;  
Sei que tudo me alegra e me desvaira,  
E a paz desfructo, supportando a guerra.

E assim peno e assim vivo :  
Que diverso querer ! que diversa vontade !  
Se estou livre, desejo estar captivo ;  
Se captivo, desejo a liberdade !

E assim vivo, e assim peno :  
Tenho a bocca a sorrir e os olhos cheios de agua,  
E acho o nectar n'um calix de veneno,  
A chorar de prazer e a rir de magua.

Infinda magua ! infindo  
Prazer ! pranto gostoso e sorrisos convulsos !  
Ah ! como dóe assim viver, sentindo  
Azas nos hombros e grilhões nos pulsos !

## NEL MEZZO DEL CAMIN...

Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada  
E triste, e triste e fatigado eu vinha.  
Tinhas a alma de sonhos povoada  
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E parámos de subito na estrada  
Da vida : longos annos, presa á minha  
A tua mão, a vista deslumbrada  
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje segues de novo... Na partida  
Nem o pranto os teus olhos humedece,  
Nem te commove a dôr da despedida.

E eu, solitario, volto a face, e tremo,  
Vendo o teu vulto que desaparece  
Na extrema curva do camiinho extremo...



## SOLITUDO

Já que te é grato o soffrimento alheio,]  
Vae! Não fique em minh'alma nem um traço  
Nem um vestigio teu! Por todo o espaço  
Se estenda o luto carregado e feio.

Turvem-se os largos céos... No leito escasso  
Dos rios a agua seque... E eu tenha o seio  
Como um deserto pavoroso, eheio  
De horrores, sem signal de humano passo..

Vão-se as aves e as flôres juntamente  
Contigo... Tórre o sol a verde alfombra,  
A areia envolva a solidão inteira...

E só fique em meu peito o Sahara ardente  
Sem um oasis, sem a esquiva sombra  
De uma isolada e tremula palmeira !

## A CANÇÃO DE ROMEU

Abre a janella... accorda!  
Que eu, só por te accordar,  
Vou pulsando a guitarra, corda a corda,  
Ao luar!

As estrellas surgiram  
Todas : e o limpo véo,  
Como lírios alvissimos, cobriram  
Do céo.

De todas a mais bella  
Não veio inda, porém :  
Falta uma estrella... Es tu ! Abre a janella,  
E vem !

A alva cortina anciosa  
Do leito entreabre ; e, ao chão

Saltando, o ouvido presta á harmoniosa  
Canção.

Sólta os cabellos cheios  
De aroma : e semi-nús,  
Surjam formosos, tremulos, teus seios  
A' luz.

Repousa o espaço mudo ;  
Nem uma aragem, vês ?  
Tudo é silencio, tudo calma, tudo  
Mudez.

Abre a janella, accorda !  
Que eu, só por te accordar,  
Vou pulsando a guitarra corda a corda,  
Ao luar !

Que puro céu ! que pura  
Noite ! nem um rumor...  
Só a guitarra em minhas mãos murmura :  
Amor !...

Não foi o vento brando  
Que ouviste sôar aqui :  
E o choro da guitarra, perguntando  
Por ti.

Não foi a ave que ouviste,  
Chilrando no jardim :

E a guitarra que geme e trilla triste,  
Assim.

Vem, que esta vez secreta  
É o canto de Remem :  
Accorda ! quem te chama, Julieta,  
Sou eu !

Porém... Ó cotovia,  
Silencio ! a amora, em véos  
De nevoa e rosas, não desdobre o dia  
Nos céos...

Silencio ! que ella accorda...  
Já fulge o seu olhar...  
Adormeça a guitarra, corda a corda,  
Ao luar !

## A TENTAÇÃO DE XENOKRATES

## I

Nada turbava aquella vida austera :  
Calmamente, traçada a túnica severa,  
Curva a frente, cruzando a passos lentos  
As aléas de platanos, — dizia  
Das faculdades da alma e da theoria  
De Platão aos discipulos attentos.

Ora o viam perder-se, concentrado,  
No labyrintho escuro de intricado  
Controverso e sophistico problema,  
Ora os pontos obscuros explicando  
Do Timoneu, e seguro manejando  
A lamina bigúmea do dilemma.

Muitas vezes, nas mãos pousando a fronte,  
Com o vago olhar perdido no horizonte,  
Em pertinaz meditação ficava...  
Assim, junto ás sagradas oliveiras,  
Era immoto seu corpo horas inteiras,  
Mas longe d'elle o espirito pairava.

Longe, acima do humano fervedouro,  
Sobre as nvens radiantes,  
Sobre a planicie das estrellas de ouro :  
Na alta esphera, no paramo profundo  
Onde não vão, errantes,  
Bramir as vozes das paixões do mundo :

Ali, na eterna calma,  
Na eterna luz dos céos silenciosos,  
Voa, abrindo, sua alma  
As azas invisiveis,  
E interrogando os vultos magestosos  
Dos deuses impassiveis...

E a noite desce, afiuna o firmamento...  
Sôa sómente, a espaços,  
O prolongado sussurrar do vento...  
E expira, ás luzes ultimas do dia,  
Todo o ruinor de passos  
Pelos ermos jardins da Academia.

E, longe, luz mais pura  
Que a extincta luz d'aquelle dia morto  
Xenókrates procura :

— Immortal claridade  
Que é protecção e amor, vida e conforto,  
Porque é a luz da verdade !

## II

Ora Laïs, a siciliana escrava  
Que Apelles seduzira, amada e bella  
Por esse tempo Athenas dominava...

Nem o frio Demosthenes altivo  
Foge-lhe o imperio : dos encantos d'ella,  
Curva-se o proprio Diogenes captivo.

Não é maior que a sua a encantadora  
Graça das fórmas nitidas e puras  
Da irresistivel Diana caçadora ;

Ha nos seus olhos um poder divino ;  
Ha venenos e perfidas doçuras  
Na fita de seu labio purpurino ;

Tem nos seios — dois passaros que pulam  
Ao contacto de um beijo, — nos pequenos  
Pés, que as sandalias soffregas osculam,

Na côxa, no quadril, no torso airoso,

Todo o primor da callypigia Venus  
— Estatua viva e esplendida do Gozo.

Cáem-lhe aos pés as perolas e as flôres,  
As drachmas de ouro, as almas e os presentes,  
Por uma noite de febris ardores.

Heliostes e Eupatridas sagrados,  
Artistas e Oradores eloquentes  
Leva ao carro de gloria acorrentados...

E os generaes indomitos, vencidos  
Vendo-a, sentem por baixo das couraças  
Os corações de subito feridos.

### III

Certa noite, ao clamor da festa, em gala,  
Ao som continuo das lavradas taças  
Tinindo cheias na espaçosa sala,

Vozeava o Ceramico, repleto  
De cortezans e flôres. As mais bellas  
Das hetéres de Samos e Mileto

Eram todas na orgia. Estas bebiam,  
Núas, á deusa Ceres. Longe, aquellas



Em animados grupos discutiam.

Pendentes no ar, em nuvens densas, varios  
 Quentes incensos indicos queimando,  
 Oscillavam de leve os incensarios.

Tibios flautins finissimos gritavam.  
 E, as curvas harpas de ouro acompanhando,  
 Crótalos claros de metal cantavam...

O espumeo Chypre as faces dos convivas  
 Accendia. Soavam desvairados  
 Febris accentos de canções lascivas.

Via-se a um lado a pallida Phrynéa,  
 Provocando os olhares deslumbrados  
 E os sensuaes desejos da assembléa.

Laïs além falava : e, de seus labios  
 Suspensos, a beber-lhe a voz maviosa,  
 Cercavam-n'a Philosophos e Sabios.

N'isto, entre a turba, ouviu-se a zombeteira  
 Voz de Aristippo : — És bella e poderosa,  
 Laïs ! mas, por que sejas a primeira,

A mais irresistivel das hetéres,  
 Cunpre domar Xenókrates ! És bella...  
 Poderás fascinal-o, se o quizeres !

Doma-o, e serás rainha ! — Ella sorria...

E apostou que, submisso e vil, n'aquella  
Mesma noite a seus pés o prostraria.

Apostou e partiu...

#### IV

Na alcova muda e quieta,  
Apenas se escutava  
Leve, a areia, a cahir no vidro da ampulheta...  
Xenócrates velava.

Mas que harmonia estranha,  
Que sussurro lá fóra! Agita-se o arvoredó  
Que o limpido luar serenamente banha :  
Treme, fala em segredo...

As estrellas, que o céu cobrem de lado a lado,  
A agua ondeante dos lagos  
Fitam, n'ella espalhando o seu clarão dourado,  
Em tímidos affagos.

Sólta um passaro o canto.  
Ha um cheiro de carne á beira dos caminhos...  
E accordado ao luar, como que por encanto,  
Estremecendo, os ninhos...

Que indistincto rumor ! Vibram na voz do vento  
    Crebros, vivos arpejos.  
E vae da terra e vem do curvo firmamento  
    Como um clamor de beijos.

    Com as azas de ouro, em roda  
Do céu, naquella noite humida e clara, vòa  
Alguem que a tudo accorda e a natureza toda  
    De desejos povòa :

E a Volupia que passa e no ar deslisa ; passa,  
    E os corações inflamma...  
Lá vae ! E, sobre a terra, o Amor, da curva taça  
    Que traz ás mãos, derrama.

    E entretanto, deixando  
A alva barba espalhar-se em rôlos sobre o leito,  
Xenókrates medita, as magras mãos cruzando  
    Sobre o escarnado peito.

Scisma. E tão aturada é a scisma em que fluetua  
Sua alma, e que a regiões ignotas o transporta,  
— Que não sente Laïs, que surge semi-núa  
    Da muda alcova á porta.

## V

E bella assim ! Desprende a knemide. Revolta,  
 Ondeaute a cabelleira, aos niveos hombros solta,  
 Cobre-lhe os seios nis e a curva dos quadris,  
 N'um louco turbilhão de aureos fios subtis.  
 Que fogo em seu olhar ! Vel-o é a seus pés prostrada  
 A alma ver supplicante, em lagrimas banhada,  
 Em desejos accesa ! Olhar divino ! Olhar  
 Que encadeia, e domina, e arrasta ao seu altar  
 Os que morrem por ella, e ao céo pedem mais vida,  
 Para tel-a por ella inda uma vez perdida !  
 Mas Xenókrates scisma...

É em vão que, a prumo, o sol  
 D'esse olhar abre a luz n'um radiante arrebol...  
 Em vão ! Vem tarde o sol ! Jaz extincta a cratera ;  
 Não ha vida, nem ar, nem luz, nem primavera :  
 Gelo apenas ! E, em gelo envolto, ergue o vulcão  
 Os flancos, entre a nevoa e a opaca cerração...

Scisma o sabio. Que importa aquelle corpo ardente  
 Que o envolve, e enlaga, e prende, e aperta loucamente ?  
 Fosse cadaver frio o mudo ancião ! talvez  
 Mais sentisse o calor d'aquella eburnea tez !...

Em vão Laís o abraça, e o nacarado labio  
Chega-lhe ao labio frio... Em vão! Medita o sabio,  
E nem sente o calor d'esse corpo que o attráe,  
Nem o aroma febril que d'essa bocca sae.

E ella : — Vivo não és! Jurei domar um homem,  
Mas de beijos não sei que a pedra fria domem! —

Xenókrates então do leito levantou  
O corpo, e o olhar no olhar da cortezã eravou :

— Póde rugir a carne... Embora! D'ella acima  
Paira o espirito ideal que a purifica e anima :  
Cobrem nuvens o espaço, e, acima do atro véo  
Das nuvens, brilha a estrella illuminando o céo! —

Disse. E outra vez, deixando  
A alva barba espalhar-se em rolos sobre o leito,  
Quedou-se a meditar, as magras mãos cruzando  
Sobre o escarnado peito.



ALMA INQUIETA







## A AVENIDA DAS LAGRIMAS

*A um Poeta morto*

Quando a primeira vez a harmonia secreta  
De uma lyra accordou, gemendo, a terra inteira,  
Dentro do coração do primeiro poeta  
Desabrochou a flôr da lagrima primeira.

E o poeta sentiu os olhos rasos de agua ;  
Subiu-lhe á bocca, ancioso, o primeiro queixume :  
Tinha nascido a flôr da Paixão e da Magua,  
Que possue, como a rosa, espinhos e perfume.

E na terra, por onde o Sonhador passava,  
Ia a roxa corolla espalhando as Sementes :  
De modo que, a brilhar, pelo solo ficava  
Uma vegetação de lagrimas ardentes.

Foi assim que se fez a Via Dolorosa,  
A avenida ensombrada e triste da Saudade,

Onde se arrasta, á noite, a precissão chorosa  
Dos orphãos do carinho e da felicidade.

Recalcando no peito os gritos e os soluços,  
Tu conhecestes bem essa longa avenida,  
— Tu que, chorando em vão, te esalfaste, de braços,  
Para, infeliz, galgar o Calvario da vida.

Teu pé deixou tambem um signal n'este solo ;  
Tambem por este solo arrastaste o teu manto...  
E, ó Musa, a harpa infeliz que sustinhas ao collo,  
Passou para outras mãos, molhou-se de outro prauto.

Mas tua alma ficou, livre da desventura,  
Docemente sonhando, ás caricias da lua :  
Entre as flôres, agora, uma outra flôr fulgura,  
Guardando na corolla uma lembrança tua...

O aroma d'essa flôr, que o teu martyrio encerra,  
Se immortalizará, pelas almas disperso  
— Porque purificou a torpeza da terra  
Quem deixou sobre a terra uma lagrima e um verso.

## INANIA VERBA

Ah! quem ha-de exprimir, alma impotente e escrava,  
O que a bocca não diz, o que a mão não escreve?  
— Ardes, sangras, pregada á tua cruz, e, em breve,  
Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava :  
A Fórma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...  
E a Palavra pesada abafa a Idéa leve,  
Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde achará para a expressão de tudo ?  
Ai! quem ha-de dizer as ancias infinitas  
Do sonho? e o céo que foge á mão que se levanta?

E a ira muda? e o asco mudo? e o desespero mudo?  
E as palavras de fé que nunca foram ditas?  
E as confissões de amor que morrem na garganta?!

## MIDSUMMER'S NIGTH'S DREAM

Quem o encanto dirá d'estas noites de estio?  
Corre de estrella a estrella nm leve calefrio,  
Ha queixas doces no ar... Eu, recolhido e só,  
Ergo o sonho da terra, ergo a fronte do pó,  
Para purificar o coração manchado,  
Cheio de odio, de fel, de angustia e de peccado...

Que exquisita saudade! — Uma lembrança estranha  
De ter vivido já no alto de uma montanha,  
Tão alta, que tocava o céo... Bello paiz,  
Onde, em perpetuo sonho, eu vivia feliz,  
Livre da ingratição, livre da indifferença,  
No seio maternal da Illusão e da Crença!

Que inexoravel mão, sem piedade, captivo,  
Estrellas, me encerrou no carcere em que vivo?  
Louco, em vão do profundo horror d'este atascal

Bracejo, e peno em vão, para fugir do mal!  
Porque, para uma ignota e longinqua paragem,  
Astros, não me levaes nessa eterna viagem ?

Ah! quem póde saber de que outras vidas veio?...  
Quantas vezes, fitando a Via Lactea, creio  
Todo o mysterio ver aberto ao meu olhar!  
Tremo... e cuido sentir dentro de mim pesar [dida,  
Uma alma alheia, uma alma em minha alma escondida,  
— O cadaver de alguém de quem carrego a vida...

## MATER

Tu, grande Mãe!... do amor de teus filhos escrava,  
Para teus filhos és, no caminho da vida,  
Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava  
    À longe Terra Promettida.

Jorra de teu olhar um rio luminoso...  
Pois, para baptisar essas almas em flôr,  
Deixas cascatear d'esse olhar carinhoso  
    Todo o Jordão do teu amor.

E espalham tanto brilho as azas infinitas  
Que expandes sobre os teus, carinhosas e bellas,  
Que o seu grande clarão sobe, quando as agitas,  
    E vae perder-se entre as estrellas.

E elles, pelos degrãos da luz ampla e sagrada,  
Fogem da humana dôr, fogem do humano pó,  
E, á procura de Deus, vão subindo essa escada,  
    Que é como a escada de Jacob.

## INCONTENTADO

Paixão sem grita, amor sem agonia,  
Que não opprime nem magôa o peito,  
Que nada mais do que possúe queria,  
E com tão pouco vive satisfeito...

Amor, que os exaggeros repudia,  
Misturado de estima e de respeito,  
E, tirando das maguas alegria,  
Fica farto, ficando sem proveito...

Viva sempre a paixão que me consome,  
Sem uma queixa, sem um só lamento!  
Arda sempre este amor que desanima!

E eu tenha sempre, ao murmurar teu nome,  
O coração, máo grado o soffrimento,  
Como um rosal desabrochado em rimas.

## SONHO

Quantas vezes, em sonho, as azas da saudade  
Sólto para onde estás, e fico de ti perto!  
Como, depois do sonho, é triste a realidade!  
Como tudo, sem ti, fica depois deserto!

Sonho... Minha alma vôa. O ar gorgéia e soluça.  
Noite... A amplidão se estende, illuminada e calma :  
De cada estrella de ouro um anjo se debruça,  
E abre o olhar espantado, ao ver passar minha alma.

Ha por tudo a alegria e o rumor de um noivado.  
Em torno a cada ninho anda bailando uma aza.  
E, como sobre um leito um alvo cortinado,  
Alva a luz do luar cáe sobre a tua casa.

Porém, subitamente, um relampago corta  
Todo o espaço... O rumor de um psalmo se levanta.  
E, sorrindo, serena, appareces á porta,  
Como numa moldura a imagem de uma Santa...



## PRIMAVERA

Ah! quem nos déra que isto, como outr'ora.  
Inda nos commovesse! Ah! quem nos déra  
Que inda juntos pudessemos agora  
Ver o desabrochar da primavera!

Sahíamos com os passaros e a aurora...  
E, no chão, sobre os troncos cheios de hera,  
Sentavas-te sorrindo, de hora em hora :  
« Beijemo-nos! amemo-nos! espera!

E essa carne de rosa rescendia,  
E aos meus beijos de fogo palpitava,  
Alquebrada de amor e de cansaço...

A alma da terra gorgeiava e ria...  
Nascia a primavera... E eu te levava,  
Primavera de carne, pelo braço!

## DORMINDO

De qual de vós desceu para o exílio do mundo  
A alma d'esta mulher, astros do céu profundo ?  
Dorme talvez agora... Immaculas, serenas,  
Cruzam-se n'uma prece as suas mãos pequenas.  
Para a respiração suavíssima lhe ouvir,  
A noite se debruça... E, a oscillar e a fulgir,  
Brande o gladio de luz, que a escuridão recorta,  
Um archanjo, de pé, guardando a sua porta.  
Versos ! podeis vôar em torno d'esse leito,  
E pairar sobre o alvor virginal de seu peito,  
Aves, tontas de luz, sobre um fresco pomar...  
Dorme... Rimas febris, podeis febris vôar...  
Como ella, num livor de nevoas mysteriosas,  
Dorme o céu, campo azul semeado de rosas ;  
E dois anjos do céu, alvos e pequeninos,  
Vêm dormir nos dois céos dos seus olhos divinos...  
Dorme... Estrellas, velai, inundando-a de luz !

Caravana, que Deus pelo espaço conduz,  
Todo o vosso elarão n'esta pequena alcova  
Sobre ella, como um nimbo esplendido, se mova :  
E, a sorrir e a sonhar, sua leve cabeça  
Como a da Virgem-Mãe repouse e resplandeça!

## NOCTURNO

Já toda a terra adormece.  
Sáe um soluço da flor.  
Rompe de tudo um rumor,  
Leve como o de uma prece.

A tarde cáe. Mysterioso,  
Geme entre os ramos o vento.  
E ha por todo o firmamento  
Um anseio doloroso.

Aureo thuribulo immenso,  
O occaso em purpuras arde,  
E para a oração da tarde  
Desfaz-se em rolos de incenso

Moribundos e suaves,  
O vento na aza conduz

O ultimo raio da luz  
E o ultimo canto das aves.

E Deus, na altura infinita,  
Abre a mão profunda e calma,  
Em cuja profunda palma  
Todo o Universo palpita.

Mas um barulho se eleva...  
E, no paramo celeste,  
A horda dos astros investe  
Contra a muralha da treva.

As estrellas, psalmodiando  
O Poëian sacro, a vôar,  
Enchem de canticos o ar...  
E vão passando... passando...

Agora, maior tristeza,  
Silencio agora mais fundo ;  
Dorme, num somno profundo,  
Sem sonhos, a Natureza.

A flôr-da-noite abre o calix...  
E, soltos, os pyrilampos  
Cobrem a face dos campos,  
Enchem o seio dos valles.

Trefegos e alvoroçados,  
Saltam, fantasticos Djinns,

De entre as moitas de jasmíns,  
De entre os rosaes perfumados.

Um d'elles, pela janella  
Entra do teu aposento,  
E pára, — placido e attento,  
Vendo-te, — pallida e bella.

Chega ao teu cabelo fino,  
Mette-se nelle : e fulgura,  
E arde nessa noite escura,  
Como um astro pequenino.

E fica. Os outros lá fóra  
Deliram. Dormes... Feliz,  
Não ouves o que elle diz,  
Não ouves como elle chora...

Diz elle : O poeta encerra  
Uma noite, em si, mais triste  
Que essa que, quando dormiste,  
Velava a faee da terra...

Os outros saem do meio  
Das moitas eheias de flôres :  
Mas eu sahi de entre as dôres  
Que elle tem dentro do seio.

Os outros a toda parte  
Levam o vivo clarão :

E eu vim do seu coração  
Só para ver-te e beijar-te.

Mandou-me sua alma louca,  
Que a dôr da ausencia consome,  
Saber se em sonho o seu nome  
Brilha agora em tua bocca !

Mandou-me ficar suspenso  
Sobre o teu peito deserto,  
Por contemplar de mais perto  
Todo esse deserto immenso ! »

Isso diz o pyrilampo...  
Anda lá fóra um rumor  
De azas ruffadas... A flôr  
Desperta, desperta o campo...

Todos os outros, prevendo  
Que vinha o dia, partiram.  
Todos os outros fugiram...  
Só elle fica gemendo.

Fica, ancioso e sósinho,  
Sobre o teu somno pairando...  
E apenas a luz fechando,  
Volve de novo ao seu ninho,

Quando vê, inda não farto  
De te ver e de te amar,  
Que o sol descerras do olhar,  
E o dia nasce em teu quarto...

## VIRGENS MORTAS

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,  
Nova, no velho engaste azul do firmamento.  
E a alma da que morreu, de momento em momento,  
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

Ó vós, que, no silencio e no recolhimento  
Do campo, conversaes a sós quando anoitece,  
Cuidado! — o que dizeis, como um rumor de prece,  
Vae sussurrar no céo, levado pelo vento...

Namorados, que andaes com a bocca transbordando  
De beijos, perturbando o campo socegado  
E o casto coração das flôres inflammaando,

— Piedade! ellas vêm tudo entre as moitas escuras...  
Piedade! esse impudor offende o olhar gelado  
Das que viveram sós, das que morreram puras!



## O CAVALLEIRO POBRE

*(Pouchkine)*

Ninguém soube quem era o Cavalleiro Pobre,  
Que viveu solitario, e morreu sem falar :  
Era simples e sobrio, era valente e nobre,  
E pallido como o luar.

Antes de se entregar ás fadigas da guerra,  
Dizem que um dia viu qualquer cousa do céo :  
E achou tudo vazio... e pareceu-lhe a terra  
Um vasto e inutil mausoléu.

Desde então, uma atroz devoradora chamma  
Caleinou-lhe o desejo, e o reduziu a pó.  
E nunca mais o Pobre olhou uma só dama,  
— Nem uma só ! nem uma só !

Conservou, desde então, a viseira abaixada ;  
E, fiel á Visão, e ao seu amor fiel,

Trazia uma inscripção de trez letras, gravada  
A fogo e sangue no broquel.

Foi aos prelios da Fé. Na Palestina, quando,  
No ardor do seu guerreiro e piedoso mister,  
Cada filho da Cruz se batia, invocando  
Um nome caro de mulher,

Elle, rouco, brandindo o pique no ar, clamava :  
*Lumen caeli, Regina!* », e, ao clamor d'essa voz,  
Nas hostes dos incréos como uma tromba entrava,  
Irresistivel e feroz.

Mil vezes sem morrer viu a morte de perto,  
E negou-lhe o destino outra vida melhor :  
Foi viver no deserto... E era immenso o deserto !  
Mas o seu Sonho era maior !

E um dia, a se estorcer, aos saltos, desgrenhado,  
Louco, velho, feroz, — naquella solidão  
Morreu : — mudo, rilhando os dentes, devorado  
Pelo seu proprio coração.

## IDA

Para a porta do céo, pallida e bella,  
Ida as azas levanta e as nuvens corta.  
Correm os anjos e a creança morta  
Foge dos anjos namorados d'ella.

Longe do amor materno o céo que importa ?  
O pranto os olhos limpidos lhe estrélla...  
Sob as rosas de neve da capella,  
Ida soluça, vendo abrir-se a porta.

Quem lhe déra outra vez o escuro eanto  
Da escura terra, onde, a sangrar, sósinho,  
Um coração de mãe desfaz-se em pranto !

Fecha-se a porta : os anjos todos vão...  
Como fica distante aquelle ninho,  
Que as mães adoram... mas amaldiçoam

## NOITE DE INVERNO

Sonho que estás á porta...

Estás — abro-te os braços ! — quasi morta,  
Quasi morta de amor e de anciedade.  
De onde ouviste o meu grito, que voava,  
E sobre as azas tremulas levava  
As preces da saudade ?

Corro á porta... ninguem ! Silencio e treva.  
Hirta, na sombra, a Solidão eleva  
Os longos braços rigidos, de gelo...  
E ha pelo corredor ermo e comprido  
O perfume subtil de teu cabelo  
E o suave rumor de teu vestido.

Ah ! se agora chegasses !  
Se eu sentisse bater em minhas faces  
A luz ceeste que teus olhos banha ;

Se este quarto se enchesse de repente  
Da melodia, e do clarão ardente  
Que os passos te acompanha :

Beijos, presos no carcere da bocca,  
Soffrendo a custo toda a sêde louca,  
Toda a sêde infinita que os devora,  
— Beijos de fogo, palpitando, cheios  
De gritos, de gemidos e de anceios,  
Transbordariam por teu corpo a fóra !...

Rio acceso, banhando  
Teu corpo, cada beijo, rutilando,  
Se apressaria, acachoadado e grosso :  
E, cascadeando, em perolas desfeito,  
Subiria a collina de teu peito,  
Lambendo-te o pescoço...

Estrella humana que do céu desceste,  
Desterrada do céu, a luz perdeste  
Dos fulvos raios, amplos e serenos ;  
E na pelle morena e perfumada  
Guardaste apenas essa côr doirada  
Que é a mesma côr de Sirius e de Venus.

Sob a chuva de fogo  
De meus beijos, amor ! terias logo  
Todo o esplendor do brilho primitivo ;  
E, eternamente presa entre meus braços,  
Bella, protegerias os meus passos,  
— Astro formoso e vivo !

Mas... talvez te offendesse o meu desejo...  
E, ao teu contacto gelido, meu beijo  
Fosse cahir por terra, desprezado.  
Embora! que eu ao menos te olharia,  
E, preza do respeito, ficaria  
Silencioso e immovel a teu lado.

Fitando o olhar ancioso  
No teu, lendo esse livro mysterioso,  
Eu descortinaria a minha sorte...  
Até que ouvisse, d'esse olhar ao fundo,  
Soar, num dobre lugubre e profundo,  
A hora da minha morte!

Longe embora de mim teu pensamento,  
Ouvirias aqui, louco e violento,  
Bater meu coração em cada canto;  
E ouvirias como uma melopèa,  
Longe embora de mim a tua idéa,  
A musica abafada de meu pranto.

Dormirias, querida...  
E eu, guardando-te, bella e adormecida,  
Orgulhoso e feliz com o meu thesouro,  
Tiraria os meus versos do abandono,  
E elles embalariam o teu somno,  
Como uma réde de ouro.

Mas não vens! não virás! Silencio e treva.  
Hirta, na sombra, a Solidão eleva

Os longos braços rigidos, de gelo;  
E ha, pelo corredor ermo e comprido,  
O suave rumor de teu vestido  
E o perfume subtil de teu cabelo.

## VANITAS

Cego, em febre a cabeça, a mão nervosa e fria,  
Trabalha. A alma lhe sáe da penna, allucinada,  
E enche-lhe, a palpitar, a estrophe illuminada  
De gritos de triumpho e gritos de agonia.

Prende a idéa fugaz ; doma a rima bravia ;  
Trabalha... E a obra, por fim, resplandece acabada :  
« Mundo, que as minhas mãos arrancaram do nada !  
Filha-do meu trabalho ! ergue-te á luz do dia !

Cheia da minha febre e da minha alma cheia,  
Arranquei-te da Vida ao adyto profundo,  
Arranquei-te do Amor á mina ampla e secreta !

Posso agora morrer, porque vives ! » E o Poeta  
Pensa que vae cahir, exaustão, ao pé de um mundo,  
E cáe — vaidade humana ! — ao pé de um grão de areia...



## TERCETTOS

Noite ainda, quando ella me pedia  
Entre dois beijos que me fosse embora,  
Eu, com os olhos em lagrimas, dizia :

Espera ao menos que desponte a aurora !  
Tua alcova é cheirosa como um ninho...  
E olha que escuridão ha lá por fóra !

Como queres que eu vá, triste e sósinho,  
Casando a treva e o frio de men peito  
Ao frio e á treva que ha pelo caminho?!

Ouves? é o vento ! é um temporal desfeito!  
Não me arrojes á chuva e á tempestade !  
Não me exiles do valle do teu leito!

Morrerei de afflicção e de saudade...  
Espera! até que o dia resplandeça,  
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu collo deixa-me a cabeça  
Repousar, como lia pouco repousava...  
Espera um pouco! deixa que amanheça!

— E ella abria-me os braços. E eu ficava.

## II

E, já manhã, quando ella me pedia  
Que do seu claro corpo me afastasse,  
Eu, com os olbos em lagrimas, dizia :

Não póde ser! não vês que o dia nasce?  
A aurora, em fogo e sangue, as nuvens corta...  
Que diria de ti quem me encontrasse?

Ah! nem me digas que isso pouco importa!...  
Que pensariam, vendo-me, apressado,  
Tão cedo assim, sahindo a tua porta,

Vendo-me exausto, pallido, cansado,  
E todo pelo aroma de teu beijo  
Escandalosamente perfumado?

O amor, querida, não exclúe o pejo...  
Espera! até que o sol desapareça,  
Beija-me a bocca! mata-me o desejo!

Sobre o teu collo deixa-me a cabeça  
Repousar, como ha pouco repousava!  
Espera um pouco! deixa que anoiteça!

— E ella abria-me os braços. E eu ficava.

## IN EXTREMIS

Nunca morrer assim ! Nunca morrer num dia  
Assim ! de um sol assim !

Tu, desgrenhada e fria,  
Fria ! postos nos meus os teus olhos molhados,  
E apertando nos teus os meus dedos gelados...

E um dia assim ! de um sol assim ! E assim a esfera  
Toda azul, no esplendor do fim da primavera !  
Azas, tontas de luz, cortando o firmamento !  
Ninhos cantando ! Em flôr a terra toda ! O vento  
Despencando os rosaes, sacudindo o arvoredos...

E, aqui dentro, o silencio... E este espanto ! e este medo !  
Nós dois... e, entre nós dois, implacavel e forte,  
A arredar-me de ti, cada vez mais, a morte...

Eu, com o frio a crescer no coração, — tão cheio

De ti, mesmo no horror do derradeiro aneio!  
Tu, vendo retorcer-se amarguradamente  
A bocca que beijava a tua bocca ardente,  
A bocca que foi tua!

E eu morrendo! e eu morrendo,  
Vendo-te, e vendo o sol, e vendo o céo, e vendo  
Tão bella palpitar nos teus olhos, querida,  
A delicia da vida! a delicia da vida!

## A ALVORADA DO AMOR

Um horror grande e mudo, um silencio profundo  
No dia do Peccado amortalhava o mundo.  
E Adão, vendo fechar-se a porta do Eden, vendo  
Que Eva olhava o deserto e hesitava tremendo,  
Disse :

Chega-te a mim! entra no meu amor,  
E á minha carne entrega a tua carne em flôr!  
Preme contra o meu peito o teu seio agitado,  
E aprende a amar o Amor, renovando o peccado!  
Abençõo o teu crime, acolho o teu desgosto,  
Bebo-te, de uma em mna, as lagrimas do rosto!

Vê! tudo nos repelle : a toda a creação  
Sacóde o mesmo horror e a mesma indignação...  
A colera de Deus torce as arvores, cresta  
Como um tufão de fogo o seio da floresta,

Abre a terra em vulcões, encrespa a agua dos rios ;  
As estrellas estão cheias de calefrios ;  
Ruge soturno o mar ; turva-se hediondo o céo...

Vamos ! que importa Deus ? Desata, como um véo,  
Sobre a tua nudez a cabelleira ! Vamos !  
Arda em chammias o chão ; rasguem-te a pelle os ramos ;  
Morda-te o corpo o sol ; injuriem-te os ninhos ;  
Surjam feras a uivar de todos os caminhos ;  
E, vendo-te a sangrar das urzes atravez,  
Se emmaranhem no chão as serpes aos teus pés...  
Que importa ? o Amor, botão apenas entreaberto,  
Illumina o degredo e perfuma o deserto !  
Amo-te ! sou feliz ! porque, do Eden perdido,  
Levo tudo levando o teu corpo querido !

Póde, em redor de ti, tudo se anniquillar :  
— Tudo renascera cantando ao teu olhar,  
Tudo, mares e céos, arvores e montanhas,  
Porque a Vida perpetua arde em tuas entranhas !  
Rosas te brotarão da bocca, se cantares !  
Rios te correrão dos olhos, se chorares !  
E se, em torno ao teu corpo encantador e nú,  
Tudo morrer, que importa ? A Natureza és tu,  
Agora que és mulher, agora que peccaste !

Ah ! bendito o momento em que me revelaste  
O amor com o teu peccado, e a vida com o teu crime !  
Porque, livre de Deus, redimido e sublime,  
Homem fico, na terra, á luz dos olhos teus,  
— Terra, melhor que o Céu ! homem, maior que Deus !

## VITA NUOVA

Se ao mesmo gozo antigo me convidas,  
Com esses mesmos olhos abrazados,  
Mata a recordação das horas idas,  
Das horas que vivemos apartados!

Não me fales das lagrimas perdidas,  
Não me fales dos beijos dissipados!  
Ha numa vida humana cem mil vidas,  
Cabem num coração cem mil peccados!

Amo-te! A febre que suppunhas morta  
Revive. Esquece o meu passado, louca!  
Que importa a vida que passou? Que importa,

Se inda te amo, depois de amores tantos,  
E inda tenho, nos olhos e na bocca,  
Novas fontes de beijos e de prantos?!



## MANHA DE VERAO

As nuvens, que, em bulcões, sobre o rio rodavam,  
Já, com o vir da manhã, do rio se levantam.  
Como hontem, sob a chuva, estas aguas choravam!  
E hoje, saudando o sol, como estas aguas cantam!

A estrella, que ficou por ultimo velando,  
Noiva que espera o noivo e suspira em segredo,  
— Desmaia de pudor, apaga, palpitando,  
A pupilla amorosa, e estremece de medo.

Ha pelo Parahyba um sussurro de vozes,  
Tremor de seios nús... corpos brancos luzindo...  
E, alvas, a cavalgar broncos monstros ferozes,  
Passam, como num sonho, as nayades fugindo.

A rosa, que accordou sob as ramas cheirosas,  
Diz-me : « Accorda com um beijo as outras flôres quietas!

Poeta! Deus creou as mulheres e as rosas  
Para os beijos do sol e os beijos dos poetas!

E a ave diz : Sabes tu! conheço-a bem... Parece  
Que os Genios de Oberon bailam pelo ar dispersos,  
E que o céu se abre todo, e que a terra floresce,  
— Quando ella principia a recitar teus versos!

E diz a luz : Conheço a còr d'aquella bocca!  
Bem conheço a maciez d'aquellas mãos pequenas!  
Não fosse ella aos jardins roubar, trefega e louca,  
O rubor da papoula e o alvor das açucenas!

Diz a palmeira : Invejo-a! ao vir a luz radiante,  
Vem o vento agitar-me e desnastrar-me a coma :  
E eu pelo vento envio ao seu cabello ondeante  
Todo o meu esplendor e todo o meu aroma!

E a floresta, que canta, e o sol, que abre a coróa  
De ouro fulvo, espancando a matutina bruma,  
E o lirio, que estremece, e o passaro, que vôa,  
E a agua, cheia de sons e de floccos de espuma,

Tudo, a còr, o clarão, o perfume e o gorgoeio,  
Tudo, elevando a voz nesta manhã de estio,  
Diz : « Pudesses dormir, poeta! no seu seio,  
Curvo como este céu, manso como este rio!

## DENTRO DA NOITE

Ficas a um canto da sala,  
Olhas-me e finges que lêes...  
Ainda uma vez te ouço a fala,  
Olho-te ainda uma vez,  
Saio... Silencio por tudo :  
Nem uma folha se agita ;  
E o firmamento, amplo e mudo,  
Cheio de estrellas, palpita.  
E eu vou sósinho, pensando  
Em teu amor, a sonhar,  
No ouvido e no olhar levando  
Tua voz e teu olhar.

Mas não sei que luz me banha  
Todo de um vivo clarão ;  
Não sei que musica extranha  
Me sobe do coração.

Como que, em cantos suaves,  
Pelo caminho que sigo,  
Eu levo todas as aves,  
Todos os astros commigo.  
E é tanta essa luz, é tanta  
Essa musica sem par,  
Que eu nem sei se é a luz que canta,  
Se é o som que vejo brilhar.

Caminho, em extase, cheio  
Da luz de todos os sóes,  
Levando dentro do seio  
Um ninho de rouvinóes.  
E tanto brilho derramo,  
E tanta musica espalho,  
Que accordo os ninhos inflammo  
As gottas frias do orvalho.  
E vou sósinho, pensando  
Em teu amor, a sonhar,  
No ouvido e no olhar levando  
Tua voz e teu olhar.

Caminho. A terra deserta  
Anima-se. Aqui e alli,  
Por toda parte desperta  
Um coração que sorri.  
Em tudo palpita um beijo,  
Longo, ancioso, apaixonado,  
E um delirante desejo  
De amar e de ser amado.

E tudo, — o céo que se arqueia  
Cheio de estrelas, o mar,  
Os troncos negros, a areia,  
— Pergunta, ao ver-me passar :

O Amor, que a teu lado levas,  
A que logar te conduz,  
Que entras, coberto de trevas,  
E sáes coberto de luz ?  
De onde vens? que firmamento  
Correste, durante o dia,  
Que voltas lançado ao vento  
Esta inaudita harmonia ?  
Que paiz de maravilhas,  
Que Eldorado singular,  
Tu visitaste, que brilhas  
Mais do que a estrella polar ?

E eu continúo a viagem,  
Fantasma deslumbrador,  
Seguido por tua imagem,  
Seguido por teu amor.  
Sigo... Dissipo a tristeza,  
De tudo, por todo o espaço,  
E ardo, e canto, e a Natureza  
Arde e canta, quando eu passo  
— Só porque passo pensando  
Em teu amor, a sonhar,  
No ouvido e no olhar levando  
Tua voz e teu olhar...

## CAMPO SANTO

Os annos matam e dizimam tanto  
Como as inundações e como as pestes. .  
A alma de cada velho é um Campo Santo,  
Que a velhice cobriu de cruzes e cyprestes  
Orvalhados de pranto.

Mas as almas não morrem como as flôres,  
Como os homens, os passaros e as fêras :  
Rotas, despedaçadas pelas dôres,  
Renascem para o sol de novas primaveras  
E de novos amores.

Assim, ás vezes, na amplidão silente,  
No somno fundo, na terrível calma  
Do Campo Santo, ouve-se um grito ardente  
E a Saudade! é a Saudade!... E o cemiterio da alma  
Accorda de repente.

Uivam os ventos funeraes, medonhos...  
Brilha o luar... As lapides se agitam...  
E, sob a rama dos chorões tristonhos,  
Sonhos mortos de amor despertam e palpitam,  
Cadaveres de sonhos.

## DESTERRO

Já me não amas? Basta! — Irei, triste, e exilado  
Do meu primeiro amor para outro amor, sósinho...  
Adeus, carne cheirosa! Adeus, primeiro ninho  
Do meu delirio! Adeus, bello corpo adorado!

Em ti, como n'um valle, adormeci deitado,  
No meu sonho de amor, em meio do caminho...  
Beijo-te inda uma vez, num ultimo carinho,  
Como quem vaé sahir da patria desterrado!

Adeus, corpo gentil, patria do meu desejo!  
Berço em que se emplumou o meu primeiro idyllio,  
Terra em que floresceu o meu primeiro beijo!

Adeus! Esse outro amor ha-de amargar-me tanto  
Como o pão que se come entre estranhos, no exilio,  
Amassado com fel e embebido de pranto...



## ROMEU E JULIETA

(Acto III, scena VII.)

JULIETA.

Porque partir tão cedo? inda vem longe o dia...  
Ouves? é o rouxinol. Não é da cotovia  
Esta encantada voz. Repara, meu amor :  
Quem canta é o rouxinol na romanzeira em flôr.  
Toda a noite essa voz, que te feriu o ouvido,  
Povó a solidão como um longo gemido.  
Abracemo-nos! fica! inda vem longe o sol!  
Não canta a cotovia : é a voz do rouxinol!

ROMEU.

É a voz da cotovia annunciando a aurora!  
Vés? ha um leve tremor pelo horizonte a fóra...  
Das nuvens do levante abre-se o argenteo véo,  
E apagam-se de todo as lampadas do céu.

Já, sobre o cimo azul das serras nebulosas,  
 Hesitante, a manhã coròada de rosas  
 Agita os leves pés, e fica a palpitar  
 Sobre as azas de luz, como quem quer vôar.  
 Olha! mais um momento, um rapido momento,  
 E o dia sorrirá por todo o firmamento!  
 Adeus! devo partir! Partir para viver...  
 Ou ficar a teus pés para a teus pés morrer!

JULIETA.

Não é o dia! O espaço inda se estende, cheio  
 Da noite caridosa. Exhala do igneo seio  
 O sol, piedoso e bom, este vivo clarão  
 Só para te guiar por entre a cerração...  
 Fica um minuto mais! porque partir tão cedo?

ROMEU.

Mandas? não partirei! esperarei sem medo  
 Que a morte, com a manhã, venha encontrar-me aqui!  
 Succumbirei feliz, succumbindo por ti!  
 Mandas? não partirei! queres? direi contigo  
 Que é mentira o que vejo e mentira o que digo!  
 Sim! tens razão! não é da cotovia a voz  
 Este encantado som que erra em torno de nós!  
 E um reflexo da lua a claridade estranha  
 Que aponta no horizonte acima da montanha!  
 Fico para te ver, fico para te ouvir,  
 Fico para te amar, morro por não partir!  
 Mandas? não partirei! cumpra-se a minha sorte!  
 Julieta assim o quiz : benvinda seja a morte!  
 Meu amor, meu amor! olha-me assim! assim!

JULIETA.

Não! é o dia! é a manhã! Parte! fuge de mim!  
Parte! apressa-te! fogê! A cotovia canta  
E do nascente em fogo o dia se levanta...  
Ah! reconheço emfim estas notas fataes!  
Ô dia!... a luz do sol cresce de mais em mais  
Sobre a noite nupcial do amor e da loucura!

ROMEO.

Cresce... E cresce com ella a nossa desventura!

## VINHA DE NABOTH

Maldito aquelle dia em que abriste em meu seio,  
Cruel, esta paixão, como, ampla e illuminada,  
Uma clareira verde, aberta ao sol, no meio  
Da espessa escuridão de uma selva cerrada!

Ah! trez vezes maldito o amor que me avassalla,  
E me obriga a viver dentro de um pesadelo,  
Louco! por toda a parte ouvindo a tua fala,  
Vendo por toda a parte a côr do teu cabello!

De teu collo no valle embalsamado e puro  
Nunca descansarei, como num Paraiso,  
Sob a tenda aromal d'esse cabello escuro,  
Olhando o teu olhar, sorrindo ao teu sorriso.

Desvairas-me a razão, tiras-me a calma e o somno!  
Nunca te possuirei, bella e invejada vinha,  
Ó Vinha de Naboth que tanto ambiciono!  
Ó alma que procuro e nunca serás minha!

## SACRILEGIO

Como a alma pura, que teu corpo encerra,  
Pódes, tão bella e sensual, conter?  
Pura demais para viver na terra,  
Bella demais para no céo viver...

Amo-te assim, — exulta, meu desejo!  
É teu grande ideal que te apparece! —  
Offerecendo loucamente o beijo,  
E castamente murmurando a prece!

Amo-te assim, á frente conservando  
A parra e o acantho, sob o alvor do véo,  
E para a terra os olhos abaixando,  
E levantando os braços para o céo.

Mesmo quando, abraçados, nos enleva  
O amor em que me abraço e em que te abrazas,

Vejo o teu resplendor arder na treva  
E ouço a palpação das tuas azas.

Em vão sorrindo, placidos, brilhantes,  
Os céos se estendem pelo teu olhar,  
E, dentro d'elle, os seraphins errantes  
Passam nos raios claros do luar :

Em vão! descerras humidos, e cheios  
De promessas, os labios sensuaes,  
E á flôr do peito empinam-se-te os seios,  
Ameaçadores como dois punhaes.

Como é cheirosa a tua carne ardente!  
Toco-a, e sinto-a offegar, anciosa e louca...  
Beijo-a, aspiro-a... Mas sinto, de repente,  
As mãos geladas e gelada a bocca :

Parecc que uma santa immaculada  
Desce do altar pela primeira vez,  
E pela vez primeira profanada  
Tem por olhos humanos a nudcz...

Embora! hei-de adorar-te n esta vida,  
Já que, fraco demais para perdel-a,  
Não posso um dia, deusa foragida,  
Ir amar-te no seio de uma estrella.

Beija-me! Ficarei purificado  
Com o que de puro no teu beijo houver;

Ficarei anjo, tendo-te ao meu lado :  
Tu, ao meu lado, ficarás mulher.

Que me fulmine o horror d'esta impiedade!  
Serás minha! Sacrilego e profano,  
Hei-de manchar a tua castidade  
E dar-te aos labios um gemido humano!

E á sombria mudez do sanctuario  
Preferirás o calido fulgor  
De um cantinho da terra, solitario,  
Illuminado pelo meu amor...

## ESTANCIAS



Ah! finda o inverno! adeus, noites, breve esquecidas,  
Junto ao fogo, com as mãos estreitamente unidas!  
Abraçemo-nos muito! adeus! um beijo ainda!  
Prediz-me o coração que é o nosso amor que finda,  
Ha-de em breve sorrir a primavera. Em breve,  
Branca, aos beijos do sol, ha-de fundir-se a neve.  
E, na festa nupcial das almas e das flôres,  
Quando tudo accordar para os novos amores,  
Meu amor! haverá dois logares vazios...  
Tu tão longe de mim! e ambos, mudos e frios,  
Procurando esquecer os beijos que trocámos,  
E maldizendo o tempo em que nos adorámos..



## II

Mas, ás vezes, sósinha, has-de tremer, o vulto  
De um fantasma entrevendo, em tua alcova occulto.  
E pelo corpo todo, a offegar de desejo,  
Pallida, sentirás a caricia de um beijo.  
Sentirás o calor da minha bocca anciosa,  
Na agua que te banhar a carne côr de rosa,  
No linho do lençol que te roçar o peito.  
E has-de crer que sou eu que procuro o teu leito,  
E has-de crer que sou eu que procuro a tua alma!  
E abrirás a janella... E, pela noite calma,  
Ouvirás minha voz no barulho dos ramos,  
E bemdirás o tempo em que nos adorámos...

## III

E eu, errante, atravez das paixões, hei-de, um dia,  
Volver o olhar atraz, para a estrada sombria.  
Talvez uma saudade, um dia, inesperada,  
Me punja o coração, como uma punhalada.

E agitarei no vacuo as mãos, e um beijo ardente  
Ha-de subir-me á bocca : e o beijo e as mãos sómente  
llão-de o vacuo encontrar, sem te encontrar, querida!  
E, como tu, também me acharei só na vida,  
Só! sem o teu amor e a tua formosura :  
E chorarei então a minha desventura,  
Ouvindo a tua voz no barulho dos ramos,  
E bemdizendo o tempo em que nos adorámos...

## IV

Renascei, revivei, arvores sussurrantes !  
Todas as azas vão partir, loucas e errantes,  
A ruflar, a ruflar... O amor é um passarinho,  
Deixemol-o partir : — desertemos o ninho...  
A primavera vem. Vae-se o inverno. Que importa  
Que a primavera encontre esta ventura morta?  
Que importa que o esplendor do universal noivado  
Venha este noivo achar da noiva separado ?  
Esqueçau os o amor que julgámos eterno...  
— Dia que illuminaste os meus dias de inverno !  
Esqueçamos o ardor dos beijos que trocámos,  
Maldigamos o tempo em que nos adorámos...

## PECCADOR

Este é o altivo peccador sereno,  
Que os soluços affoga na garganta,  
E, calmamente, o copo de veneno  
Aos labios frios, sem tremer, levanta.

Tonto, no escuro pantanal terreno  
Rolou. E, ao cabo de torpeza tanta,  
Nem assim, miseravel e pequeno,  
Com tão grandes remorsos se quebranta.

Fecha a vergonha e as lagrimas comsigo...  
E, o coração mordendo penitente,  
E, o coração rasgando castigado,

Acceita a enormidade do castigo,  
Com a mesma face com que antigamente  
Acceitava a delicia do peccado.

## REI DESTHRONADO

O teu logar vazio !... E esteve cheio,  
Cheio de mocidade e de ternura !  
Como brilhava a tua formosura !  
Que luz divina te doirava o seio !

Quando a camisa tepida despias,  
— Sob o reflexo do eabello louro,  
De pé, na alcova, ardias e fulgias  
    Como um idolo de ouro.

Que fundo o fogo do primeiro beijo,  
Que eu te arraneava ao labio rescedente !  
Morria o meu desejo... outro desejo  
    Naseia mais ardente.

Domada a febre, languida, em meus braços  
Dormias, sobre os linhos revolidos,

Inda cheios dos ultimos gemidos,  
Inda quentes dos ultimos abraços...

Tudo quanto eu pedira e ambicionára,  
Tudo meus dedos e meus olhos calmos  
Gozavam satisfeitos nos seis palmos  
De tua carne saborosa e clara :

Reino perdido ! gloria dissipada  
Tão loucamente ! A alcova está vazia,  
Mas inda com o teu cheiro perfumada,  
Do teu fulgor coberta...

## SO

Este, que um deus cruel arremessou á vida,  
Marcando-o com o signal da sua maldição,  
— Este desabrochou como a herva má, nascida  
Apenas para aos pés ser calcada no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma ferida...  
Sem constancia no amor, dentro do coração  
Sente, crespa, crescer a selva retorcida  
Dos pensamentos máos, filhos da solidão.

Longos dias sem sol! noites de eterno luto!  
Alma cega, perdida á toa no caminho!  
Roto casco de náó, desprezado no mar!

E, arvore, acabará sem nunca dar um fructo...  
E, homem, ha-de morrer como viveu : sósinho!  
Sem ar! sem luz! sem Deus! sem fé! sem pão! sem lar!

## A UM VIOLINISTA

## I

Quando do teu violino, as azas entreabrindo  
Mansamente no espaço, iam-se as notas querulas,  
Anjos de olhos azues, ás duas mãos partindo  
Os seus cofres de perolas,

— Minhas crenças de amor, esquecidas em calma  
No fundo da memoria, ouvindo-as recebiam  
Novo alento, e outra vez do oceano de minh'alma,  
Archipelago verde, á tona appareciam.

E eu via rutilar o meu amor perdido,  
Bello, de nova luz e novo encanto cheio,  
E um corpo, que suppunha ha muito consumido,  
Agitar-se de novo e offerecer-me o seio.

Tudo resuscitava ao teu influxo, artista!  
E minh'alma revia, allucinada e louca,  
Olhos, cujo fulgor me entontecia a vista,  
Labios, cujo sabor me entontecia a bocca.

Oh milagre! E, feliz, ajoelhava-me, em pranto,  
Como quem, por acaso, um dia, entrando as portas  
De um cemiterio, vae achar vivas a um canto  
As suas illusões que acreditava mortas...

E ficava a pensar... como se não partia  
Essa fraca madeira ao teu toque violento,  
Quando com tanta febre a paixão se estorcia  
Dentro do pequenino e fragil instrumento!

Porque, nesse instrumento, unidos num só peito,  
Todos os corações da terra palpitavam ;  
E havia dentro d'elle, em lagrimas desfeito,  
O amor universal de todos os que amavam.

Rio largo de sons, tapetado de flôres,  
A harmonia do céo jorrava ampla e sonora ;  
E, boiando e cantando, alegrias e dôres  
Iam corrente em fóra...

A Primavera rindo esfolhava as capellas,  
E entornava no chão as amphoras cheirosas ;  
E a canção accordava as rosas e as estrellas,  
E enchia de desejo as estrellas e as rosas.



E a agua verde do mar, e a agua fresca dos rios,  
E as ilhas de esmeralda, e o céo resplandecente,  
E a cordilheira, e o valle, e os mattagaes sombrios,  
Crespos, e a rocha bruta exposta ao sol ardente :

— Tudo, ouvindo essa voz, tudo cantava e amava !  
O amor, caudal de fogo atropelada e accesa,  
Entrava pelo sangue e pela seiva entrava,  
E ia de corpo em corpo enchendo a Natureza !

E eil-o triste, no chão, inanimado e frio,  
O teu pobre violino, o teu amor primeiro :  
E inda nas cordas ha, como um leve arpejo,  
A ultima vibração do arpejo derradeiro...

Como, ígneas e immortaes, num redomoinho insano,  
Longe, a torvelinhar em céos inaccessiveis,  
Pairam constellações virgens do olhar humano,  
Nebulosas sem fim de mundos invisiveis :

— Tal no teu violino, artista ! adormecido  
À espera do teu arco, em grupos vaporosos,  
Dorme, como num céo que não alcança o ouvido,  
Um mundo interior de sons mysteriosos...

Suspendam-me ao ar livre esse doce instrumento !  
Deixem-n'o ao sol, em gloria, em delirante festa !  
E elle se embeberá dos perfumes que o vento  
Traz dos frescos desvãos do valle e da floresta.

Os passaros virão tecer nelle os seus niuhos!  
As rosas se abrirão em suas cordas rotas!  
E elle derramará sobre os verdes caminhos  
Da antiga melodia as esquecidas notas!

Hão-de as aves cantar, hão-de cantar as flôres...  
Os astros sorrirão de amor na immensa esphera...  
E a terra accordará para os novos amores  
De nova primavera !

## II

Porque, como Terpandro accrescentou á lyra,  
Para a tornar mais doce, uma corda mais pura,  
Que é a corda onde a paixão desprezada suspira,  
E, em lagrimas, a arder, suspira a desventura ;

Tambem d'esse instrumento ás quatro cordas de ouro,  
O Desespero, o Amor, a Colera, a Piedade,  
— Tu, nobre alma, chorando accrescentaste o choro  
Eterno e a eterna dôr da corda da Saudade.

É saudade o que sinto, e me enche de ais a bocca,  
E me arrebatá o sonho, e os nervos me fustiga,  
Quando te ouço tocar : saudade anciosa e louca  
Do primitivo amor e da belleza antiga...

Para traz ! para traz ! Basta um simples arpejo,  
Basta uma nota só... Todo o espaço estremece :  
E, dando aos pés do amado o derradeiro beijo,  
Quasi morta de dôr, Magdalena apparece ..

Ao luar de Verona, a amorosa cabeça  
De Julieta desmaia entre os braços do amante :  
Não tarda que a alvorada em fogo resplandeça,  
E na deveza em flôr a cotovia cante...

Viuva triste, que á paz do claustro pede allivio,  
Para a sua viuvez, para o seu luto immenso,  
Branca, sob o livor do escapulario niveo,  
Heloisa ergue as mãos, numa nuvem de incenso...

E na suave espiral das melodias puras,  
Vão fugindo, fugindo os vultos infelizes,  
Mostrando ao meu amor as suas amarguras,  
Mostrando ao meu olhar as suas cicatrizes.

Canta ! o rio de sons que do seio te brota  
E, entre os parceis da dôr corre, cascadeando,  
E vae, de vaga em vaga, e vae, de nota em nota,  
Ao sabor da corrente os sonhos arrastando ;

Que pelo valle espalha a cabelleira inquieta  
Refrescando os rosaes, e, em leve borborinho,  
Um gracejo segreda a cada borboleta,  
E segreda um queixume a cada passarinho ;

Que a todo o desconforto e a todo o sofrimento  
Abre maternalmente o regaço das aguas,  
— E o rio perfumado e azul do Esquecimento,  
Onde se vão banhar todas as minhas maguas...

## EM UMA TARDE DE OUTONO

Outono. Em frente ao mar. Escancaro as janellas  
Sobre o jardim calado, e as aguas miro, absorto.  
Outono... Rodopiando, as folhas amarellas  
Rodam, cáem. Viuvez, velhice, desconforto...

Porque, bello navio, ao clarão das estrellas,  
Visitaste este mar inhabitado e morto,  
Se logo, ao vir do vento, abriste ao vento as velas,  
Se logo, ao vir da luz, abandonaste o porto?

A agua cantou. Rodeava, aos beijõs, os teus flancos  
A espuma, desmanchada em riso e floccos brancos...  
— Mas chegaste com a noite, e fugiste com o sol!

E eu olho o céu deserto, e vejo o oceano triste,  
E contemplo o logar por onde te sumiste,  
Banhado no clarão nascente do arrebol...

## BALLADAS ROMANTICAS

## I

*Branca...*

Vi-te pequena : ias rezando  
Para primeira communhão :  
Toda de branco, murmurando,  
Na frente o véo, rosas na mão.  
Não ias só : grande era o bando...  
Mas entre todas te escolhi :  
Minh'alma foi te acompanhando,  
A vez primeira em que te vi.

Tão branca e moça ! o olhar tão brando !  
Tão innocente o coração !  
Toda de Franco, fulgurando,

Mulher em flôr ! flôr em botão !  
Inda, ao lebral-o, a magua abrando,  
Esqueço o mal que vem de ti,  
E, o meu rancor estrangulando,  
Bemdigo o dia em que te vi !

Rosas na mão, brancas... E, quando  
Te vi passar, branca visão,  
Vi com espanto, palpitando  
Dentro de mim, esta paixão...  
O coração puz ao teu mando...  
E, porque eseravo me rendi,  
Ando gemendo, aos gritos ando,  
— Porque te amei ! porque te vi !

Depois fugiste... E, inda te amando,  
Nem te odiei, nem te esqueei :  
— Toda de branco... las rezando...  
Maldito o dia em que te vi !

## II

*Azul...*

Lembra-te bem ! Azul-celeste  
Era essa alcova em que te amei.  
O ultimo beijo que me deste  
Foi nessa alcova que o tomei !

É o firmamento que a reveste  
Toda de um calido fulgor :  
— Um firmamento, em que puzeste,  
Como uma estrella, o teu amor.

Lembras-te ? Um dia, me disseste :  
Tudo aeabou ! » E eu exclamei :  
« Se vaes partir, porque vieste ? »  
E ás tuas plantas me arrastei...  
Beijei a fimbria á tua veste,  
Gritei de espanto, uivei de dôr :  
« Quem ha que te ame e te requeste  
Com febre igual ao meu amor ? »

Por todo o mal que me fizeste,  
Por todo o pranto que chorei,  
— Como uma easa em que entra a peste,  
Feeha essa casa em que fui rei !  
Que nada mais perdure e reste  
D'esse passado embriagador :  
E eubra a sombra de um cypreste  
A sepultura d'este amor !

Desbote-a o inverno ! o estio a crêste !  
Abale-a o vento com fragor !  
— Desabe a igreja azul-celeste  
Em que offiejava o meu amor !



## III

*Verde...*

Como era verde este caminho !  
Que calmo o céu ! que verde o mar !  
E, entre festões, de ninho em ninho,  
A Primavera a gorgear !...  
Inda me exalta, como um vinho,  
Esta fatal recordação !  
Seccou a flôr, ficou o espinho...  
Como me pesa a solidão !

Orphão de amor e de carinho !...  
Orphão da luz do teu olhar  
— Verde também, verde-marinho,  
Que eu nunca mais hei-de olvidar !  
Sob a camisa, alva de linho,  
Te palpitava o coração...  
Ai ! coração ! peno e definho,  
Longe de ti, na solidão !

Oh ! tu, mais branca do que o arminho,  
Mais pallida do que o luar !  
— Da sepultura me avizinho,  
Sempre que volto a este logar...

E digo a cada passarinho :

Não cantes mais ! que essa canção  
Vem me lembrar que estou sósinho,  
No exílio d'esta solidão !

No teu jardim, que desalinho !

Que falta faz a tua mão !

Como inda é verde este caminho...

Mas como o afeia a solidão !

#### IV

*Negra...*

Possas chorar, arrependida,

Vendo a saudade que aqui vai !

Vê que inda, negro, da ferida

Aos borbotões o sangue cae...

Que a nossa historia, assim relida,

O nesso amor, lembrado assim,

Possam fazer-te, commovida,

Inda uma vez pensar em mim !

Minh'alma pobre e desvalida,

Orphã de mãe, orphã de pae,

Na escuridão vaga perdida,

De quêda em quêda e de ai em ai !

E ando a buscar-te. E a minha lida  
Não tem descanso, não tem fim :  
Quanto mais longe andas fugida,  
Mais te vejo eu perto de mim !

Louco ! e que lugubre a deseida  
Para a loucura que me attráe !  
— Terriveis paginas da vida,  
Escuras paginas, — eantai !  
Vim, ermitão, da minha ermida,  
Morto, do meu sepulcro vim,  
Erguer a lapide cahida  
Sobre a esperança que houve em mim !

Revivo a magua já vivida  
E as velhas lagrimas... a fim  
De que ehorando, arrependida,  
Possas lembrar-te inda de mim !

## VELHA PAGINA

Chove. Que magua lá fóra !  
Que magua ! Embruseam-se os ares  
Sobre este rio que ehora  
Longos e eternos pezares.

E sinto o que a terra sente  
E a tristeza que diviso,  
Eu, de teus olhos ausente,  
Ausente de teu sorriso...

As azas loucas abrindo,  
Meus versos, num longo aneio,  
Morrerão, sem que, sorrindo,  
Possa acolhel-os teu seio !

Ah ! quem mandou que fizesses  
Minh'alma da tua escrava,

E ouvisses as minhas preces,  
Chorando como eu chorava ?

Porque é que um dia me ouviste,  
Tão pallida e alvoroçada,  
E, como quem ama, triste,  
Como quem ama, calada ?

Tu tens um nome celeste...  
Quem é do céu é sensível !  
Porque é que me não disseste  
Toda a verdade terrível ?

Porque, fugindo impiedosa,  
Desertas o nosso ninho ?  
— Era tão bella esta rosa !...  
Já me tardava este espinho !

Fôra melhor, porventura,  
Ficar no antigo degredo  
Que conhecer a ventura  
Para perdê-la tão cedo !

Porque me ouviste, enxugando  
O pranto das minhas faces ?  
Viste que eu vinha chorando...  
Antes assim me deixasses !

Antes ! Menor me seria  
O soffrimento, querida !

Antes ! a mão que allivia  
A dôr, e cura a ferida,

Não deve depois, tranquilla,  
Vendo suffocada a magua,  
Encher de sangue a pupilla  
Que já vira cheia de agua...

Mas junto a mim que te falta ?  
Que gloria maior te chama ?  
Não sei de gloria mais alta  
Do que a gloria de quem ama !

Talvez te chame a riqueza...  
Despreza-a, beija-me, e fica !  
Verás que assim, com certeza,  
Não ha quem seja mais rica !

Como é que quebras os laços  
Com que preendi o universo,  
Entre os nossos quatro braços,  
Na jaula azul do meu verso ?

Como hei-de eu, de hoje em diante,  
Viver, depois que partires ?  
Como queres tu que eu cante  
No dia em que não me ouvires ?

Tem pena de mim ! tem pena  
De alma tão fraca ! Como ha-de  
Minh'alma, que é tão pequena,  
Poder com tanta saudade ? !

## WILFREDO

LENDAS DO RIENO. GRANDMOUGIN

## I

*O Castello.*

Sobre os rochedos, longe, o Castello apparece,  
Dominando a extensão das florestas sombrias.  
A tarde cáe. O vento abranda. O ar escurece.  
E Wilfredo caminha entre as neblinas frias.

Vae vel-a... E estuga o passo. Alto e silencioso,  
Abre o Castello, em fogo, os vitraes das janellas.  
Nas ameias, manchando o céu caliginoso,  
Aprumam-se perfis de immoveis sentinellas.

Wilfredo vai ouvir a voz da sua Dama...  
Mas, no seu coração perturbado, parece  
Que vive, em vez do amor, essa ligeira etanha,  
Que arde apenas um dia, arde e desaparece...

E o arruinado solar, reflectido no Rheno,  
Sobre o qual paira e pésa um sonho sobrehumano,  
Sóbe, entre os astros, só, furando o céu sereno,  
Com a calma e o esplendor de um velho soberano.

## II

*As fadas da lagoa.*

Wilfredo conheceu o amor nos braços d'Ella...  
Teve-a nua, a tremer, nos braços, nua e fria !  
Teve-a nos braços, louca, apaixonada e bella !  
Mas parte, allucinado, antes que aponte o dia...

É que uma outra paixão o desnudado peito  
Lhe entrou. Paixão cruel, loucura que o atordoa,  
Desde o momento em que, formosas, sobre o leito  
Das aguas calmas, viu as fadas da lagoa.

Parte... Á margem fatal da lagoa das fadas  
Chega, e em extase fica, a riba em flôr mirando.  
Um ligeiro rumor de vozes abafadas  
Augmenta... E exsurge da agua o apaixonado bando.



Corre Wilfredo, em febre, a apertal-as ao seio,  
E despreza o passado e esquece o juramento :  
Beija-as, e, na expansão do carinhoso anseio,  
Immola toda a vida aos beijos de um momento.

Para os seus corpos ter, toda a alma lhes entrega ;  
E, na allucinação do gozo em que se inflamma,  
Por esse amor, por essa embriaguez renega  
O Deus dos seus avós, o amor da sua Dama...

### III

#### *O Remorso.*

Delira. Mas, depois do delirio sublime,  
O remorso, immortal, nasce com o arrebol.  
E elle mede a extensão do seu monstruoso crime,  
E esconde a face á luz vingadora do sol.

Busca assustado a paz ; busca chorando o olvido...  
Á volupia infernal o coração vendeu,  
E o inferno lhe reclama o coração vendido,  
Cobrando em sangue e pranto o gozo que lhe deu.

Quer rezar, quer voltar ao seu fervor primeiro,  
Quer, nas lages, de rojo, abominando o Mal,  
Ser de novo Christão, Fiel e Cavalleiro :  
Mas não encontra paz na paz da cathedral.

Pobre ! até no pallor das faces maceradas  
Das monjas, cuida ver as faces que beijou :  
Ah ! seios de marfim ! ah ! boccas perfumadas !  
Recordação cruel de um Eden que acabou !

Parte só, sem destino, errando, a passo incerto,  
Por montes e rechaus, no inverno e no verão,  
E por annos sem conta habitando o deserto,  
Sem lagrimas no olhar, sem fé no coração.

Das florestas sem fim sob a abobada escura  
Ouve, nos alcantis de em torno, a agua rolar ;  
Sobre elle, a longa voz das arvores murmura,  
E o vendaval retorce os ramos negros no ar.

Mas á féra, ao insecto, ao limo verde, ao vento.  
Ao sol, ao rio, ao valle, á rocha, á serpe, á flôr  
É em vão que Wilfredo implora o esquecimento  
Do seu amor cruel, do seu horrendo amor...

#### IV

#### *O Castigo.*

Volta... Nem lucta já contra o crime que o attráe...  
Velho e tropego vem, mendigo esfarrapado.

E exanime, por fim, num calefrio, cáe  
Sem consciencia, ao pé das aguas do Peccado.

Calma. A noite cahiu. Nem um passaro vóa.  
Não piam no silencio as aves agoirciras.  
Mas palpitam, luzindo, á beira da lagoa,  
Fogos fatuos subítis sobre as hervas rasteiras.

E, então, Wilfredo vê, preza de um medo atroz,  
Do denso turbilhão dos fogos repentinos,  
Com tentações no olhar e convites na voz  
Surgirem turbilhões de corpos femininos.

E o inferno pela voz dos fogos fatuos fala !  
Wilfredo foge. O horror vae com elle, inclemente !  
Foge. E corre, e vacilla, e tropeça, e resvala,  
E levanta-se, e foge allucinadamente...

Em vão ! pesa sobre elle um destino fatal :  
E o louco, em todo o horror dos campos tenebrosos,  
Vê fechar-se e prendel-o a cadcia iufernal  
Da infernal multidão dos Elfos amorosos...

## TEDIO

Sobre minh'alma, como sobre um throno,  
Senhor brutal, pesa o aborrecimento.  
Como tardas em vir, ultimo outono,  
Lançar-me as folhas ultimas ao vento !

Oh ! dormir, no silencio e no abandono,  
Só, sem um sonho, sem um pensamento,  
E, no lethargo do aniquilamento,  
Ter, ó pedra, a quietude do teu somno !

Oh ! deixar de sonhar o que não vejo !  
Ter o sangue gelado, e a carne fria !  
E, de uma luz crepuscular velada,

Deixar a alma dormir sem um desejo,  
Ampla, funebre, lugubre, vazia  
Como uma cathedral abandonada !...

## REQUIESCAT

Porque me vens, com o mesmo riso,  
Porque me vens, com o mesmo olhar,  
Lembrar aquelle Paraiso,  
Extincto para nós ?

Porque levantas esta lousa ?  
Porque, entre as sombras funeraes,  
Vens accordar o que repousa,  
O que não vive mais ?

Ah! esqueçamos, esqueçamos  
Que foste minha e que fui teu :  
Não lembres mais que nos amámos,  
Que o nosso amor morreu !

O amor é uma arvore ampla, e rica  
De fructos de ot rã, e de embriaguez :

Infelizmente, fructifica  
Apenas uma vez...

Sob essas ramas perfumadas,  
Teus beijos todos eram meus :  
E as nossas almas abraçadas  
Fugiam para Deus.

Mas os teus beijos esfriaram...  
Lembra-te bem ! lembra-te bem !  
E as folhas pallidas murcharam,  
E o nosso amor tambem.

Ah ! fructos de ouro, que colhemos,  
Fructos da calida estação,  
Com que delicia vos mordemos,  
Com que sofreguidão !

Lembras-te ? os fructos eram doces...  
Se inda os pudessemos provar !  
Se eu fosse teu... se minha fosses,  
E eu te pudesse amar...

Em vão, porém, me beijas, louca !  
Teu beijo, a palpitar e a arder,  
Não achará, na minha bocca,  
Outro para o acolher.

Não ha mais beijos, nem mais pranto !  
Lembras-te ? quando te perdi,

Beije-te tanto, chorei tanto,  
Com tanto amor, por ti,

Que os olhos, vês ? já tenho enxutos,  
E a minha bocca se cansou :  
A arvore já não tem mais fructos !  
Adeus ! tudo acabou !

Outras paixões, outras idades !  
Sejam os nossos corações  
Dois relicarios de saudades  
E de recordações.

Ah ! esqueçamos, esqueçamos !  
Durma tranquillo o nosso amor  
Na cova rasa onde o enterrámos  
Entre os rosaes em flôr...

## SURDINA

No ar socegado um sino canta,  
Um sino canta no ar sombrio...  
Pallida, Venus se levanta...  
Que frio!

Um sino canta. O campanario  
Longe, entre nevoas, apparece...  
Sino, que cantas solitario,  
Que quer dizer a tua prece?

Que frio! embuçam-se as collinas :  
Chóra, correndo, a agua do rio ;  
E o céo se cobre de neblinas...  
Que frio!

Ninguem... A estrada, ampla e silente,  
Sem caminhantes, adormece...



Sino, que cantas docemente,  
Que quer dizer a tua prece ?

Que medo panico me aperta  
O coração triste e vazio !  
Que esperas mais, alma deserta ?  
Que frio !

Já tanto amei ! já soffri tanto !  
Olhos, porque inda estaes molhados ?  
Porque é que choro, a ouvir-te o canto,  
Sino que dobras a finados ?

Trevas, cahi ! que o dia é morto !  
Morre tambem, sonho erradio !  
— A morte é o ultimo conforto...  
Que frio !

Pobres amores, sem destino,  
Soltos ao vento, e dizimados !  
Inda vos choro... E, como um sino,  
Meu coração dobra a finados.

E com que magua o sino canta,  
No ar socegado, no ar sombrio !  
— Pallida, Venus se levanta...  
Que frio !

## ULTIMA PAGINA

Primavera. Um sorriso aberto em tudo. Os ramos  
Numa palpação de flôres e de ninhos.  
Doirava o sol de outubro a areia dos caminhos  
(Lembras-te, Rosa?) e ao sol de outubro nos amámos.

Verão. (Lembras-te, Dulce?) à beira-mar, sósinhos,  
Tentou-nos o peccado olhaste-me... e peccámos.  
E o outono desfolhava os roseiraes vizinhos,  
Ó Laura, a vez primeira em que nos abraçámos...

Veio o inverno. Porém, sentada em meus joelhos,  
Núa, presos aos meus os teus labios vermelhos,  
(Lembras-te, Branca?) ardia a tua carne em flôr...

Carne, que queres mais? Coração, que mais queres?  
Passam as estações e passam as mulheres...  
E eu tenho amado tanto! e não conheço o Amor!

## AS VIAGENS





I

*Primeira migração.*

Sinto ás vezes ferir-me a retina offuscada  
Um sonho : — A natureza abre as perpetuas fontes.  
E, ao clarão creador que invade os horizontes,  
Vejo a Terra sorrir á primeira alvorada.

Nos mares e nos céos, nas rechans e nos montes,  
A Vida canta, chora, arde, delira, brada...  
E arfa a Terra, num parto horrendo, carregada  
De monstros, de mammouths e de rhinocerontes.

Rude, uma geração de gigantes accorda  
Para a conquista. A uivar, do refugio das furnas  
A migração primeira, em torvelins, transborda.

E ouço, longe, rodar, nas primitivas éras,  
Como uma tempestade entre as sombras nocturnas,  
O esturpido brutal d'essa invasão de feras.

## II

*Os Phenicios.*

Avida gente, ousada e moça! Avida gente!  
— D'esse esteril torrão, d'esse areal maninho  
Entre o Libano e o mar da Syria, — que caminho  
Busea, turvo de febre, o vosso olhar ardente?

Tyro, do vivo azul do pelago marinho,  
Branca, nadando em luz, surge resplandecente...  
Na agua, aberta em clarões, chocam-se de repente  
Os remos. Rangem no ar os velames de linho.

Hiram, com o sceptro negro em que ardem pedrarias,  
Conta as bareas de cedro, atupidas de fardos  
De ouro, purpura, onyx, sedas e especiarias.

Sus! Ao largo! Melkart abençõe a partida  
Dos que vão de Sidon, de Gebel e de Antardus  
Dilatar o commercio e propagar a Vida!

## III

*Israel.*

Caminhar! caminhar!... O deserto primeiro,  
O mar depois... Areia e fogo... Foragida,  
A tua raça corre os desastres da vida,  
Insultada na patria e odiada no estrangeiro!

Onde o leite, onde o mel da Terra Promettida?  
— A guerra! a ira de Deus! o exodo! o captiveiro!  
E, molhada de pranto, a ocellar de um salgueiro,  
A tua harpa, Israel, a tua harpa esquecida!

Sem templo, sem altar, vagas perpetuamente...  
E, em torno de Sião, do Libano ao Mar Morto,  
Fulge, de monte em monte, o escarneo do Crescente:

E, impassivel, Jehovah te vê do eéo profundo,  
— Naufrago amaldiçoado — errar de porto em porto,  
Entre as imprecações e os ultrages do mundo!

## IV

*Alexandre.*

Quem te cantára um dia a ambição desmarcada,  
Filho da heráklea estirpe! e o clamor infinito  
Com que o povo da Emathia acorreu ao teu grito,  
Voando, como um tufão, sobre a terra abrazada!

Do Adriatico-Mar ao Indus, e do Egypto  
Ao Caucaso, o fulgor do aceiro d'essa espada  
Prosternava, a tremer, sobre a lama da estrada,  
Idolos de ouro e bronze, e esphinges de granito.

Mar que regouga e estronda, espedaçando diques,  
— Aos confins da Asia rica as phalanges corriam,  
Encrespadas de furia e erriçadas de piques.

E do sangue, do pó, dos destroços da guerra,  
Aos teus pés, palpitando, as cidades nasciam,  
E a Alma Grega, contigo, avassallava a Terra!



## V

*Cezar.*

Na ilha de Seyne. O mar brame na costa bruta.  
Gemem os bardos. Triste, o olhar por céos em fóra  
Uma druidiza alonga, e os astros mira, e chora  
De pé, no liminar da tenebrosa gruta.

Abandonou-te o deus que a tua raça adora,  
Pobre filha de Teut! Cezar ahí vem! Escuta  
O passo das legiões! ouve o fragor da lucta  
E o alto e crebro clangor da buccina sonora!

Dos Alpes, sacudindo as azas de ouro ao vento,  
As grandes aguias sobre os dominios gaulezes  
Descem, escurecendo o azul do firmamento...

E já, do Interno Mar ao Mar Armoricano,  
Retumba o entrecocar dos rutilos pavезes  
Que carregam á gloria o Imperador romano.

## VI

*Os barbaros.*

Ventre nú, seios nus, toda nua, cantando  
Do esmorecer da tarde ao resurgir do dia,  
Roma lasciva e louca, ao rebramar da orgia,  
Souvava, de triclinio em triclinio rolando.

Mas já da longe Scythia e da Germania fria,  
Esfaimado, rangendo os dentes, como um bando  
De lobos o sabor da preza antegozando,  
O tropel rugidor dos Barbaros descia.

Eil-os! A herva, aos seus pés, mirra. De sangue cheios,  
Turvam-se os rios. Louca, a floresta farfalha...  
E eil-os, — torvos, brutos, cabelludos e feios!

Donar, Pae da Tormenta, á frente d'elles corre :  
E a ignea barba do dens, que o incendio ateia e espalha,  
Illumina a agonia a esse imperio que morre...

## VII

*As cruzadas.*

(Diante de um retrato antigo.)

Fulge-te o morrião sobre o cabello louro,  
E avultas na moldura, alto, esbelto e membrudo,  
Guerreiro que por Deus abandonaste tudo,  
Desbaratando o Turco, o Sarraceno e o Mouro!

Brilha-te a lança á mão, presa ao guante de couro.  
Nos peitoraes de ferro arfa-te o peito ossudo.  
E alça-se-te o brazão sobre a chapa do escudo,  
Nobre : — em campo de blau sete besantes de ouro.

« Diex le volt! E, barão entre os barões primeiro,  
Foste, atravez da Europa, ao Sepulcro ameaçado,  
Dentro de um turbilhão de pagens e escudeiros...

E era-te o gladio ao punho um relampago ardente!  
E o teu pendão de guerra ondeou, glorioso, ao lado  
Do pendão de Balduino, Imperador do Oriente.



## XI

*O Polo.*

.. Pára, Conquistador intemorato e forte!  
Pára! que buscas mais que te ennobreça e eleve?  
E tão alegre o sol! a existencia é tão breve!  
E é tão fria essa tumba entre os gelos do Norte!

Dorme o céo. Numa ronda esqualida, de leve,  
Erram fantasmas. Reina um silencio de morte.  
Phocas de vulto informe, ursos de estranho porte  
« Morosamente vão de rastros sobre a neve...

Em vão!... E o gelo cresce, e espedaça o navio.  
E elle, subjugador do perigo e do medo,  
Sem um gemido cáe, morto de fome e frio.

E o Mystério se fecha aos seus olhos serenos...  
Que importa? Outros virão devassar-lhe o segredo!  
Um cadaver demais... um sonhador de menos...

## XII

*A Morte.*

Oh! a jornada negra! A alma se despedaça...  
Tremem as mãos... O olhar, molhado e ancioso, espia,  
E vê fugir, fugir a ribanceira fria,  
Por onde a procissão dos dias mortos passa.

No céu gelado expira o derradeiro dia.  
É a ultima região que o teu olhar devassa!  
É só, trevoso e largo, o mar estardalhaça  
No indizível horror de uma noite vazia...

Pobre! porque, a soffrer, a Léste e a Oeste, ao Norte  
É ao Sul, desperdiçaste a força de tua alma?  
Tinhas tão perto o Bem, tendo tão perto a Morte!

Paz á tua ambição! paz á tua loucura!  
A conquista melhor é a conquista da Calma :  
— Conquistaste o paiz do Somno e da Ventura!

## XIII

## A MISSÃO DE PURNA

*(Do Evangelho de Buddha)*

Ora Buddha, que, em prol da nova fé, levanta  
Na Índia antiga o clamor de uma cruzada santa  
Contra a religião dos Brahmanes, — medita.

Immensa, em torno ao sabio, a multidão se agita  
E ha n'essa multidão, que enche a planície vasta,  
Homens de toda a especie, Aryas de toda a casta.

Todos os que (a principio, enchia Brahma o espaço...)  
Da cabeça, do pé, da côxa ou do antebraço  
Do deus vieram á luz para povoar a terra :  
— Kehátrias, de braço forte armado para a guerra ;  
Çakias, filhos de reis ; leprosos perseguidos  
Como cães, como cães de lar em lar corridos :

Os que vivem no mal e os que amam a virtude ;  
 Os ricos de belleza e os pobres de saúde ;  
 Mulheres fortes, — mães ou prostitutas, cheio  
 De tentações o olhar ou de alvo leite o seio ;  
 Guardadores de bois ; robustos lavradores,  
 A cujo arado a terra abre em fructos e flôres ;  
 Creanças ; anciãos ; sacerdotes de Brahma ;  
 Párias, Sudras servis rastejando na lama ;  
 — Todos acham amor dentro da alma de Buddha,  
 E tudo nesse amor se eternisa e transmuda...  
 Porque o sabio, envolvendo a tudo, em seu caminho,  
 Na mesma caridade e no mesmo carinho,  
 Sem distincção promette a toda a raça humana  
 A bemaventurança eterna do Nirvana.

Ora, Buddha medita...

    À maneira do orvalho,  
 Que, na calma da noite, anda de galho em galho  
 Dando vida e humidade ás arvores crestadas,  
 — Aos corações sem fé e ás almas desgraçadas  
 Concede o novo crêdo a esperanza do somno :  
 Mas... as almas que estão, no horrivel abandono  
 Dos desertos, de par com os animaes ferozes,  
 Longe de humano olhar, longe de humanas vozes,  
 A rolar, a rolar de peccado em peccado?...

Ergue-se Buddha :

    Purna !

    O discipulo amado

Chega :

    Purna ! é mister que a palavra divina



Da agua do mar de Oman á agua do mar da China,  
 Longe do Indus natal e das margens do Ganges,  
 Semeies, atravez de dardos, e de alfanges,  
 E de torturas!

Purna ouve sorrindo, e cala...

No silencio em que está, um sonho doce o embala :  
 No profundo clarão do seu olhar profundo,  
 Brillam a ancia da morte e o desprezo do mundo.  
 O corpo, que o rígor das privações consome,  
 Esqueletico, nú, comido pela fome,  
 Treme, quasi a cair, como um bambú com o vento ;  
 E erra-lhe á flôr da bocca a luz do firmamento  
 Presa a um sorriso de anjo...

E ajoelha junto ao Santo :

Beija-lhe o pó dos pés, beija-lhe o pó do manto.

! Filho amado! — diz Buddha — essas barbaras gentes  
 São grosseiras e vis, são rudes e inclementes ;  
 Se os homens (que, em geral, são máos os homens todos)  
 Te insultarem a crença, e a cobrirem de apodos,  
 Que dirás, que farás contra essa gente inculta ?

Mestre! direi que é boa a gente que me insulta,  
 Pois, podendo espancar-me, apenas me injuria...

« Filho amado! e se, a injuria abandonando, um dia  
 Um homem te espancar, vendo-te fraco e inerme,  
 E sem piedade aos pés te pisar, como a um verme? »

« Mestre! direi que é bom o homem que me magôa,  
 Pois, podendo ferir-me, apenas me esbordôa...

Filho amado! e se alguém, vendo-te agonisante,  
Te furar com um punhal a carne palpitante?

Mestre! direi que é bom quem minha carne fura,  
Pois, podendo matar-me, apenas me tortura...

Filho amado! e se, enfim, sedentos de mais sangue,  
Te arrancarem ao corpo enfraquecido e exsangue  
O ultimo alento, o sopro ultimo da existencia,  
Que dirás, ao morrer, contra tanta inclemencia?

Mestre! direi que é bom quem me livra da vida!  
Mestre! direi que adoro a mão boa e querida,  
Que, com tão pouca dôr, minha carne cansada  
Entrega ao summo bem e á summa paz do Nada! »

Filho amado! — diz Buddha — a palavra divina,  
Da agua do mar de Oman á agua do mar da China,  
Longe do Indus natal e dos valles do Ganges,  
Vae levar, atravez de dardos e de alfanges!  
Purna! ao fim da Renuncia e ao fim da Caridade  
Chegaste, estrangulando a tua humanidade!  
Tu, sim! pódes partir, apostolo perfeito,  
Que o Nirvana já teus dentro do proprio peito,  
E és digno de ir prégar a toda a raça humana  
A bemaventurança eterna do Nirvana!

## XIV

## SAGRES

.. Acreditavam os antigos celtas, do Guadiana espalhados até á costa, que, no templo circular do Promontorio Sacro, se reuniam á noite os deuses, em mysteriosas conversas com esse mar cheio de enganos e tentações ..

OL. MARTINS. — *Hist. de Portugal.*

Em Sagres. Ao tufão, que se desencadeia,  
A agua negra, em cachões, se precipita, a uivar ;  
Retorcem-se gemendo os zimbros sobre a areia...  
E, impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme,  
Sob as trevas do céu, pelas trevas do mar,  
Berço de um mundo novo, o promontorio dorme.

Só, na tragica noite e no sitio medonho,  
Inquieto como o mar sentindo o coração,  
Mais largo do que o mar sentindo o proprio sonho,  
— Só, aferrando os pés sobre um penhasco a pique,  
Sorvendo a ventania e espiando a escuridão,  
Quêda, como um fantasma, o Infante Dom Henrique ..

Casto, fugindo o amor, atravessa a existencia  
Immune de paixões, sem um grito sequer  
Na carne adormecida em plena adolescencia ;  
E nunca approximou da face envelhecida  
O nectario da flôr, a boeca da mulher,  
Nada do que perfuma o deserto da vida.

Forte, em Ceuta, ao clamor dos pifanos de guerra,  
Entre as mesnadas (quando a matança sem dó  
Dizimava a moirama e estremecia a terra),  
Viram-no levantar, immortal e brillante,  
Entre os raios do sol, entre as nuvens do pó,  
A alma de Portugal no acciço do montante.

Em Tanger, na jornada atroz do desbarato,  
— Duro, ensopando os pés em sangue portuguez,  
Empedrado na teima e no orgulho insensato,  
Calmo, na confusão do horrendo desenlace,  
— Vira partir o irmão para as prisões de Fez,  
Sem um tremor na voz, sem um tremor na face.

É que o Sonho lhe traz dentro de um pensamento  
A alma toda captiva. A alma de um sonhador  
Guarda em si mesma a terra, o mar, o firmamento,  
E, cerrada de todo á inspiração de fóra,  
Vive como um vulcão, cujo fogo interior  
A si mesmo immortal se nutre e se devora :

Terras da Fantasia ! Ilhas Afortunadas,  
Virgens, sob a meiguice e a limpidez do céu,

Como nymphas, á flôr das aguas remansadas!  
— Pondo o rumo das náos contra a noite horrorosa,  
Quem sondára esse abysmo e rompera esse véo,  
Ó sonho de Platão, Atlantida formosa!

« Mar tenebroso! aqui recebes, porventura,  
A syncope da vida, a agonia da luz...  
Começa o Cháos aqui, na orla da praia escura?  
E a mortalha do mundo a bruma que te veste?  
Mas não! por traz da bruma, erguendo ao sol a Cruz,  
Vós sorrides ao sol, Terras Christans do Preste!

Promontorio Sagrado! Aos teus pés, amoroso,  
Chora o monstro... Aos teus pés, todo o grande poder,  
Toda a força se esváe do Oceano Tenebroso...  
Que anciedade lhe agita os flancos? Que segredo,  
Que palavras confia essa boeca, a gemer,  
Entre beijos de espuma, á algidez do rochedo?

Que montanhas mordeu, no seu furor sagrado?  
Que rios, atravez de selvas e areiaes,  
Vieram n'elle encontrar um tumulo ignorado?  
De onde vem elle? ao sol de que remotas plagas  
Borbulhou e dormiu? que cidades reaes  
Embalou no regaço azul de suas vagas?

« Se tudo é morte além, — em que deserto horrendo,  
Em que ninho de treva os astros vão dormir?  
Em que soidão o sol sepulta-se, morrendo?  
Se tudo é morte além, porque, a soffrer, sem calma,

Erguendo os braços no ar, havemos de sentir  
Estas aspirações, como azas dentro da alma?

E, torturado e só, sobre o penhasco a pique,  
Com os olhos febris furando a escuridão,  
Queda como um fantasma o Infante Dom Henrique...  
Entre os zimbros e a nevoa, entre o vento e a salsugem,  
A voz incompreendida, a voz da Tentação  
Canta, ao surdo bater dos macaréos que rugem :

Ao largo, Ousado! o segredo  
Espera, com ansiedade,  
Alguem privado de medo  
E provido de vontade...

Verás d'estes mares largos  
Dissipar-se a cerração!  
Aguça os teus olhos, Argus!  
Tomará corpo a visão...

Sonha, afastado da guerra,  
De tudo! — em tua fraqueza,  
Tu, d'essa ponta de terra,  
Dominas a natureza!

Na escuridão que te cinge,  
OEdipo! com altivez,  
No olhar da líquida sphinge  
O olhar mergulhas, e lés...

Tu que, casto, entre os teus sabios,  
Murchando a flôr dos teus dias,  
Sobre mappas e astrolabios  
Encaneces e porfias ;

Tu, buscando o oceano infindo,  
Tu, apartado dos teus,  
(Para dos homens fugindo,  
Ficar mais perto de Deus) ;

Tu, no agro templo de Sagres,  
Ninho das naves esbeltas,  
Reproduzes os milagres  
Da idade escura dos Celtas

Vê como a noite está cheia  
De vagas sombras... Aqui,  
Deuses pisaram a areia  
Hoje pisada por ti.

E, como elles poderoso,  
Tu, mortal, tu, pequenino,  
Vences o Mar Tenebroso,  
Ficas senhor do Destino !

Já, enfunadas as velas,  
Como azas a palpar,  
Espalham-se as caravellas,  
Aves tontas pelo mar...

N'essas taboas oseillautes,  
Sob essas azas abertas,  
A alma dos teus navegantes  
Povôa as aguas desertas.

Já, do fundo do mar vario,  
Surgem as ilhas, assim  
Como as contas de um rosario,  
Soltas nas aguas sem fim.

Já, como cestas de flôres,  
Que o mar de leve balança,  
Abrem-se ao sol os Açôres  
Verdes, da côr da esperança.

Vencida a ponta encantada  
Do Bojador, teus heróes  
Pisam a Africa, abrazada  
Pela inclemencia dos sóes.

Não basta ! Avante !

Tu, morto

Em breve, tu, recolhido  
Em calma, ao ultimo porto,  
— Porto da paz e do olvido,

Não verás, com o olhar em chamma,  
Abrir-se, no oceano azul,  
O vôo das náos do Gama,  
De rostros feitos ao sul...



Que importa ? Vivo e offegando  
No offego das velas soltas,  
Teu sonho estará cantando  
A flôr das aguas revoltas.

Vencido, o peito arquejante,  
Levantado em furacões,  
Cheia a bocca e regougante  
De escuma e de imprecações,

Rasgando, em furia, ás unhas  
O peito, e contra os escolhos  
Golpando, em flammias iradas,  
Os relampagos dos olhos,

Louco, ululante, impotente  
Como um verme, — Adamastor  
Verá pela tua gente  
Galgado o Cabo do Horror !

Como o reflexo de um astro,  
Scintilla e a frota abençoã  
No tope de cada mastro  
O Sant' Elmo de Lisboa.

E alta já, de Moçambique  
A Calicut, a brilhar,  
Olha, Infante Dom Henrique !  
— Passou a Esphera Armillar...

Fartar! como um sanctuario  
Zeloso de seu thesouro,  
Que, ao toque de um temerario,  
Largas abre as portas de ouro,

— Eis as terras feiticiras  
Abertas... Da agua atravez,  
Deslisem fustas ligeiras,  
Corram avidas galés!

Ahi vão, opprimindo o oceano,  
Toda a prata que fascina,  
Todo o marfim africano,  
Todas as sedas da China...

Fartar!... Do seio feeuudo  
Do Oriente abrazado em luz,  
Derramem-se sobre o mundo  
As pedrarias de Hormuz!

Sonha, — afastado da guerra,  
Infante!... Em tua fraqueza,  
Tu, d'essa ponta de terra,  
Dominas a natureza!... »

Longa e calida, assim, fala a voz da Sereia...  
— Longe, um rôxo clarão rompe o nocturno véo.  
Doce agora, ameigando os zimbros sobre a areia,  
Passa o vento. Sorri pallidamente o dia...  
E subito, como um tabernaculo, o céo  
Entre faixas de prata e purpura, irradia...

Tenue, a principio, sobre as perolas da espuma,  
Dansa torvelinhando a chuva de ouro. Além,  
Invadida do fogo, arde e palpita a bruma,  
Numa scintillação de nacar e amethystas...  
E o olhar do Infante vê, na agua que vae e vem,  
Desenrolar-se vivo o drama das Conquistas.

Todo o oceano referve, incendiado em diamantes,  
Desmanchado em rubis. Galeões descommunaes,  
Crespas selvas sem fim de mastros deslumbrantes,  
Continentes de fogo, illhas resplandecendo,  
Costas de ambar, parccis de aljofres e coraes,  
— Surgem, redomoinhando e desaparecendo...

E o dia! — A bruma foge. Illuminam-se as grutas.  
Dissipam-se as visões... O Infante, a meditar,  
Como um fantasma, segue entre as rochas abruptas...  
E impassivel, oppondo ao mar o vulto enorme,  
Fim de um mundo sondando o deserto do mar,  
— Berço de um mundo novo — o promontorio dorme.



# O CAÇADOR DE ESMERALDAS

EPISODIO DA EPOPÉA SERTANISTA NO XVIIº SEculo





## O CAÇADOR DE ESMERALDAS

### I

Foi em março, ao findar das chuvas, quasi á entrada  
Do outono, quando a terra, em sêde requeimada  
Bebêra longamente as aguas da estação,  
— Que, em *bandeira*, buscando esmeraldas e prata,  
A frente dos peões filhos da rude matta,  
Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão.

Ah! quem te vira assim, no alvorecer da vida,  
Bruta Patria, no berço, entre as selvas dormida,  
No virginal pudor das primitivas éras, [anceio  
Quando, aos beijos do sol, mal comprehendendo o  
Do mundo por nascer que trazias no seio,  
Reboavas ao tropel dos indios e das fêras!

Já lá fóra, da ourela azul das enseadas,  
Das angras verdes, onde as aguas repousadas  
Vêm, borbulhando, á flôr dos cachopos cantar ;  
Das abras e da foz dos tumultuosos rios,  
— Tomadas de pavor, dando contra os baixios,  
As pirógas dos teus fugiam pelo mar...

De longe, ao duro vento oppondo as largas velas,  
Bailando ao furacão, vinham as caravellas,  
Entre os uivos do mar e o silencio dos astros ;  
E tu, do littoral, de rojo nas areias,  
Vias o oceano arfar, vias as ondas cheias  
De uma palpitação de proas e de mastros.

Pelo deserto immenso e liquido, os penhascos  
Feriam-n'as em vão, roiam-lhes os cascos...  
A quantas, quanta vez, rodando aos ventos máus,  
O primeiro pérgão, como a baixeis, quebrava !  
E lá iam, no alvor da espumarada brava,  
Despojos da ambição, cadaveres de náus.

Outras vinham, na febre heroica da conquista !  
E quando, de entre os véos das neblinas, á vista  
Dos nautas fulgurava o teu verde sorriso,  
Os seus olhos, ó Patria, enchiam-se de pranto :  
Era como se, erguendo a ponta do teu manto,  
Vissem, á beira d'agua, abrir-se o Paraíso !

Mais numerosa, mais audaz, de dia em dia,  
Engrossava a invasão. Como a enchente bravia,



Que sobre as terras, palmo a palmo, abre o lençol  
Da agua devastadora, — os brancos avançavam :  
E os teus filhos de bronze ante elles recuavam,  
Como a sombra recua ante a invasão do sol.

Já nas faldas da serra apinhavam-se aldeias ;  
Levantava-se a cruz sobre as alvas areias,  
Onde, ao brando mover dos leques das jussáras,  
Vivera e progredira a tua gente forte...  
Soprára a destruição, como um vento de morte,  
Desterrando os pagés, abatendo as cahíças.

Mas além, por detraz das broncas serranias,  
Na cerrada região das florestas sombrias,  
Cujos troncos, rompendo as lianas e os eipós,  
Alastravam no eéo leguas de rama escura ;  
Nos mattagaes, em euja horrivel espessura  
Só corria a anta leve e uivava a onça feroz ;

Além da aspera brenha, onde as tribus errantes  
Á sombra maternal das arvores gigantes  
Acampavam ; além das socegadas aguas  
Das lagoas, dormindo entre aningaes floridos ;  
Dos rios, aeachoando em quedas e bramidos,  
Mordendo os alcantis, roneando pelas fraguas :

— Ah!, não ia ecoar o estrupido da lucta...  
E, no seio nutriz da natureza bruta,  
Resguardava o pudor teu verde coração !  
Ah ! quem te vira assim, entre as selvas sonhando,  
Quando a *bandeira* entrou pelo teu seio, quando  
Fernão Dias Paes Leme invadiu o sertão !

## II

Para o norte inclinando a lombada brunosa,  
Entre os nateiros jaz a serra mysteriosa ;  
A azul Vupabussú beija-lhe as verdes faldas  
E aguas crespas, galgando abysmos e barrancos  
Atulhados de prata, humedecem-lhe os flancos  
Em cujos socavões dormem as esmeraldas.

Verde sonho!... é a jornada ao paiz da Loucura  
Quantas *bandeiras* já, pela mesma aventura  
Levadas, em tropel, na ancia de enriquecer !  
Em cada tremedal, em cada escarpa, em cada  
Brenha rude, o luar beija á noite uma ossada,  
Que vêm a uivar de fome, as onças remexer.

Que importa o desamparo em meio do deserto  
E essa vida sem lar, e esse vaguear incerto  
De terror em terror, luctando braço a braço  
Com a inclemencia do ceo e a dureza da sorte ?  
Serra bruta ! dar-lhe-has, antes de dar-lhe a morte,  
As pedras de Cortez que escondes no regaço !

E sete annos, de fio em fio destramando  
O mysterio, de passo em passo penetrando  
O verde arcano, foi o *bandeirante* audaz...  
— Marcha horrenda! derrota implacavel e calma,  
Sem uma hora de amor, estrangulando na alma  
Toda a recordação do que ficava atraz!

A cada volta, a Morte, afiando o olhar faminto,  
Incançavel no ardil, roadando o labyrintho  
Em que ás tontas errava a *bandeira* nas mattas,  
Cercando-a com o crescer dos rios iracundos,  
Espião-a no pendor dos boqueirões profundos,  
Onde vinham ruir com fragor as cascatas.

Aqui, tapando o espaço, entrelaçando as grenhas  
Em negros paredões, levantavam-se as hrenhas  
Cuja muralha, em vão, sem a poder dobrar,  
Vinham acometter os temporaes, aos roncões;  
E os machados, de sol a sol mordendo os troncos,  
Contra esse adarve bruto em vão rodavam no ar.

Dentro, no frio horror das balseiras escuras,  
Viscosas e oscillando, humidas colgaduras  
Pendiam de cipós na escuridão nocturna :  
E um mundo de reptis silvava no negrume,  
Cada folha pisada exhalava um queixume,  
E uma pupilla má chispava em cada fuma.

Depois, nos chapadões, o rude acampamento :  
As barracas, voando em frangalhos ao vento,

Ao granizo, á invernada, á chuva, ao temporal...  
E quantos d'elles, nús, sequiosos, no abandono,  
Iam ficando atraz, no derradeiro somno,  
Sem chegar ao sopé da collina fatal!

Que importava? Ao clarear da manhã, a companhia  
Buscava no horizonte o perfil da montanha.  
Quando appareceria enfim, veegando a espalda,  
Desenhada no céu entre as neblinas claras,  
A grande serra, mãe das esmeraldas raras,  
Verde e faiscante como uma grande esmeralda?

Avante! e os aguacões seguíam-se ás florestas...  
Vinham os lamacões, as lezíras funestas,  
De agua paralyzada e decomposta ao sol,  
Em cuja face, como um bando de fantasmas,  
Erravao dia e noite as febres e os miasmas,  
N'uma conda lethal sobre o pódre leuçal.

Agora, o aspero morro, os caminhos fragosos...  
Leve, de quando eoa quando, entre os troncos nodosos,  
Passa um plumeo cocac, como uma ave que voa...  
Uma feecha, subtil, silva e zarguncha... É a guerra!  
São os Indios! Retumba o echo da bruta serra  
Ao tropel... E o estridor da batalha rebôa.

Depois, os riheirões, nas levadas, transpondo  
As ribas, rebramando, e de estrondo em estrondo  
Inchando em cacarões o seio destruidor,  
E dessecando os troncos seculares,

No esto da alluvião estremeccendo os ares,  
E indo torvos rolar nos valles com fragor...

Sete annos! combatendo indios, febres, paludes.  
Féras, reptis, — contendo os sertanejos rudes,  
Dominando o furor da amotinada escolta...  
Sete annos!... E eis-o volta, emfim, com o seu thesouro!  
Com que amor, contra o peito, a saccola de couro  
Aperta, a transbordar de pedras verdes! — volta...

Mas num desvão da matta, uma tarde, ao sol posto,  
Pára. Um frio livor se lhe espalha no rosto...  
É a febre! O Vencedor não passará d'alli!  
Na terra que venceu ha-de cahir vencido!  
É a febre! é a morte! E o Heróe, tropego e envelhecido,  
Roto, e sem forças, cáe juíto do Guayculhy...

## III

Fernão Dias Paes Leme agonisa. Um lamento  
Chora longo, a rolar na longa voz do vento.  
Mugem soturnamente as aguas. O céu arde.  
Trasmonta fulvo o sol. E a natureza assiste,  
Na mesma solidão e na mesma hora triste,  
À agonia do heróe e á agonia da tarde.

Piam perto, na sombra, as aves agoireiras.  
Silvam as cobras. Longe, as feras carniceiras  
Uivam nas lapas. Desce a noite, como um véo.  
Pallido, no pallor da luz, o sertanejo  
Estorce-se no crebro e derradeiro arquejo.  
— Fernão Dias Paes Leme agonisa, e olha o céu.

Oh! esse ultimo olhar ao firmamento! A vida  
Em surtos de paixão e febre repartida,  
Toda, num só olhar, devorando as estrellas!  
Esse olhar, que sáe como um beijo da pupilla,  
— Que as implora, que bebe a sua luz tranquilla,  
Que morre... e nunca mais, nunca mais ha-de vel-as!

Eil-as todas, enchendo o céo, de canto a canto...  
Nunca assim se espalhou, resplandecendo tanto,  
Tanta constellação pela planície azul!  
Nunca Venus assim fulgiu! Nunca tão perto,  
Nunca com tanto amor sôbre o sertão deserto  
Pairou tremulamente o Cruzeiro do Sul!

Noites de outr'ora!... Enquanto a *bandeira* dormia  
Exhausta, e aspero o vento em derredor zunia  
E a voz do noitibó soava como um agouro,  
— Quantas vezes Fernão, do cabeço de um monte,  
Via lenta subir do fundo do horizonte  
A clara procissão d'essas *bandeiras* de ouro!

Adeus, astros da noite! Adeus, frescas ramagens  
Que a aurora desmanchava em perfumes selvagens!  
Ninhos cantando no ar! suspensos gynecéos  
Resoantes de amor! ontonos bemfeitores!  
Nuvens e aves, adeus! adeus, fêras e flôres!  
Fernão Dias Paes Leme espera a morte... Adeus!

O Sertanista ousado agonisa, sósinho...  
Empasta-lhe o suor a barba em desalinho;  
E com a roupa de couro em farrapos, deitado,  
Com a garganta afogada em uivos, ululante,  
Entre os troncos da brenha hirsuta, — o *Bandeirante*  
Jaz por terra, á feição de um tronco derribado...

E o delirio começa. A mão, que a febre agita,  
Ergue-se, treme no ar, sóbe, descamba afflicta,

Crispa os dedos, e sonda a terra, e escarva o chão :  
Saugra as unhas, revolve as raizes, acerta,  
Agarra o sacco, e apalpa-o, e contra o peito o aperta,  
Como para o enterrar dentro do coração.

Ah! misero demente! o teu thesouro e falso!  
Tu cacóinhaste em vão, por sete annos, no encaço  
De uma nuvem fallaz, de um sonho malfazejo!  
Enganou-te a ambição! mais pobre que um mendigo,  
Agonisas, sem luz, sem amor, sem amigo,  
Sem ter quem te conceda a extrema-unção de um beijo!

E foi para morrer de cansaço e de fome,  
Sem ter quem, murmurando em lagrimas teu nome,  
Te dê uma oração e um punhado de cal,  
— Que tantos corações calcaste sob os passos,  
E na alma da mulher que te estendia os braços,  
Sem piedade lançaste um veneno mortal!

E eil-a, a morte! e eil-o, o fim! A pallidez augmenta;  
Fernão Dias se esvae, mma syncope lenta...  
Mas, agoca, um clarão illumina-lhe a face :  
E essa face cavada e magra, que a tortura  
Da fome e as privações maceraram, — fulgura,  
Como se a aza ideal de um archanjo a roçasse.



## IV

Adoça-se-lhe o olhar, num fulgor indeciso ;  
Leve, na bocca afflante, esvoaça-lhe um sorriso...  
— E adelgaça-se o véo das sombras. O luar  
Abre no horror da noite uma verde clareira.  
Como para abraçar a natureza inteira,  
Fernão Dias Paes Leme estira os braços no ar...

Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chamma.  
Verdes, na verde matta, embalaçam-se as ramas,  
E flôres verdes no ar brandamente se movem ;  
Chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio ;  
Em esmeraldas flúe a agua verde do rio,  
E do céu, todo verde, as esmeraldas chovem...

E é uma resurreição ! O corpo se levanta :  
Nos olhos, já sem luz, a vida exsurge e canta !  
E esse destroço humano, esse pouco de pó  
Contra a destruição se aferra á vida, e luta,  
E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta  
A voz, que na soidão só elle escuta, — só :

« Morre! morrem-te ás mãos as pedras desejadas,  
 1 Desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...  
 Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo!  
 Nos campos, no pendor das montanhas fragosas,  
 Como um grande collar de esmeraldas gloriosas,  
 As tuas povoações se estenderão fulgindo...

Quando do acampamento o bando peregrino  
 Sabia, ante manhã, ao sabor do destino,  
 1 Em busca, ao norte e ao sul, de jazida melhor,  
 — No comoro de terra, em que teu pé poisára,  
 « Os colmados de palha aprumavam-se, e clara  
 A luz de uma lareira espancava o arredor.

Nesse lonco vagar, nessa marcha perdida,  
 Tu foste, como o sol, uma fonte de vida :  
 Cada passada tua era um caminho aberto!  
 Cada pouso mudado, uma nova conquista!  
 E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoísta,  
 Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

Morre! tu viverás nas estradas que abriste!  
 « Ten nome rolará no largo choro triste  
 « Da agua do Guaycuhy... Morre, Conquistador!  
 Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares  
 Subires, e, nutrindo uma arvore, cantares  
 Numa ramada verde entre um ninho e uma flôr!

« Morre! germinarão as sagradas sementes  
 Das gottas de suor, das lagrimas ardentes!

Hão-de fructificar as fomes e as vigílias!  
É um dia, povoada a terra em que te deitas,  
Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,  
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

« Tu cantarás na voz dos sinos, nas charrúas,  
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,  
No clamor do trabalho e nos hymnos da paz!  
É, subjugando o olvido, atravez das idades,  
Violador de sertões, plantador de cidades,  
Dentro do coração da patria viverás!

Dissipa-se a visão. Dorme de novo tudo.  
Agora, a deslizar pelo arvoredado mudo,  
Como um choro de prata algente o luar escorre.  
E sereno, feliz, no maternal regaço  
Da terra, sob a paz estrellada do espaço,  
Fernão Dias Paes Leme os olhos cerra. E morre.

1900.





## INDICE

---

### PANOPLIAS

Profissão de fô.	1
A morte de Tapyr.	9
A Gonçalves Dias.	15
Guerreira. . .	16
A um grande homem.	17
A sésta de Nero.	20
O incendio de Roma.	21
O sonho de Marco-Antonio.	22
Lendo a Iliada	26
Messalina.	27
A ronda nocturna.	28
Delenda Carthago!	29

### VIA-LACTEA

Talvez sonhasse quando a vi. Mas via,	39
Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura.	40
Tantos esparsos vi profusamente.	41
Como a floresta secular, sombria.	42
Dizem todos : « — Outr'ora como as aves.	43
Em mim tambem, que descuidado vistes.	44
Não têm faltado boccas de serpentes.	45
Em que céos mais azues, mais puros ares.	46
De outras sei que se mostram menos frias.	47

Deixa que o olhar do mundo emfim devasse.	18
Todos esses louvores — bem o viste —.	19
Sonhei que me esperavas. E, sonhando.	50
— Ora (dizeis) ouvir estrellas! Certo..	51
Viver não pude sem que o fel provasse	52
Inda hoje, o livro do passado abrindo	53
Lá fóra, a voz de vento ulule rouca !.	54
Por estas noites frias e brumosas. . . .	55
Dormes... Mas que sussurro a humedeceida.	56
Sae a passeio, mal o dia nasce. . . .	57
Olha-me! O teu olhar sereno e <b>brando</b> .	58
Sei que um dia não ha, e isso é bastante.	59
Quando te leio, as seenas animadas. . .	60
Laura! Dizes que Fabio anda offendido.	61
Vejo-a, e contemplo-a eommovido. Aquella.	62
Tu que no pego impuro das orgias ; . .	63
Quando eantas, minh' alma, desprezando.	64
Hontem — neseio que fui! — malieiosa.	65
Pinta-me a curva d'estes eóos. Agora.	66
Por tanto tempo, desvairado e afflicto.	67
Ao eoração que soffre, separado.	68
Longe de ti, se escuto, porventura.	69
Leio-te : — o pranto dos meus olhos rola —.	70
Como quizesse livre ser, deixando. . . .	71
Quando adivinha que vou vel-a, e á escada.	72
Pouco me pésa que moeis sorrindo.	77

## SARÇAS DE FOGO

O julgamento de Phrynéa .	73
Marinha. . . .	79
Sobre as bodas de um sexâgenario. . .	80
Abyssus.	82
Pantum. . . .	83
Na Thebaida.	86
E' n'estas noites socegadas.	87
N'uma eoncha.	90
Supplea.	91
Canção. . . .	93
Rio abaixo. . . .	94
Satania.	95
Quarenta annos .	100

Vestigios . . . . .	101
Um trecho de Gautier . . . . .	102
No liminar da morte . . . . .	105
Paraphrase de Baudelaire . . . . .	106
Rios e Pantanos . . . . .	109
De volta do baile . . . . .	110
Sahara vivo . . . . .	114
Beijo eterno . . . . .	115
Pomba e Chacal . . . . .	119
Medalha antiga . . . . .	120
No carcere . . . . .	122
Olhando a corrente . . . . .	123
Tenho frio e ardo em febre! . . . . .	124
Nel mezzo del camin . . . . .	126
Solitude . . . . .	127
A canção de Romeu . . . . .	128
A lamentação de Xenócrates . . . . .	131

## ALMA INQUIETA

A Avenida das Lagrimas . . . . .	143
Inania verba . . . . .	145
Midsummer's night's dream . . . . .	146
Mater . . . . .	148
Incontentado . . . . .	149
Sonho . . . . .	150
Primavera . . . . .	151
Dormindo . . . . .	152
Nocturno . . . . .	154
Virgens mortas . . . . .	158
O Cavalleiro pobre . . . . .	159
Ida . . . . .	161
Noite de inverno . . . . .	162
Vanitas . . . . .	166
Tercettos . . . . .	167
In extremis . . . . .	170
A alvorada do Amor . . . . .	172
Vita nuova . . . . .	174
Manhã de verão . . . . .	175
Dentro da noite . . . . .	177
Campo Santo . . . . .	180
Desterro . . . . .	182

Romeu e Julieta	183
Vinha de Naboth.	186
Sacrilegio.	187
Estancias.	190
Peccador.	193
Rei desthronado.	194
Só.	196
A um violinista.	197
Em uma tarde de outono.	203
Balladas romanticas.	204
Velha pagina.	210
Wilfredo.	213
Tedio.	218
Requiescat.	219
Surdina.	222
Ultima pagina.	224

## AS VIAGENS

Primeira migração.	227
Os phenicios.	228
Israel.	229
Alexandre.	230
Cesar.	231
Os barbaros.	232
As cruzadas.	233
As Indias.	234
O Brasil.	235
O Voador.	236
O Pólo.	237
A morte.	238
A missão de Purna	239
Sagres.	243

## O CAÇADOR DE ESMERALDAS 255





BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Collecção in-8º a 20000, 30000 e 40000 broch. Encadernado, 18000  
a mais por volume.

**Frank (Edmundo).**

Mariposas. 2 vol.

**Garrido (Ed.).**

Comedias. 3 vol.

Scenas e cançonetas. 1 vol.

Monologos. 1 vol.

**Gonçalves Dias.**

Obras poeticas. 2 vol.

**Gonzaga (Thomaz-Antonio).**

Martilia de Dirceu. 2 vol.

**Guimarães (Bernardo).**

Lendas e Romances. 1 vol.

O Ermitão de Muquem. 1 vol.

A Escrava Isaura. 1 vol.

O Garimpeiro. 1 vol.

A Ilha maldita. — O Pão de

Ouro. 1 vol.

Mauricio. 2 vol.

Rosaura, a engeitada. 1 vol.

O Seminarista. 1 vol.

Folhas do outono. 1 vol.

Novas Poesias. 1 vol.

Historias e tradições da pro-  
vincia de Minas-Geraes. 1 v.

**Guimarães Junior (Luiz).**

Contos sem pretensão. 1 vol.

Curvas e zigs-zags. 1 vol.

Filagranas. 1 vol.

Corymbos. 1 vol.

Nocturnos. 1 vol.

**Junqueira Freire.**

Obras completas. 2 vol.

**Landrio (Mgr).**

A mulher forte. 1 vol.

**Laurindo Rabello.**

Obras poeticas. 1 vol.

**Liais (E.).**

Supremacia intellectual da  
raça latina. 1 vol.

**Lucio de Mendonça**

Alveradas. 1 vol.

**Macedo (Dr J. M. de).**

Mulheres celebres. 1 vol.

A Carteira de meu tio. 1 vol.

O Culto do Dever. 1 vol.

Os dois amores. 2 vol.

O forasteiro. 3 vol.

A luneta magica. 2 vol.

Memorias do sobrinho de  
meu tio. 2 vol.

O Moço loiro. 2 vol.

A Moreninha.

As Mulheres de manfilla. 2 v.

A Namoradeira. 2 vol

Nina. 1 vol.

Vicentina. 2 vol.

Baroneza de Amor. 2 vol.

Um noivo e duas noivas. 3 v.

Um passeio pela cidade do  
Rio de Janeiro. 2 vol.

Os 4 pontos cardeaes. — A  
mysteriosa. 1 vol.

O Rio do Quarto. 1 vol.

Romances da Semana. 1 vol.

Rosa. 2 vol.

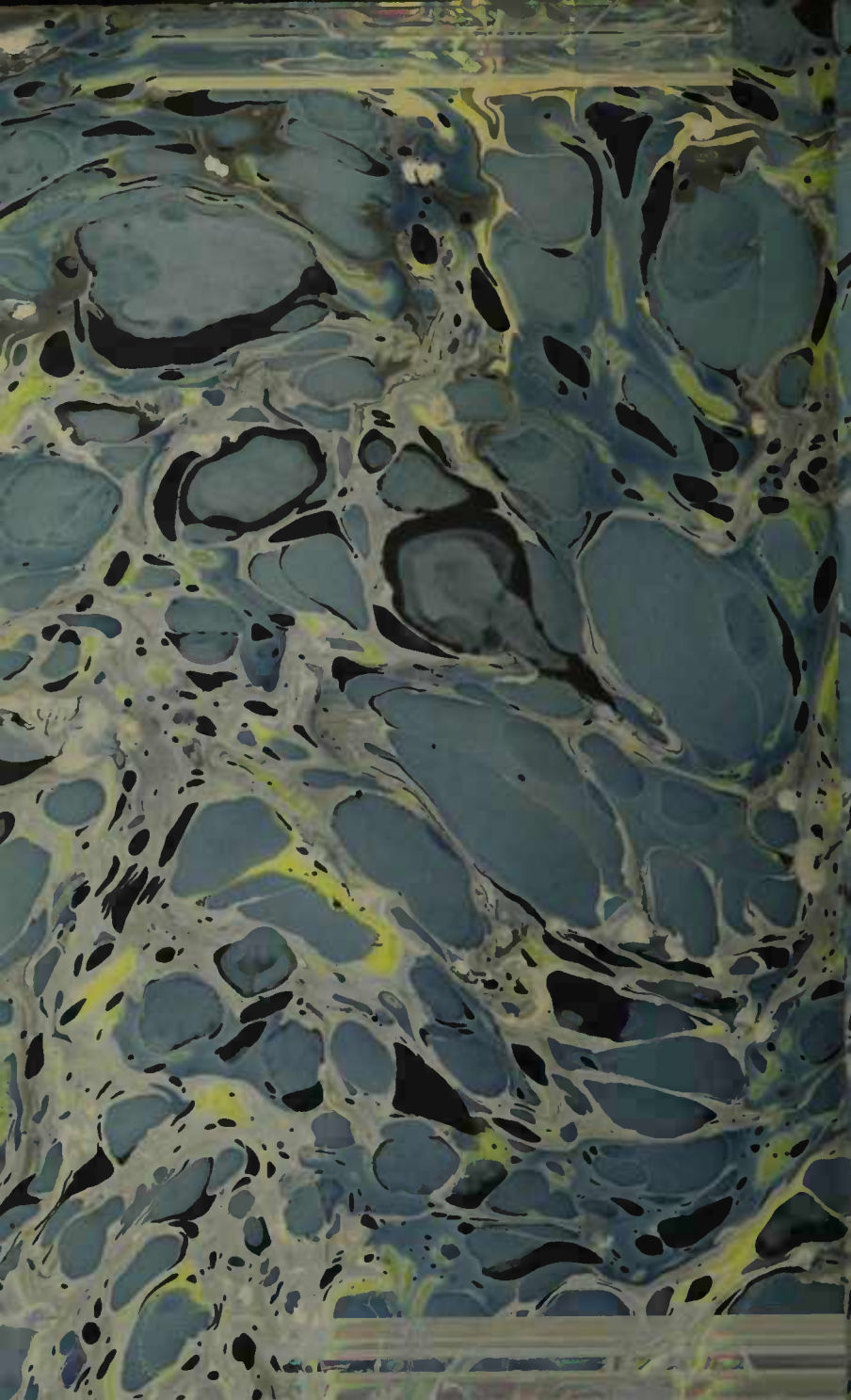
A nebulosa. 1 vol. in-4º.

Theatro completo. 3 vol.

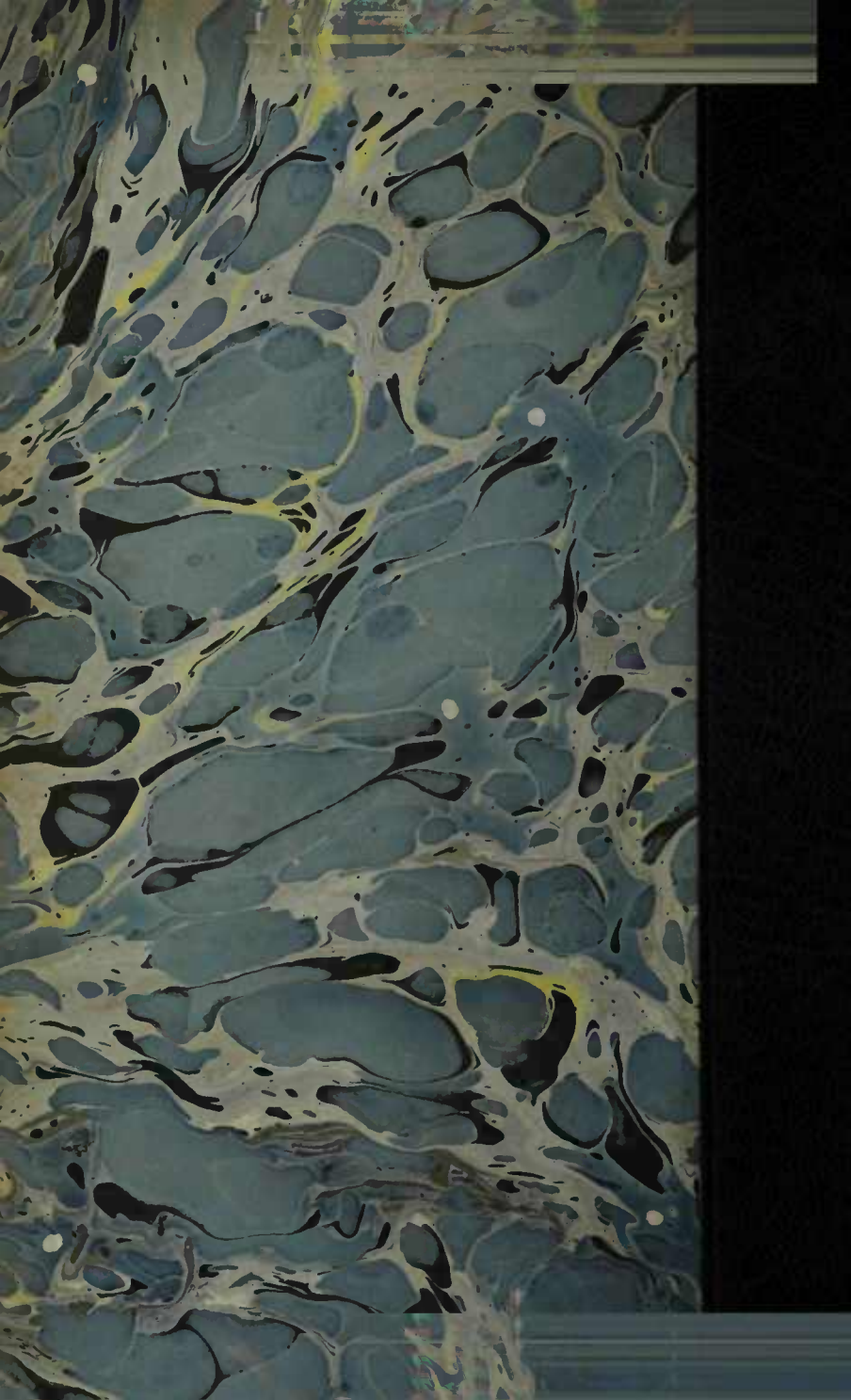
Victimas Algozes (As). 2 vol.

Memorias-da rua do Ouvidor.  
1 vol.









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).